

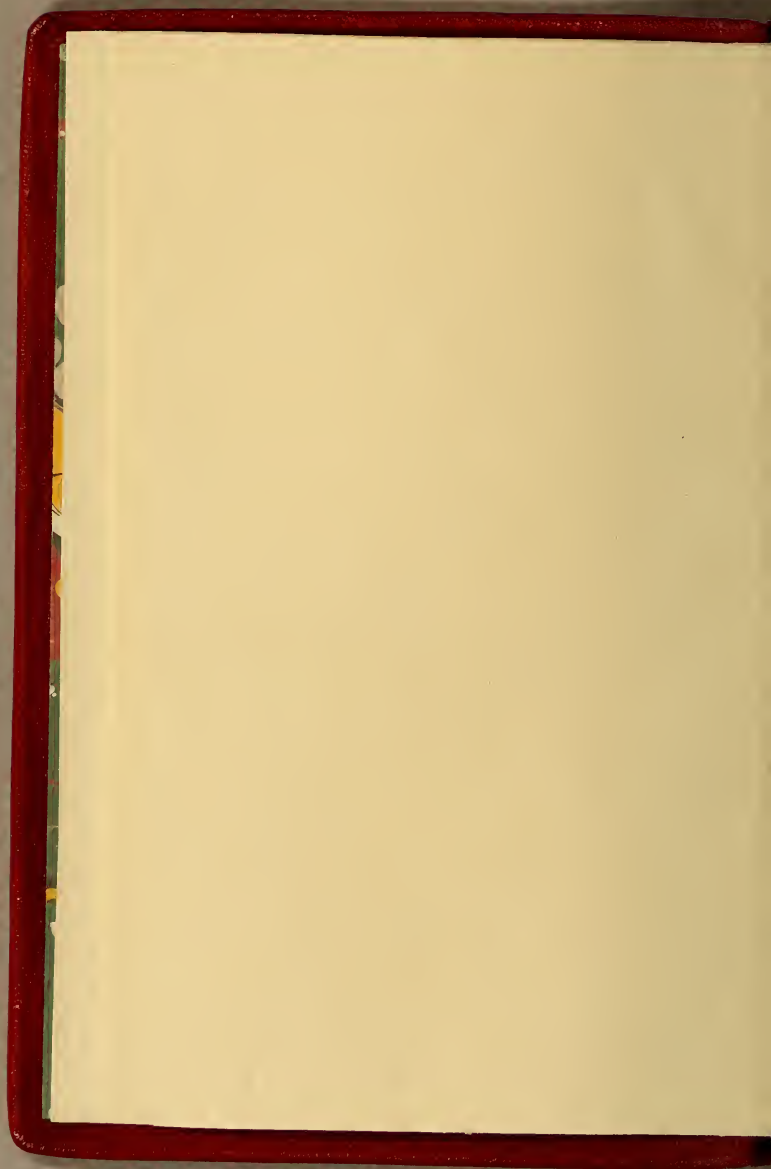




John Carter Brown  
Library  
Brown University

*The Gift of  
The Associates of  
The John Carter Brown Library*







# JORNAL POETICO,

O U

## COLLECCÃO

DAS MELHORES COMPOSIÇÕES,

EM TODO O GENERO, DOS MAIS INSIGNES POETAS  
PORTUGUEZES,

Tanto impressas, como inéditas,

OFFERECIDAS

AOS AMANTES DA NAÇÃO

P O R

DESIDERIO MARQUES LEÃO,

*Livreiro ao Calhariz.*



LISBOA:  
NA IMPRESSÃO REGIA.

1812.

*Com Licença.*

JOHN H. HAY

1850

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1850

DESIDERIO MARQUES LEÃO

A O L E I T O R.

**A** Poesia , aquella Arte admiravel encan-  
tadora , que teve sua primaria origem no  
fundo da mesma Natureza , e que dictou  
desde logo a voz , e a expressão no cora-  
ção do homem , sempre em todos os tem-  
pos soube grangear o apreço , e as estima-  
ções ainda dos povos mais grosseiros , e das  
Nações menos polidas ; acreditando-se com  
tamanha excellencia sobre todas as outras  
Artes , que não sem razão foi considerada  
de muitos Arte Divina , dom celestial con-  
cedido aos mortaes como lenitivo das pe-  
nalidades da vida. Daqui provinhão as hon-  
ras , e preeminencias , que os Antigos so-  
bremeira tributavão aos verdadeiros Poe-

tas; pois quando nestes reconheciam vivo; e perspicaz engenho, penetrante agudeza, enthusiasmo sublime, e impetuoso, e sabia maneira de pensar, e exprimir com magestade, imprimindo suavemente nos corações os documentos mais importantes da solida moral, que lhes fórma o seu essencial character, então os veneravam como os primeiros Mestres da Sabedoria, os mais insignes Filósofos, e os mais respeitaveis Legisladores. Assim passou entre os Gregos, assim o praticarão os Romanos; e quando transplantada depois ás modernas cultas Nações adquirio nova perfeição, não conheceo menos seu antigo lustre, e esplendor.

Entre todas ellas toca venturosamente ao nosso Portugal hum bem distincto grão de gloria, pois foi sem dúvida onde quasi em principios de sua Restauração, se não primeiro do que as outras, vio felizmente a sua entrada, e não faltando estimulos para sua acceitação, antes sobejando incentivos para seu augmento, passou a conseguir no auge mais elevado de sua perfeição o respeito dos grandes, a veneração dos Sabios, adoptada pelos Varões de superior talento, reconhecida das mais

illustres Academias, e auctorizada até no Throno por muitos dos nossos mesmos Principes, de que nos restão monumentos preciosos dignos de imitação, não menos de gloria e fama.

Havendo porém muitas, e excellentes Pessas de Poesia, que não virão a luz da imprêssão, ou que tendo sido publicadas em Folhetos separadamente por Edições quasi de todo consumidas, jazem no esquecimento meio mortas sem chegarem ás mãos dos que ambiciosamente as prezão, e procurão, pareceo-me bem em beneficio público, e por satisfazer aos rogos de alguns amigos que a isto me instavão (visto ser muito difficultoso, e quasi impossivel ordenar á imitação de outras Nações exacta, e completa Collecção de todas, ou como já entre nós tambem se praticou por vezes com o nome de Cancioneiros) offerrecer-te periodicamente, com o titulo de *Jornal Poetico*, todas as que pude acolher antigas, ou modernas, originaes, ou traduzidas de Poetas estrangeiros, as quaes com tudo são dignas de merecimento, e geral approvação, e a que 'o tempo sem esta diligencia acabaria como em muitas se lamenta sem remedio. Por esta maneira unin-



do huns aos outros os Folhetos (que completos que sejam dez numeros dos ditos Folhetos virão a compôr hum Volume) terás huma boa Colleção de muitas que de-sejas.

Sahirá cada numero duas vezes mensalmente. Espero que me recompenses o serviço que nisto te faço, acceitando-o de boa vontade; e reconhecendo o trabalho que nisto tenho, me dês os devidos agradecimentos.

*Vale.*

N. B. O preço para os Assignantes he 60 reis por cada numero, e para os não Assignantes a 100 reis.

# O D E

*Aos Annos da Illustrissima e Excellentissima  
Senhora D. Maria da Piedade e Noronha.*

**E**M as margens do Téjo crystalino  
Sentado o triste Velho,  
Poiza na foice, cuja dextra empunha  
O descarnado braço:  
A fêa catadura descomposta  
De rizos, e de agrados  
Assusta o bando das formosas Nynfas;  
Que têas de ouro lavráo.  
O panico temor pouco disfarção  
C'o brando entretenimento,  
Até que o Velho o rosto dezarruga,  
E toma ledos olhos:  
Ao mimoso trabalho se compassão  
Finissimos Cantares.  
Cantão doces amores, e ternuras  
Que brandas almas atão;  
Cantão da Illustrissima Maria  
Os dias venturosos,  
Cuja doce memoria hoje celebrão:  
Do undoso Téjo as Nynfas;  
Cantão o santo, e casto ajuntamento,

Que os excelsos Noronhas  
 Na Casa dos Beligeros Pesanhas  
 Illustramente entronca.  
 O' Tu, dia feliz, e venturoso  
 (Se alta Musa me inflamma)  
 Em bronzes não, em finas letras de ouro  
 Serás por mim eterno.  
 Ouvindo pois o Velho macilento  
 Já alegre, e risonho  
 As brandas Cantilenas, que voavão  
 Pelos vizinhos montes;  
 Compondo os secos braços se levanta,  
 E da Illustre Maria  
 Com justo acatamento aos pés lhe lança  
 A foice reluzente.

---

### E P I T A F I O,

*Que hum marido mandou gravar na sepultura  
da sua Consorte.*

Minha esposa aqui jaz. Que bem, que jaz!  
Por sua, e minha paz.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento,  
Filinto Elysio.*

Aos dous Novos Gamas, Messieurs Charles,  
e Robert, sobindo pela primeira vez na  
Maquina Aerostatica.

## O D E.

---

..... *Nihil mortalibus arduum est*  
*Cælum ipsum petimus.* Horat. lib. 1 Od. 3.

---

Assim deixou de Creta as cem Cidades  
O fabuloso Mestre,  
As estranhadas nuvens dividindo  
Com atrevidas pennas;  
Assim nos ensinou a ser Monarcas  
Do ligeiro elemento.  
Mas de arrojo agastada a Natureza  
Sob alçapão ferrado  
O temerario arcano poz seguro,  
E aos seculos vindouros  
Com manto espesso de nublada tréva  
Lhe encubrio o jazigo.  
Que não vence indefesso, improbo estudo,  
Que põe na gloria o fito!  
Que marcos não transpõe esporeado  
Destemido desejo!  
Virão da Morte a hedionda catadura  
(E com enxutos olhos)

Os Heróes arrojados, que deixarão  
 Impavida memoria;  
 Que na lança levirão sanguinosa  
 Conquistados Imperios:  
 E os que seguindo as leis da ardua virtude  
 Calcáráo denodados  
 O collo insidioso da calumnia,  
 Dragão de atro veneno.  
 Já tinha em fragil lenho sommettido  
 Os Reinos de Neptuno  
 Mortal desprezador da dubia morte;  
 E, alongando a carreira,  
 Da roxa Aurora visitado o leito;  
 Do tardão Boótes  
 Penetrado os gelados escondrijos  
 C'o sagaz astrolabio:  
 Já, devassando os terminos do mundo,  
 Inquietos humanos  
 Tinhão serras longuinhas, invios ermos  
 Trilhado aventureosos;  
 Com mão profana as lobregas entranhas  
 Da Terra revolvido...  
 E tu, Vulcano, que as Lipáreas Ilhas  
 Regías indomavel,  
 Regido foste, e á sabia mão sujeito,  
 Para os humanos Joves  
 Em dura escola trabalhaste os raios,  
 Que estáláo com ruina  
 Nas cerradas phalanges, nos reparos  
 Das munidas Cidades.  
 As estrellas, os orbes despedidos  
 Reconhecêráo regras.



E o raio assustador, e reluctante  
     Correo ingrata via.  
 Só resistia ufano, e mal soffrido,  
     Ao tentame frustrado,  
 Do vasto Eolo o Imperio não seguro,  
     Diaphanas campinas.  
 Os rijos Aquilões, Euros fogosos  
     C' o sopro amedrentavão  
 A progenie arriscada de Japeto:  
     As aguas infamadas  
 C' o nome do mancebo mais que affeito,  
     Com descorado medo  
 A empreza ambiciosa reprezavão.  
     Debalde a Natureza  
 Ao pertinace esforço se esquivava,  
     De sustos povoando  
 O largo plano dos desertos arez,  
     Desamparadas quédas  
 Opondo, escarnecidas, por barreiras:  
     O disvello incançado,  
 Que aguça a vista á sensação reflexa,  
     Arremessado rompe  
 Pelos montões de obstaculos, e investe  
     C' os penetraes vedados  
 A arrancar o segredo perigoso.  
     Para escalar os Astros  
 Intexe hum globo, imitador dos Orbes,  
     Que girão no ar vazio . . .  
 Eu mesmo o vi. ( 1 ) Obédiente ao mando

---

( 1 ) Em quanto o Globo de Messieurs Charles e Robert , subia mui serenamente entre acclama-

Deixou airoso a terra ;  
 Sobre as frentes dos homens assombrados  
 Levantado Planeta ,  
 Sulcava as raras ondas magestoso :  
 Em soberbo tryunfo  
 A regradá Sciencia aos Ceos subia ,  
 E furtando-se aos olhos ,  
 A nova estrella prefazia o gyro.  
 Tal Jupiter subido  
 Tira bizarro pelo ethéreo campo  
 Os Satellites fidos ,  
 D'um pólo ao outro pólo passeando  
 Na clara , estiva noite.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento,*  
 Eilinto Elysio.

---

ções , e assombro de todos , tecia eu esta Ode ,  
 tal qual vai impressa , menos algumas emendas , e  
 addições posteriores.

---

O AFOGADO RÉSURGIDO.

**D**E entre as flores viçosas,  
 Com que festiva crôa me tecia,  
 Salta Amor, que dormia  
 A' sombra de apinhadas, frescas rosas;  
 Mal sinto a revoada  
 Pelas azas o côlho, e debatendo  
 N' uma dôrna o mergulho d' azoada  
 Motejando-o, e soltando a surriada  
 Disse ao sonso Cupido:  
 « Lá vai á tua » (á taça arremettendo.)  
 Eis que lampeiro,  
 O Deos matreiro,  
 Mui surrateiro  
 Em vinho convertido  
 Nas entranhas me cála, onde me abraza  
 Com sede o bóte ardido  
 Me cóça o coração c' o a ponta da aza.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysio.

## SONETO

*Ao Têjo.*

**F**Ormoso Têjo meu, quáo diferente  
Te vi, e vejo, e vês agora, e viste;  
Turvo te vi eu já, tu a mim triste,  
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

A ti te foi trocando a grossa enchente,  
A quem teu largo campo não resiste,  
A mim trocon-mé a sorte, em que consiste  
O viver contente, ou descontente.

Já que somos no mal participantes,  
Sejamo-lo no bem; oh! quem me dera  
Que fossemos em tudo semelhantes.

Mas lá virá a fresca Primavera,  
Que tu virás a ser quem eras d'antes,  
E eu não sei se serci quem de antes cra,

## E L E G I A.

Cruel, que te fiz eu? que horrendo crime  
 Commetti contra ti? Haver-te amado?  
 Inda mal que a paixão tanto me opprime.

Se provas evidentes não te hei dado,  
 Meu rosto observa bem, verás qual seja  
 O fogo que as entranhas tem queimado.

E he possível, cruel, que hoje eu te veja  
 Afastar-te de mim, fugir de ouvir-me!  
 Já minha companhia te he sobeja?

Dize, dize, se gostas de affligir-me,  
 Ou se tens outro amor? Ah! por piedade,  
 Mais tempo não pertendas illudir-me.

Se eu te sou odioso, he crueldade  
 Não me dares hum triste desengano,  
 Que sendo dado a tempo, doe metade.

De huma vez da lembrança risca Albano;  
 Esquece-te do Nome de hum vivente,  
 Que te vio, que te amou para seu damno.

Se o teu peito cruel já não consente,  
 Que eu seja qual té agora afortunado,  
 Esquece-te de Albano descontente.



O Ceo, que te formou, terá cuidado  
De te dar hum Amante mais ditoso,  
Mais digno do que eu sou de ser amado.

Não nasci para ti, será forçoso  
Que de ti me separe, e que á ternura  
Ponha hum freio pezado, e rigoroso.

Mas, cruel, para que, dize, prejura,  
Meus votos acceitaste a vez primeira,  
Em que de Amor te fiz terna pintura?

Querias ver minha alma prizioneira?  
Fartastes a vontade; e agora Ingrata  
Desprezas minha fé constante, e inteira?

Voraz tempo, que tudo desbarata,  
Não quebrou os meus laços amorosos;  
Tua mão que os formou he que os desata.

Breves dias de paz, dias gostosos,  
Vi apenas raiar; eis negro manto  
Da tristeza os tornou dias penosos.

Acabou-se a illusão, deo fim o encanto,  
E em premio sou, do terno amor que sinto;  
Condemnado por ti a amargo pranto.

Os males que me esperão não te pinto,  
Por te não affligir; mas se hum instante  
Acreditas cruel, que eu te não minto,  
Sabe, que eu vou morrer, e morro amante.

*De Albano Ulisiponense.*

## SONETO.

**M**. Irradas pernas, e mitrados braços;  
 Tortas bocas, e esqualidas figuras,  
 Perdidas da belleza as côres puras,  
 Os olhos vivos se tornárão bassos;

Já não pôde réger aquelle os passos,  
 Esta não pôde as mãos erguer seguras;  
 Assim vem a esquivar-se as sepulturas,  
 Q' a parca lhe mostrou entre ameaços:

Huns se banhão, e os outros sorvem a agoa;  
 Que parece aquecêra o Deos ferreiro,  
 Entre o enxofre da Trinacria fragoa:

Julga pois com tal vista, e com tal cheiro,  
 Que nojo, e dôr eu tenho; e por mais mágoa,  
 Suppõe-me sem saude, e sem dinheiro.

*De Domingos Caldas Barbosa.*  
 Lereno Selinuntino.

*Sacrificio a Baccho.*

**A**lmo senhor das pampinosas vinhas,  
 Baccho, Rei da Alegria galhofeira,  
 Lá deixo aos pés da divinal parreira  
 Quebradas, as do Amor, flechas daninhas.

Escravo fugidio,

Seu jugo sacodi,

E me entreguei a Ti,

Deos contente, vermelho e luzidio,

Por prova de que venho bom vassallo,

Seguir teu estandarte,

De Nise os mimos, feitos com tanta arte

Já me não dão abalo:

Hontem os escritos da fiel Delmira

Queimeei em voraz fogo;

E a Chloris mandei logo

Seu retrato, que finge que respira.

Só conservo hum anel da loura Olaia

Fino, e de boa laia;

Que á manhã, se risonho, ó Baccho, me olhas

Vendo-o por me prover d'um saca-rôlhas.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysio.

*Ao noivado de hum grande Fidalgo da Corte,  
que se celebrou em dia de jejum.*

SONETO.

**M**ezas Regias em vespervas de Advanto,  
Frutas á cana, Vinho de Canarias,  
Tochas, Barris, Foguetes, Luminarias,  
Seges, Lacaio, Plumas de alto vento,

Pages, Copeiros, todos de espavento,  
Franjas, Galões, librés de côres varias,  
Flautas, Rebecas, Minuetes, Arias,  
Tudo signaes são d'alto casamento:

Mas em dia de peixe, eu não conheço,  
E de cantar acção que o Mundo atrôa,  
Cá me entendo, Senhor, escusa peço:

Que he tão arduo o lembrar-me cousa boa,  
Quando nóto a differença em gosto, e preço  
De hum rabo de sardinha a hum de leitôa.

*De Antonio Lobo de Carvalho.*



## O D E.

---

*Nonne videre  
 Nil aliud sibi Naturam latrare, nisi ut quum  
 Corpore sejunctus dolor absit, mente fruatur  
 Fucundo sensu, cura semota, metuque.  
 Lucret.*

---

**A** Penas alto pégo procelloso  
 Das revoltas paixões, novos Neptunos,  
 Estendemos, ao brado da virtude,  
     A repousada calma;  
 E a Rainha Razão pomos segura  
 No throno, (onde reinar sempre devêra,  
 Se com fagueira mão doloso vicio,  
     Não a céga, e derruba)  
 Olhando para trás vemos estrago,  
 Que insana, infrene furia commettêra:  
 Sôbem ás faces chammas de vergonha,  
     Cerra-se o peito de ira:  
 Qual, passado o naufragio, e o Ceo já puro  
 Das nuvens da tormenta, o Passageiro  
 Vê vir boiando á praia os mastros rotos,  
 As nadantes enxarcias.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.  
 Filinto Elysis.*



*Traducção do Epigramma, ou Epitafio de Dido  
por Ausonio, que he o XXVIII.*

**D**Ido, nas vodas triste fado corres;  
Morre-te hum, foges; foge-te outro, morres.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento,  
Filinto Elysio.*

*De outro modo.*

Quanto es, Dido, desgraçada  
Com dous maridos no mundo;  
Foges morrendo o primeiro,  
Morres fugindo o segundo.

*De hum Anonymo.*

*Epigrama 19, do livro primeiro de Marcial.*

**T**Inhas, Elia, se bem me lembro agora,  
Por todos quatro dentes; escarraste  
De huma vez com tossir dois juntos fóra,  
De outro tossir os outros dois lançaste:  
Tosse sem susto, que ainda que arrebentes,  
Já não has de escarrar mais outros dentes.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento,  
Filinto Elysio.*

*Na morte do Senhor D. José Principe do Brazil.*

E L E G I A.

**P**erdoa, sombra illustre, se o socego  
Das tuas frias cinzas turbar venho  
Cóm o som da Lyra triste, em que hoje pégo.

Perdoa, se com ais quebrado tenho  
O silencio da morte, em que repousas  
Nesta urna fatal do teu despenho.

Lá no throno celeste de que gozas,  
O teu formoso espirito despreza  
Da minha Muza as vozes laerimosas.

Mas a perda he tamanha, que a dor preza,  
Tanto que em noite eterna te escondeste,  
Brotou do peito em vivo fogo aceza.

Filhas do flavo Téjo, com cyprestes  
Enastrai as madeixas desgrenhadas,  
Chorai comigo a gloria que perdestes.

Para que regiões tão afastadas,  
Batendo as leves azas, nos fugistes,  
Docé alegria, esperanças mal logradas?

Aonde estão os bens, que nos fingistes?  
Onde aquelle prazer do fausto dia,  
Em que os olhos, Senhor, á luz abristes?

O Príncipe gentil na terra fria  
 Jaz submergido, em noite pavorosa,  
 Para nunca ver mais a luz, que via.

Do tronco de Bragança a flor mimosa  
 Junto do aureo Throno foi talhada  
 Pela foice da morte venenosa,

Coroa de mil brilhantes esmaltada,  
 Dourados sceptros, graças, gentileza,  
 Nada te abranda, ó Morte atraçoada!

Inexorável monstro de fereza,  
 Quantos fructos em flor arrebataste?  
 Que gloria ao Reino, ao Solio, que grandeza?

O alvo lindo rosto, que enrugaste  
 Para effeito das graças inda invejo;  
 Mas tu, cruel, em cinza o transformaste.

A quem não quebrantou mal tão sobejo?  
 As Tagides nas ondas se escondêrão,  
 Gmeo na verde gruta o longo Téjo.

Quantas lagrimas tristes se vertêrão,  
 Quantas madeixas de ouro se arrancárão,  
 Quando o livido corpo á terra derão?

As montanhas de Lysia se abalárão,  
 E a languida tristeza descorada  
 Sobre os seccos regaços encostárão.

Via-se a horrivel Deosa descarnada,  
 Hirto o cabello, o peito latejando  
 Da mágoa, e do silencio acompanhada;

Na macilenta mão de quando em quando  
 A lacrimosa face descançava,  
 Roucos, debeis gemidos exalando;

As pandas negras azas despregava,  
 E sobre os corações já quebrantados  
 Acerba dor, angustias derramava:

D' alli vòa aos reaes paços dourados,  
 E pelas vastas salas ululando  
 D' amargo pranto os deixa rociados.

Entra o ermo aposento, e soluçando  
 Junto á Real Princeza se assentava,  
 Novos prantos, e mágoas espalhando.

Oh! que ternas lembranças lhe acordava!  
 Do charo Esposo a voz enternecida  
 Confusa lhe parece que escutava.

Levanta, Lyra minha, a voz sentida,  
 Canta as mágoas, as queixas lastimosas  
 Da formosa Consorte esmorecida.

Seus lábios, que a côr tem de vivas rosas,  
 Do fido Esposo o nome articulavão,  
 Envolto em tristes lagrimas saudosas.

Que ternas vozes pelo ar soavão!  
O amor, da morte o horrífico Direito,  
Cada vez mais seus olhos magoavão.

Da branca mão ferido o tenro peito,  
Murchas na face as rosas inflammadas,  
Sem côr o rosto em lagrimas desfeito;

Com pranto ao Ceo levanta as mãos nevadas,  
Ergue os olhos chorosos, mas celestes,  
E estas vozes soltou d'alma arrancadas:

» Tornai-me, ó Ceos, o Esposo que me destes,  
» Recebe-me em teu seio, terra fria,  
» Ou me torna esse corpo que escondestes.»

Calava a terra, o Ceo não respondia;  
As Leis do Eterno Ser são immutaveis;  
Não ha na terra solida alegria,  
Só lá no Ceo os bens são perduraveis.

*Do Doutor Manoel Ignacio de Sousa Faialense.*



*A Primavera.*

## O D E.

**E** Stação da alegria,  
 Companheira do amor, e da esperança,  
 Recebe o culto meu. Da onda fria  
 O calado habitante não descança  
 Que vêr não venha tua imagem bella:  
     Tal como se atropella  
 Por lograr da tua aura a copia infusa  
 O susurrante hospede, que cruza  
 Mares, campos, e bosques, e cidades.  
     Oh quantas variedades  
 De frescura, de ardor, e de harmonia  
 Soprão no peito meu suave fogo,  
     Chamma subtil, e intensa!  
     Tua amavel Presença  
 Tal em a Natureza inspira logo  
 Desejo, que a propague, attraha, e mova,  
 Qual do Universo a face assim renova.

Como a terra enamora  
 Do Paphio Nume o Astro Luminoso!  
 Como rompendo vai a nivea Aurora  
 Do antigo câhos o vôo caliginoso,  
 As fugitivas sombras dissipando!  
     Como Delia açoitando  
 Os fogosos Ethontes sobre a rama  
 Desfilla de seu carro a viva chamma,  
 Que já montes, e valles alumia!

Como formoso o dia  
Do negro abysmo sacudindo fóra  
A cabeça, a adorna de mil flores!

Como harmonicis Aves  
Com requebros suaves  
Applaudem já a Deosa dos Amores,  
Que surgindo veloz dos brancos mates,  
Com jubilo, e prazer entrêa os ares!

Oh que vivo Horisonte  
Sofrego em roda o olho experto alcança!  
Tal sobre objectos mil, que já defronte  
E em torno vê, a alma se abalança,  
E tão veloz, que mais na pedra envolta  
A faisca não solta,  
Nem ao fraco mortal, que a vista emprega,  
O clarão do relampago não cega.

Ella os respira, apalpa, e gosta, e toca  
Com tão ávida boca,

Que junto ás agoas da sonora fonte  
Por todos os sentidos encantada

Nutrindo-se benigna

Não menos imagina

Toda em todos já ser transformada.  
Agora se obra, ó Flor, da Estação filha,  
Da amavel producção a maravilha.

Tu, que participante  
Es dos dois sexos, não (Ah!) tu não temes  
Affagos vis de enganador amante,  
Nem por huma infiel choras, e gemes.  
Para acudir á próvida existencia.

Tu sem impaciencia  
 Da Natureza o brando movimento  
 Feliz espreitas, de seu meigo intento  
 Vencer te deixas. Tu, ó Lirio amavel,  
     O' imagem adoravel  
 Da innocencia a mais pura, e a mais constante,  
 Hum halito mortal, a mão impura  
     Pelo sol, pela neve  
     Tocar em vão se atreve  
 Da veste Nupcial a fimbria pura.  
 Esse bem sem causar mancha, ou desmaio,  
 Só do Sol se concede ao puro raio.

Em teu augusto Templo  
 Que te adore permite o vasto mundo,  
 Quando em teu seio, ou calice contemplo  
 Hum sexo duplicado. De fecundo  
 Orvalho derretido os órgãos varios  
     Fieis Depositarios  
 Prováo interna commoção. Contentes  
 Já os torbilhões dos atomos viventes  
 Descem ao receptaculo. Hum etherio  
     Fogo já do mysterio  
 O signal annuncia. E por exemplo  
 N' um momento se cumpre acelerado  
     Da creação amavel  
     Toda a obra ineffavel.  
 Mas donde vêm o tubo organizado,  
 Que sobre as folhas trepa, e as consume,  
 Quando o gelo lhe apaga o vivo lume?

De espinhos coroados,  
 De informes pés; qual sua natureza  
 Ou destino será? Talvez dotado  
 Dos dois sexos foi sempre? Ou com presteza  
 O sexo amavel ternamente abraça?

Do olho á luz escassa  
 O furta pois subtil, e branda tã.  
 Por dentro da cortina se recrêa,  
 E transformado pelos ares voa;

Quando Eolo resôa:  
 Mais que o pãvã de Juno variado  
 Suas delgadas azas com vantagem

São o Zefiro brando,  
 Ou soltas ondeando,

Do Zefyro veloz a viva imagem:  
 Elle namora a flor, e a flor no meio  
 Amorosa o recebe, e lhe abre o seio.

Mas hum éco espantoso  
 Os ouvidos me fere! Tudo brama  
 No centro das cavernas tenebroso!  
 A sanguinosa guerra talvez chama  
 Ao combate o mortal?... Neste momento

Tudo he contentamento,  
 Amizade, prazer... He o rugido  
 Do Leão amoroso, que ferido  
 De terno amor á vista da Consorte

Depõe o rancor forte;  
 E chamejando o olho temeroso  
 Em fogo pela especie contendendo  
 Robusto Athleta geme;  
 Já se comprime, e treme;



E os vigorosos musculos perdendo  
 De repente o sensível vivo fogo  
 Ao pezo do prazer se abatem logo.

A montanha, que tenta  
 O globo rodear, que forte braço  
 A transporta na terra; em que se assenta?  
 De cujo cume no distante espaço  
 O freixo se ergue, o alemo frondoso,

O carvalho orgulhoso,  
 De cujos ramos pende o curto ninho  
 Do tímido, e ligeiro passarinho;  
 A cujos pés se prostra submettida  
 A vide, que exprimida

Da branda pelle o liquido rebenta,  
 Que alegra a mocidade, e de Hebe a taça  
 Tingia, quando illésa  
 De Jupiter á meza

O Nectar ministrava; porém lassa  
 Hum dia cahe; de pejo o posto cede,  
 Que depois serve o flavo Ganimede.

Deusa da Primavera,  
 Tu pelo amor guiada desce ao centro  
 Do profundo torrão, aonde a féra  
 Morte, e silencio eterno morão dentro:  
 Dos Elementos a favor te inclina,  
 Tudo attrahe, e combina.

Eis que dos mineraes brotas sem custo  
 Pasmosa variedade: como arbusto  
 A prata elevas, e o cristal luzente,  
 A pedra transparente,



E o peryto, que ao longe reverbera,  
 Como o Protheo da fabula vestindo  
 Mil diversas figuras,  
 Cujas vivas pinturas  
 Em variadas côres reluzindo  
 Formão o arco, com que o Ceo corôa,  
 Iris, quando ante o Sol com azas vôa.

Salve, campo vistoso,  
 Que foste virginal, mas fecundado  
 Agora pelo genio cobicoso  
 Do prudente cultor, e tempo amado,  
 Que torrentes de vida te circulão?

Já de teu seio pulão  
 A belleza, o primor, a mocidade.  
 Tu, que hes do anno a mais formosa idade,  
 A qual objecto, que distingo astuto,

Devo o doce tributo?  
 A' verdura será? Ao poderoso  
 Vegetal, que me nutre, e me engrandece?  
 Ao cantor, que suave  
 Desafia outra Ave

Sobre o tronco, que a sombra me offerece?  
 Ou á relva, que ao somno me convida?  
 Oh! não me fujas, não, sonho da vida.

Feliz atravessando  
 A pomposa seara, em paz me deixa,  
 Que eu pasme solitario contemplando  
 Os tenros pés que a Madre Terra enfeixa,  
 Que profusão! Mais solida abundancia  
 Na dilatada estancia

Os mortaes não descobrem. Como crescem  
 Já emulas dos bosques, e florecem  
 Louras espigas? Como sem cultura

Aqui produz natura

Os dons, que da Pomona! Se chegando  
 Mais perto vou, mais inda vou sentindo

Cevar se o meu desejo...

Mas onde estou? Que vejo?

Marcia aqui solitaria está dormindo?

Deixe-mo-la. Hymineo, amor constante

Ah! não perturbes, não, hum peito amante.

---

*Traducção do Epigramma 84 de Ausonio.*

A graça demorada he já desgraça;  
 E quando alguem dá liberalmente,  
 He mais de agradecer a boa graça.

## SONETO.

C Alada estava a terra, o Oceano quêdo;  
 Serenò o ar, o Ceo de côr rózada;  
 A mal desperta roza rociada  
 Movia o vento em placido segrêdo:

Soltava a Aurora a trança de aureo enrêdo,  
 De rubins semêando ao Sól a entrada;  
 Que, mais que nunca, a fulgida arraiada  
 Lançava sobre as pontas do arvoredô.

Eis no prado apontou Philis formosa  
 Mais brilhante horisontê ao mundo ábrindo  
 Com dois Soes de outra luz mais graciosa.

Lá te vás entre as nuvens encobrindo,  
 Altivo Rei de esfêra luminosa;  
 Assim ao ver-te a Lua foi fugindo.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filintô Elysio.

## SONETO.

**C**Ançado pensamento, em paz me deixa  
Respirar hum momento socegado;  
Assás he tempo em fim que hum desgraçado  
Ponha termo ao seu pranto, á sua queixa.

Quando o froxo Morfeo meus olhos fêcha,  
Não perturbes meu somno desejado,  
Mostrando-me hum Rival afortunado,  
Que as armas contra mim então desfêcha.

Não sejas tu tambem meu inimigo;  
Se he possivel, permite qu' eu ignore,  
Ou m' esqueça huma vez do meu perigo.

Mas ai de mim! por mais que ao Ceo implore,  
O Ceo me nega em ti hum doce abrigo,  
E faz que sem cessar suspire, e chore.

*De Albano Ulisiponense.*

## SONETO.

**N**umes agrestes, neste Altar sombrio,  
 Que dos zagaes ergueo pia lizura,  
 Põe Tirso a mão, e de joelhos jura  
 Mais não amar de Silvia o gesto impio.

C'o a limfa pura deste arroio frio  
 Lavo os labios tingidos de amargura,  
 E veneno daquella bocca impura,  
 Que o leve ao mar c'o a sua culpa o rio:

Com o ferro apagai, ó pegureiros,  
 O ingrato nome que deixei gravado  
 Na cortiça das faias, e salgueiros,

E entalhareis por cima do apagado:  
 » Por milagre dos Deoses justiceiros,  
 » Sárou Tirso de amor mal empregado. »

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysio.



*Traducção da Ode 17 do Liv. II. de Horácio.*

*A Mecenas enfermo.*

**P**orque razão me matas com queixumes?  
 Nem a mim, nem aos Deoses  
 Agrada que feneças tu primeiro;  
 O' Mecenas, das minhas  
 Cousas grande ornamento, e nobre arrimo.  
 Ah! se a morte apressada  
 Te leva, que es metade da minha alma,  
 Eu que sou outra parte,  
 Porque espero, não sendo tão amado,  
 Nem inteiro restando?  
 Hum mesmo dia de ambos trará a morte?  
 Perfido juramento  
 Eu não fiz, nós iremos, nós iremos,  
 Desde que precederes,  
 Para tomar caminho derradeiro  
 Sou prompto companheiro.  
 Jámais me apartará de ignea Chirnera  
 Bafo ardente, nem inda  
 Que Gyas centimano a viver torne:  
 Assim á poderosa  
 Justiça pareceo, e mais ás Parcas.  
 Ou Libra, ou temeroso

Escorpião me veja , a mais violentã  
 Parte da minha estrella ;  
 Ou tambem Capricornio da agua Hesperia  
 Poderoso tyranno.  
 Ambos os nossos Astros por estranha  
 Maneira se conformão.  
 Do ímpio Saturno te salvou o amparo  
 Refulgente de Jove ,  
 E do fado voador deteve as azas ,  
 Quando fez por tres vezes  
 No theatro soar alegre estrondo  
 O Povo numeroso.  
 Sobre o cerebro meu cahindo hum tronco  
 Me matára , se Fauno  
 Dos Varões de Mercurio certa guarda  
 Não desviára o golpe  
 C'o a dextra favoravel. Tu te lembra  
 De render sacrificios ,  
 E o templo que votastes , nós humilde  
 Cordeira feriremos.

De José Dias Pereira,  
 Silvano Ericinio.

## A Liberdade.

## CANÇÃO.

## I.

**E**U, Nize, as graças rendo aos teus enganos,  
 Feliz respiro agora. Ah! na verdade  
 De hum infeliz piedade  
 Tiverão pois os Deoses soberanos,  
 Sôlta dos laços teus minha alma sinto.  
 Já cobrei (não te mintó)  
 A liberdade que perdi á annos.

## II.

O fogo se apagou, que antigamente  
 O coração me devorava cego.  
 — Provo já tal socego,  
 Que nem para o disfarce a ira ardente  
 Em mim encontra amor. A côr do rosto  
 Não mudo, nem de gosto  
 O peito ao ver-te palpitar se sente.

## III.

Eu sonho, e não te vejo em tal momento  
 No sonho meu, como antes, figurada;  
 Acordo, e quando nada,  
 Não es tu meu primeiro pensamento.  
 Sem saudades de ti, de longe venho,  
 Comtigo estou, não tenho  
 Nem pena, nem prazer, gloria, ou tormento.

## IV.

Sim da belleza tua ainda fallo;  
 Mas sem disso mostrar maior ternura;  
 A fatal desventura  
 Me lembra, e não me dá sequer abalo.  
 O rival não me offende: fraco, imbelle,  
 Até posso com elle  
 Em paz fallar de ti o que inda callo.

## V.

Ou contra mim os olhos irritada  
 Volvas, ou já me falles com ternura,  
 He vá tua brandura,  
 Tanto como a arrogancia em fim baldada.  
 Os teus labios em mim poder não tem,  
 Nem teus olhos já yem  
 A ter no peito meu facil entrada.

## VI.

Ou viva esta alma alegre, ou tristemente;  
 Nem do mal, nem do bem, prazer, ou pena,  
 Te accusa, ou te condemna,  
 Nem te deve o favor que livre sente.  
 Sem ti me agrada o monte, o bosque, o prado;  
 Comtigo me he vedado  
 Viver em parte já, que me contente.

## VII.

Ouve se sou sincero: inda hoje em dia  
 Tu gentil me pareces, linda, e bella;  
 Mas já não es aquella,  
 Que a ninguem comparar eu me atrevia.  
 (Não te offenda a verdade) em teu aspecto  
 Noto agora hum defeito,  
 Que algum tempo belleza parecia.



## VIII.

Quando a setra arranquei do peito afflicto,  
 ( Confesso huma fraqueza ) esta paixão  
 Rasgou-me o coração,  
 Julguei da morte dar o ultimo grito.  
 Porém para o livrar desta impiedade,  
 E cobrar liberdade  
 A mim proprio a soffrer tudo me excito.

## IX.

Se em visco, ou laço, que no bosque estão,  
 A ave cahe, e foge a custo seu,  
 Se humas pennas perdeo,  
 Livre ficou porém da escravidão.  
 Logo a perdida pluma se renova,  
 E do mal pela prova,  
 Se acautela depois da vil traição.

## X.

Se não julgas que está de todo extincto  
 O meu antigo amor, pois de ti fallo,  
 E ainda me não callo;  
 Tu não sentes então o que eu já sinto:  
 Fallo qual quem passou por morte acerba,  
 E vivo inda conserva  
 De a todos o contar fysico instincto.

## XI.

Como depois da bellica sortida  
 O passado furor conta o guerreiro,  
 E mostra ao mundo inteiro  
 As cicatrizes da cruel ferida:  
 Qual o escravo, que alegre se recrea  
 Em mostrar a cadêa,  
 Que teve ao rôxo pé hum tempo unida.



## XII.

Só por satisfazer-me assim procuro  
 Fallar, não porque julgues que inda te amo.  
 Mas se fallo, se clamo,  
 (Quer n'ò creas, quer não.) de ti não curo.  
 Que approves o que eu digo pouco importa,  
 Nem me adige, ou conforta,  
 Que de mim falle hum coração perjuro.

## XIII.

Eu deixei huma falsa; e tu, cruel,  
 Perdeste hum coração firme e constante,  
 Consolação bastante  
 Não sei qual de nós tem. Outra infiel  
 Sei que facil será que eu ache, e mil;  
 Mas tu Nize gentil,  
 Não terás outro amante mais fiel.

## XIV.

Vôa, Canção, aos olhos de huma ingrata;  
 Que se inda te maltrata....  
 Ah! dize-lhe que a minha a não condemna,  
 Mas sim de Metastasio a heroica penna.

## O D E.

**O** Hippotade severo  
 O claustro rompe da volátil serra ;  
 Correndo furiosos  
 Varrem soltos os ventos no alto monte  
 Os troncos, os penedos :  
 O dia foje, eis arde o polo escuro  
 C' os raios de Vulcano.  
 O Euro, o Noto, o Aquilo revolvem  
 As verdenegras ondas ;  
 Destroçados baixeis sem véla, ou remo  
 Surdem já sobre as vagas :  
 Profundas quédas nos abysmos soão.  
 O cauto Irmão de Juno  
 Lá do fundo dos mares surge, empunha  
 O rigido tridente,  
 O Aquilo ameaça ; de improviso  
 Os fecha o Rei dos ares  
 Nas cavas grutas, nas prizões eternas.  
 As nuvens apartando  
 Doura o Sol radiante ao longe os cumes  
 Do alto Pelion, do Olimpo,  
 Do que nos vastos hombros sotopeza  
 A maquina Celeste ;  
 Qual sem mover-se ao impeto espantoso  
 Do furacão horrivel

No mesmo assento solido se firma  
 Immoavel, como dantes.  
 Tal hoje da discordia sobre a terra,  
 Qual no tempo de Paris  
 Rola o pomo fatal. O odio injusto,  
 A traição sanguinosa,  
 A ambição, que derriba, a negra inveja,  
 Hediondos Espectros,  
 Fantasma são, que Themis horrorizão,  
 Porém não a perturbão.  
 Em seu auxilio, ao perto, ao longe bradão  
 Eaco, e Rhadamanto.  
 Se a Jupiter se nega, Jove Immenso  
 Com vinculo suave  
 A bella Deosa estreitamente abraça.  
 Filha do Ceo, e terra  
 He da Lei santa, e paz a Mãi ditosa;  
 Sua fiel balança  
 D' huma das casas Apollineas pende.  
 Impavida Philocles, (\*)  
 Que profugo da Patria em Samos vive,  
 Espectaculo injusto  
 Da misera fortuna em paz a gloria  
 Vê de longe contente  
 Do seu rival Protesilas, Ribeiro,  
 Ouve zunir os ventos,  
 Em vão desfecha a negra tempestade,  
 Literarios tumultos  
 Não lhe perturbão o sereno gesto;  
 Que o Varão virtuoso

---

(\*) Telemaco de Fenelon liv. XIII.

Não teme a furia do damnado povo,  
 Nem do Tyranno a face,  
 Ou Noto pluvial, que açoita as praias,  
 E turbido inquieta  
 D'Adria o mar tormentoso. Em vão  
 As Hyades chuvasas,  
 Em vão contra elle Jupiter sacóde  
 O raio pavoroso.  
 Desta arte Pollux, e de Almena o filho  
 O mundo rodeando,  
 Por seus trabalhos, rapidos voarão  
 A' região do fogo,  
 E na mêza dos Deoses recostados  
 O nectar saboroso  
 Provão c'o Moço, que domára os Tigres.  
 As Musas lhe emballarão  
 O aureo berço. Ao doce som dormia  
 D'almos Hymnos, que entoa  
 No bipartido oiteiro o Deos radioso,  
 Deo-lhe a sagrada venda,  
 A balança fiel, a inteira espada  
 Astrêa venturosa.  
 Sobre o cerebro tenro Jove expreme  
 Da Divina Cabeça  
 O prolifico humor de que gerára  
 A Deosa da prudencia.  
 Do viperino dente inda o preserváo  
 As filhas da memoria,  
 Quaes n'outro tempo ao claro Venusino  
 Coroado de louro  
 Em os campos Philippicos, do tronco  
 Execravel, dos mares,

Que affogárão o triste Palinuro.  
Pelas Musas creado  
Tentára illéso o Bosphoro, da Libia  
O areal ardente,  
Os antigos Bretões, crueis Gelonos,  
O Concano, que o sangue  
Beber folgava das equinas vêas.  
Sabio Ribeiro, as Musas  
Te defendem do assalto. As santas filhas  
De Themis inflexivel  
A par da Mãi sentadas te recebem  
No seio da concordia.  
A inveja ao longe retorcendo os olhos  
Mordendo-se raivosa  
Igual te vê de louro coroado  
Como sobre a montanha  
Combatido da horrisona procella  
Das lingoas venenosas :  
Assim a gratidão paga a virtude.



---

*Tradução do Coro do Acto II. do Edipo  
de Seneca.*

C Ingi vossos cabellos espalhados,  
Tremolante o corimbo, tendo armados  
Os braços delicados  
Com os thyrsos de Nysa.  
O' Baccho, que es do ethereo Firmamento  
Ornamento brilhante, attende aos votos,  
Que c'o as mãos levantadas,  
Da tua amada Thebas,  
Os nobres te offerecem.  
Volta para esta parte  
Tu propicio  
A virginea cabeça.  
Com teu semblante  
Rutilante  
Nos dissipa  
Negros nublados,  
E os ameaços  
Carrancudos do Averno,  
E o voraz fado.  
A ti te he mui decente o ter cingidos  
Os cabellos com flores  
Da Primavera:  
A ti ter apertada com toucado  
Tyrio a tua cabeça;

Ou religar a fronte delicada  
 Com baguifera hera.  
 Ter soltos os cabellos, sem concerto,  
 E depois ajuntallos  
 N' uma castanha.  
 Qual a fingida virgem loura, e bella  
 Tu temendo a madraستا enfurecida  
 Crescias, imitando  
 Os falsos membros, apertando a zona  
 A humas roupas côr de ouro.  
 Donde veio agradarem-te, e estimares  
 Tão mulheris ornatos:  
 E o largo seio, e a roupa roçagante:  
 Toda a região prolongada  
 Da terra Eoa.  
 O que bebe do Ganges,  
 E outro qualquer que rompe  
 O enregelado Araxes,  
 Te vio sentado no dourado coche  
 De vestido mui longo,  
 Regendo leões ferozes.  
 A ti te segue n'um burrinho torpe  
 O Sileno decrepito montado  
 Tendo as turgidas fronte da cabeça  
 Cingidas com capellas de parreiras.  
 Os Bacchicos lascivos Sacerdotes  
 As occultas folias vão guiando.  
 Acompanhando-te alegre  
 Das Bassarides a tropa,  
 Humas vezes tocou c'ô o pé ligeito  
 Do Edon Pangeu na terra;  
 Outras vezes do Pindo

No Thracio cume ;  
 Outras vezes a Menade perversa ,  
 Entre as mãronas Cadmeyas ,  
 Veio por companheiro a Jaceho Ogygio ,  
 Cingida pelos lados  
 C'o a nebride sagrada.  
 Em teu obsequio as matronas  
 Perturbadas nos seus peitos ,  
 Soltárão seus cabellos :  
 E as Thyadas nos membros quebrantadas  
 Pelo furor , vibrando o leve thyrsó ,  
 Já depois de laceradas  
 As juntas de Pentheu , com crueldade  
 As víráo , desusada .

Tem do mar o governo , do formoso  
 Baccho a tia materna ; Ino Cadmeia  
 He cingida de coros de Nereidas .  
 O menino Palemon estrangeiro ,  
 Divindade não vil , primo de Baccho ,  
 Do grande mar dominio tem nas ondas .

A ti te arrebatou sendo menino  
 Huma esquadra Tyrrena , e Nereo logo  
 Poz em socego os mares empolados .  
 Transforma em prados os ceruleos mares .  
 Daqui viçoso existe  
 O Platano c'o a folha  
 Da Primavera ;  
 E o loureiro de Phebo amada planta :  
 Pelos ramos a garrula  
 Ave está chilreando :  
 Com os ramos se abraçáo  
 As duradouras heras :

A parreira se enlaça  
 No mais alto da antena:  
 O leão do monte Ida  
 Brame na proa:  
 O Gangetico tigre está sentado  
 Na popa, em quanto nada  
 O pavido Pirata pelos mares,  
 E nova fôrma occupa os submergidos.  
 Os braços primeiramente  
 Cahem aos piratas, e o peito  
 Quebrantado se lhe ajunta  
 C' o a barriga.  
 Huma pequena mão, de cada lado  
 Lhe está dependurada;  
 E com o curvo costado as ondas entra.  
 O mar corta c' o a cauda em meia Lua,  
 E segue delphim curvo as vagas vélas.  
 O Lydio Pactolo  
 Nas ricas ondas  
 Te levou, deduzindo rios de ouro  
 Das mesmas ribanceiras, que corrião.  
 O Massageta, que os copos  
 Lacteos com sangue mistura,  
 Arcos affroxou vencidos,  
 E também géticas settas.  
 Os dominios do armigero Lycurgo  
 A Baccho experimentarão  
 Turbulento.  
 Dos Zedacos as terras truculentas  
 O sentirão guerreiro:  
 E aquelles a quem maltrata  
 O Boreas visinho,



Que os domicilios mudáo ;  
 E aquellas gentes, que réga  
 A frigida Meotis com seu curso :  
 E aquelles a quem vê de summa altura  
 O Signo Arcadio, e o duplicado Plaustro.  
 Elle os Gelonos amansou dispersos :  
 Tirou as armas ás ferozes moças :  
 Co' o focinho de rastos  
 Comêráo terra  
 Bravas Thermoodontiacas catervas.  
 Em fim, depostas as ligeiras setas,  
 Se fizeráo mais mansas.  
 Tambem innundou co' o sangue,  
 E mortandade Ophionia  
 O sagrado Citheron.  
 As Pretides, os bosques  
 Foráo buscar, e os campos:  
 A madrastra venera,  
 Como a seu Protector o mesmo Baccho.  
 Em Noxos coroadá  
 Do mar Egeo, aos thalamos entrega  
 A donzella que foi desamparada ;  
 Compensando-lhe os damnos  
 Com mais digno marido.  
 De secco penhasco  
 Correo licor Nyctileo :  
 Os regatos palreiros  
 A relva dividirão :  
 O chão profundo embebe os doces succos ;  
 E as claras fontes do licor nevado ;  
 E os Lesbios misturados  
 Com cheiroso tomilho.



A noiva he conduzida  
 Ao grande, e dilatado Firmamento.  
 Phebo recita huma Canção solemne,  
 Tendo em seus hombros soltos os cabellos.  
 Hum, e outro Cupido  
 As fachas sacudio:  
 Jupiter poz de parte o dardo ardente,  
 E escondeo, vindo Baccho, os mesmos raios.  
 Enquanto correrem deste annoso mundo  
 As claras estrellas; enquanto o Oceano  
 Co' as ondas o Orbe cercar encerrado;  
 E enquanto recóller a Lua chêa  
 Os fogos, que lhe são communicados;  
 E enquanto annunciár os matutinos  
 Resplandores o Phosphoro luzido;  
 E enquanto a etherea Cynosura ignara  
 Fôr dos Reinos ceruleos de Nereo;  
 Veneraremos de Lyeo formoso  
 As engraçadas, e agradaveis faces.

De Thomas José de Aquino.

*Sed licet asperiora cadent spoliisque relictis  
Non te deficient nostra memorare camæna.*

Tibull. lib. 4 Panegy. ad Messal.

**N** Aõ temas que a teus versos sonoros  
Do Tempo alcance a fouce, nem que o Lethes  
Em suas negras aguas somnolentas,  
Doce Alfeno, os afogue.

Apollo, (crê-me) os perfilhou gostoso,  
E divisa lhes pôz, que á Idade, á Inveja  
Respeito influirão: com ella intactos  
Verão o fim dos seculos.

Quando a Crítica a vara judiciosa  
Estender aos Poemas Lusitanos,  
Daqui, dalli, sem conto, derrubando  
Te guardará no seio;

Por dar-te em mimo ás Musas; dar a Baccho  
O altiloquo arrojado Dithyrambo.  
Filinto ingenuo, Mathevon honrado  
Por ti serão eternos.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento,  
Filinto Elysio.*

## SONETO

*Em resposta da Ode antecedente.*

**E**M sonhos vi o meu iniquo fado,  
 D'uma escarnada febre em companhia,  
 Com Clotho instar, que co' a tesoura ímpia  
 Cortasse Alfeno o fio amargurado.

Do infero Nauta o féro rouco brado  
 Os esquivos ouvidos me feria:  
 « Baixa, infeliz, á Região sombria;  
 » Co' remo em punho, já te espero irado. »

Nisto suavemente os ares fende,  
 Caro Filinto, o teu sublime Canto,  
 Que da Parca a funérea mão suspende.

Foge a febre voraz banhada em pranto:  
 Molle somno do Fado as iras prênde,  
 Tudo subjuga do teu métro o encanto.

*De Domingos Maximiano Torres,  
 Alfeno Cyntho.*

## DECIMAS

*A ida de Bonaparte ao Egypto.*

I.

**C**idadãos da Convenção,  
 Ide juntando dinheiro,  
 E com hum bom mialheiro  
 Fugi para o Japão,  
 Olhai, que a Inglez Nação  
 Quer ver França derrotada,  
 E está tão apetrexada,  
 Que segundo o que se diz  
 Há de deixar a París,  
 Qual outra Troia abrazada.

II.

Meus amigos d'Assemblea,  
 Bem pôdeis tratar das bombas,  
 Que as vossas Sciencias rombas  
 Vão desmentindo a idéa:  
 A Bretanha não fraquêa,  
 E sabeis o que se diz?  
 Que ha de ir Nelson a París  
 Quando menos se cuidar,  
 E que vos ha de queimar  
 Os bigodes, e o nariz.

## III.

O Bonaparte com medo  
 Das Esquadras dos Inglezes,  
 Fez surtidas, e revézes  
 Tudo com muito segredo:  
 Mas Nelson, que o enredo  
 Tinha bem premeditado,  
 Vendo-o já desembarcado,  
 Tão desgostoso ficou,  
 Que aos Turcos o entregou  
 Para ser circumcidado.

## IV.

Nos merecimentos seus  
 Bonaparte se fiava,  
 Por isso não confiava  
 Nos de Christo, nem de Deos:  
 Nelson, e mais os seus  
 Forão-lhe prégar missão,  
 Elle, que he bom Christão,  
 Como muitos que vós vêdes,  
 Deixando barcos, e redes,  
 Foi seguindo o Alcorão.

## V.

Bonaparte era perito,  
 E p'ra ser predestinado,  
 Foi chorar o seu peccado  
 Nos desertos do Egipto:  
 Tem chorado coitadito,  
 De lagrimas grande somma,  
 E como destruiu Roma  
 Para melhor se arrepender,  
 Fez voto para morrer  
 Na mesma Lei de Mafoma:



## VI.

Foi desgraça horrorosa,  
 Meu Bonaparte, embarcares,  
 Quanto melhor te era andares  
 Cá por onde anda a Rapoza:  
 Coitada da tua Esposa,  
 Que afflicções não ha de ter,  
 Olha, manda-lhe dizer,  
 Que te agradeça o desejo,  
 Que pelos geitos que vejo  
 Não a tornatás a vêr.

## VII.

Meu Bonaparte, esta affronta  
 Ha de te dar que sentir,  
 Se tu puderes fugir,  
 Faze-o por minha conta:  
 Põe huma Fragata prompta,  
 E que vá sempre á bolina,  
 E tu com tua menina,  
 Faz com Bretanha alliança,  
 Porque se vás para França,  
 Mandão-te á Golotina.

## EPIGRAMMA.

**E** U lia a hum grão Doutor  
 De gorda catadura  
 Do sublime CAMÕES a Rima pura,  
 Do nunca assás louvado Adamastor.  
 Quando mais elevado  
 Em seu canto divino  
 Ameigo a voz, e em brando tom a affluo  
 Para lhe lêr Ignez, e seus amores,  
 E sua injusta morte, injustas dores,  
 Ouço o Doutor roncar alto, e rasgado;  
 Então o abalo, e grito-lhe enfadado:  
 » Doutor, Doutor, desperta,  
 » Que Phébo quiz' que o Vate  
 » Neste almo Canto ao Pindo se arrebate,  
 » E de Hypocrene a fonte tenha aberta.»  
 = Que inuteis, que perdidas  
 = (Diz-me o Doutor) comigo taes razões!  
 = Prefiro o meu \* \* \* ao teu CAMÕES. =  
 Disse: e totna a roncar o novo Midas.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.  
 Filinto Elysio.

*Na Coroação da Rainha Fidelissima Dona  
Maria I. Nossa Senhora.*

O D E.

STROPH. I.

**C**Lara Euterpe, dos hymnos presidente,  
Do teu rico thesouro  
Tira a cithara d'ouro,  
Novas cordas lhe põe, tempera, affina,  
E a entoar cômtigo hoje me ensina  
Hum hymno tal, que seja  
Ao Tracio Orfeo de roedora inveja.

ANTISTROPH. I.

Aquelles, que cantaste em Hipocrene,  
De Helicon pura fonte,  
Do Pai de Faetonte  
Dignos erão; mas não o são do dia,  
Em que Maria a Grande, Augusta, Pia,  
Mais que Febo luzente,  
Alegra, e doura o tempo á Lusa gente.

EPOD. I.

Portanto tu me dá, Mestre do Coro,  
Tom mais alto, e canoro,

E livrems do Lethes esquecido  
Dia com pedra branca esclarecido.

## STR. II.

Como sahe formoso, e scintillante  
Cynthio do seu nascente!  
Porém não lhe consente  
Que brilhe de seus raios vaidoso  
Outro Delio melhor, e mais formoso,  
Que com luzes mais bellas  
Hoje sahe da casa das Estrellas.

## ANTIST. II.

Hum no carro dourado vai fogosos  
Ethontes subjugando:  
Porém outro tomando  
Dos Lusos o governo, he como fosse  
De reger corações tomar a posse:  
Que Lusos goverنالlos,  
He mais governar filhos, que vassallos.

## EPOD. II.

Hum na carreira em vivo fogo ardente  
Queima a Lybica gente,  
E a outra mal lhe deixa o ver o dia:  
Porém outro não queima, e allumia.

## STR. III.

Não he fogo de Jupiter Tonante,  
De nuvem sacodido,  
Que fazendo estampido  
Entre as carrancas do ar mais temerosas



Com vibrações, e vozes espantosas

Atroá, aterra, assusta

A gente mais perversa, e a mais justa.

ANTIST. III.

Hum Astro benigno he que dominando,

Não ha nuvem que passe,

Não ha Céu que ameasse

Susto de vento, ou chuva, ou tempestade:

E só se ouve na mór serenidade

Repetir Eco os vivas,

E as Musas atirar settas Argivas.

EPOD. III.

Os antigos Romanos se viessem,

E se augurar quizessem,

Cousas certas seguros nos dirião,

Porque as luzes serenas estarião.

STR. IV.

Té o Téjo, que de ir não se fartava

A ver a Estatua Equestre,

Que o Lusitano Mestre

Fundio d' huma nova arte, não querendo

Hoje correr, quieto está dizendo:

Tagides' reparaí,

Que inda a Filha será maior que o Pai.

ANTIST. IV.

Já do filho de Tetis, e do Xanto

Terror o augurarão,

Os que delle fallarão



Inda antes de nascido; o Téjo, quando  
 As virtudes hum sceptro fabricando,  
 O forão dar áquella,  
 Que era a mais justa, a mais benigna, e bella.

## EPOD. IV.

Seu augurio feliz será cumprido;  
 Porque quando he temido  
 D' Opis o filho, e se ama a Piedade,  
 Tudo vai bem, tudo he Felicidade.

## STR. V.

De Lisboa de novo edificada  
 Com Dedaleo cuidado  
 Foi o Téjo escutado:  
 E chamarão então os Lusitanos  
 Pelo velho Dirceo, que nos Arcanos  
 Futuros claro via,  
 Quanto a Ulysses astuto promettia.

## ANTIST. V.

E depois huma voz soou, que disse:  
 Se acclarando o bom fado  
 De Alcmane o Pai honrado,  
 De huma vez resumindo os seus louvores,  
 Disse que os filhos são como os maiores:  
 Eu com razão mais forte  
 Digó que a Esposa he bem como o Consorte.

## EPOD. V.

Assim o véo rasgando do futuro,  
 Que vereis vos seguro

Os dias de Saturno, o seculo antigo,  
Da Mansidão, e da Virtude amigo.

## STR. VI.

Desde os Austraes aos Hiperboreos Reinos  
Irá cheia de gloria  
Vossa famosa historia ;  
E ficará na fama perduravel  
Da nova Augusta o nome respeitavel,  
E seus projectos raros,  
Melhor que em bronze, ou marmore de Páros.

## ANTIST. VI.

Tudo conhecereis pelas formosas  
Colheitas de pezadas  
Espigas sazonadas:  
E só se voltará a foice em lança  
Se Astréa vos mostrar torta a balança,  
Ou se imigo tyranno  
Abrir as portas ao bifronte Jano.

## EPOD. VI.

Tal abalo palavras taes fizerão  
Nos Lusos, que disserão:  
Somos c' o braço Herculeo poderosos,  
Para vencer Leões Nemeos raivosos.

## STR. VII.

Applacai o furor, a voz lhe torna,  
Neste dia amoroso,  
E já que piedoso  
O Ceo boa Rainha vos segura,

Vós a louvai, croai-a de mistura  
 C' o as Graças, e os Amores  
 De Dirceos Versos d' Eolicos Cantores.

ANTIST. VII.

Disse; e eu vendo então que a Musa minha  
 Stava pasmada, e muda,  
 Não quiz que a frauta ruda  
 Estorvasse c' o canto rouco, e frio  
 Tantos Cisnes, que sobre o patrio rio  
 Já attrahindo hião  
 As féras, e os montes, que os ouvião.

EPOD. VII.

Levem embora esses clarins do Pindo  
 Tudo o que os for ouvindo,  
 Do Throno qualquer delles affugente  
 A Cloto, e as Irmãs eternamente.

Documentos de hum Pai a hum Filho no  
seguinte

S O N E T O.

**N**ão desejes mais honras que as Virtudes,  
Nada executes por respeito humano,  
Ouve mal da lisonja o doce engano  
Obrando bem, do que dirão não cuídes;

A todos na afflicção benigno ajudes,  
Usa sem fingimento hum trato lhano,  
Vence do proprio amor o grande damno,  
Nas sortes ambas o animo não mudes;

Podendo escusar a ninguem peças,  
Arroja-te com gloria ao precipicio,  
Não occupes lugar que não mereças;

Paga com outro maior o beneficio,  
O fim olha das cousas que começas,  
Louva o alhe' bem, nota o teu vicio.

*Glosa ao Soneto antecedente.*

**F** Oge das pompas loucas da vaidade,  
Das glorias vãs o animo retira,  
Abraça os documentos da verdade,  
Abomina os erros da mentira;  
Aborrece do engano a falsidade,  
Não te deixes vencer do odio, ou ira,  
Nos faustos vãos do mundo nunca cuides,  
*Não desejes mais honras que as Virtudes.*

Não descubras a falta que souberes,  
Aspira sempre a cousas superiores,  
Cuida primeiro em tudo que fizeres,  
Trata com teus iguaes, honra os maiores;  
Dá com mão liberal tudo o que deres,  
Vai prevenido ondequerque fores,  
Procede em tudo recto, e sem engano,  
*Nada executes por respeito humano.*



Busca para conselho o mais prudente ,  
 Supporta as afflicções sempre constante ,  
 De nenhum modo sejas mal dizente ,  
 Não te jactes com animo arrogante ;  
 Nas práticas não sejas imprudente ,  
 Nunca digas palavra mal soante ,  
 Falla de todos bem , sem fazer damno ,  
*Ouve mal da lisonja o doce engano.*

Conserva da Virtude a inteireza ,  
 Não te deixes levar da vil cobiça ,  
 Nada executes obrando com vileza ,  
 Foge da formosura que enfeitiza ;  
 Da tua alma não manches a pureza ,  
 Por respeito não faltes á Justiça ,  
 De teus rectos propósitos não mudês ,  
*Obrando bem , do que dirão não cuides.*

Mostra-te sempre o mesmo em qualquer sorte ,  
 Foge do damno , no perigo adverte ,  
 Vence as adversidades sempre forte ,  
 Deixa o amigo máo , que te perverte ;  
 Prepara-te na vida para a morte ,  
 Não dilates a emenda , que he perder-te ,  
 Trata dos máis , de ti não te descuides ,  
*A todos na afflicção benigno ajudes.*

Aceita quando errares a advertencia ;  
 Foge quando acertares da jactancia ,  
 Não uses mal dos bens tendo opulencia ,  
 Mostra nos males ter igual constancia ;  
 Preza-te da fiel correspondencia ,  
 Teme de ter encargos na ganancia ,  
 Mostra-te para todos mui urbano ,  
*Usa sem fingimento hum trato lhano.*

Sabe buscar hum amigo verdadeiro ,  
 Foge a toda a perversa companhia ,  
 Em fazer bem procura ser primeiro ,  
 Não sejas enfadoso na porfia ;  
 Não te chegue a cobiça do dinheiro ,  
 Domina nas paixões com valentia ,  
 Tira do damno alheio o desengano ,  
*Vence do proprio amor o grande damno.*

Procura nos amigos a igualdade ,  
 Acautela-te sempre do inimigo ,  
 Ao miseravel trata com piedade ,  
 Vendo o alheio evita o teu perigo ;  
 Se queres viver bem , trata verdade ,  
 Foge á lisonja do fingido amigo ,  
 Nunca do que te importa te descuides ,  
*Nas sortes ambas o animo não mudes.*

Não estragues com vicios a saúde,  
 Os olhos põe na larga Eternidade,  
 Os augmentos procura de virtude,  
 Vê que passa mui breve a longa idade;  
 No que não pôdes busca quem te ajude,  
 Nunca faças assento na maldade,  
 Levanta-te do vicio em que tropeças,  
*Podendo escusar a ninguem peças.*

Se vires que vai bem passa adiante,  
 Volta atraz se vás mal encaminhado,  
 Seja o fim ao principio semelhante,  
 Acaba bem, se bem tens começado;  
 Dá sempre mostras de animo constante,  
 Porta-te nos perigos alentado,  
 Não mostres nunca de fraqueza indício,  
*Arroja-te com gloria ao precipício.*

Não sejas nas desgraças mal soffrido,  
 Sabe sempre tryunfar do adverso fado,  
 Não desanimes vendo-te abatido,  
 Não te presumas mais quando elevado;  
 Vê, se o que queres tens bem merecido,  
 Nas pertençações procede acautelado,  
 Nada que for injusto a ninguem peças,  
*Não occupes lugar que não mereças.*

A quem te fizer mal não faças damno,  
 Preza-te nas occasiões de generoso,  
 Dissimula os aggravos sempre humano,  
 Não sejas da vaidade ambicioso;  
 Aos humildes não trates soberano,  
 Agradece a quem deves primoroso,  
 Nunca de ingrato dês nem leve indicio,  
*Paga com outro maior o beneficio.*

Sem maduro conselho nada faças,  
 O que for de ségredo a ninguem digas,  
 Do teu arbitrio não te satisfaças,  
 A pertença procura que consigas;  
 Na fama de ninguem nunca desfaças,  
 Nos erros começados não prosigas,  
 Não queiras premios ter que não mereças;  
*O fim olha das cousas que começa.*

Trata de viver bem, que a morte he certa;  
 Olha que has de morrer, e he breve a vida,  
 No mais ditoso bem feliz se acerta,  
 Tendo de Virtudes a alma prevenida;  
 Cuida naquella hora sempre incerta,  
 Vê bem não erres a ultima partida,  
 Foge ao perigo, evita o precipicio,  
*Louva o alhe' bem, nota o teu vicio.*

## DITHYRAMBO.

## I.

**E**mpsesta-me, Filinto, a mága Lyra,  
 Com que a alma me enlevas, me arrebatas:  
 Os nataes da aurea Amfrysa cantar quero,  
 Té que as cordas lhe estalem.

## II.

Ris-te? Pasma. Olha aos pés da amada Nynfa  
 Bocejando a Preguiça aferrolhada....  
 Escudeu-me a amizade; envisto-a, aterro-a...  
 Quem resistir me póde?

## III.

Que vejo! em vez da Lyra a vinea taça,  
 Sorrindo-te, me offereces? venha embora;  
 Minha Lyra será, Apollo, Musas...  
 Ouvi, ouvi, vindouros.

## IV.

Mas que he, o que em mim ferve em brava,  
 Não sentes como pula pelas veias; (guerra!)  
 Cerrando com atroz melancolia,  
 O tyrsigero Baccho?

## V.

Vê como horrenda ronca entre seus braços..  
 Evó! Nictileu! aberta, aberta....  
 Eis o Deos ma dardeja pela boca  
 Urrando roucamente.



## VI.

Ah? ... respiro... Lenèo te adite, amigo  
 Torna a encher.. Raza.. raza.. como brilha!  
 Parece-me o rubi d'um Rei Indiano,  
 Do Ça... Ça... que me importa!

## VII.

A' saude de ti, Amfrysa, empino  
 O ebrifestivo copo.. Oh gosto! ... Oh pico!..  
 Quão doce me gorgea na garganta.  
 Desbanca Philomela.

## VIII.

Agora exaltarei em digno metro  
 Teus dotes não communs, que por mim bradáo.  
 Não temo provocar o grande Elpino;  
 E a ti mesmo, ó Filinto.

## IX.

Oh forte Domador da plaga Eôa,  
 C'o teu nome capaz de endoçar-me,  
 Bafeja ao alto assumpto... Ceos! que fumo  
 Me ondêa pela boca!

## X.

Quem me queima as entranhas!... eu chamejo!  
 Chião-me as carnes... Ah? traidor Filinto,  
 Com santo licor de Evio misturaste  
 Do Phlegetonte as aguas.

## XI.

Sonho!.. ou estou desperto!.. eis me arrebatáó  
 Sobre as pennas do vento ao ar sublime...  
 Lá surge o Sol radioso, aseteando  
 As trévas trepidantes.

## XII.

Como submerge em pelago de luzes  
As pálidas estrellas! Os Ethontes  
Ruem aos pulos... nas inchadas ventas  
Revolvendo igneo fumo.

## XIII.

Eu divizo de Amfrysa o almo dia  
Junto ao Deos na carroça aurirosada;  
Voão em torno as Graças, os Amores,  
E os moçantes jocos.

## XIV.

Lá vem Neptuno, com os pandos braços,  
Curvo o corpo, arrazando as roucas vagas...  
Alli, na atra caverna, o torvo Eólo  
Os ventos arrebanha.

## XV.

Fis baixo ao Pindo .. eis Delio os teus louvores  
Canta na eburnea lyra .. os montes danção...  
Mas que esquadrão de altisonantes hymnos  
Lhe brota da cabeça.

## XVI.

Eis com as talhantes azas me demandão,  
Onde brilhão teus dons, celeste Nynfa:  
Mas na frente d'um leio: » Eu sou a injúria  
Da morte, e do impio tempo.»

## XVII.

Traz ufano a tua alma, e nella engasta  
A aurea Filosofia mil virtudes,  
Cujo cego esplendor o brilho vence  
Dos scintillantes astros.

## XVIII.

Vem, Hymno amado, vem, modularemos  
 Em nunca ouvido tom... Vê pressurosos  
 Os Deoses, como deixão para ouvir-nos  
 Hermo o Olympico Alcaçar.

## XIX.

Lança, oh Nynfa, na taça o loiro bromio,  
 O fogo avivarei, que me fulmina  
 A mente insana... venha antes que Jove  
 Mo arrebate invejoso.

## XX.

Amfrysa, Amfrysa, que travessa aguaste  
 O almo licor! Lá se esvaece o Pindo:  
 Vôa o Hymno; o sublime ardor se apaga,  
 E Baccho, e as Musas fogem.

## XXI.

Tu lho lembraste, rigida Modestia,  
 E me impediste illustrar meu nome  
 C'os louvores da que he do amavel sexo  
 As delicias, ou enlevo.

*De Domingos Maximiano Torres,  
 Alfeno Cynthio.*

## O D E.

*Na felicissima Acclamação da Rainha D. Maria I. Nossa Senhora.*

## STROPHE I.

**T** Antoque deo a Fama o fausto aviso  
 Dos jubilos de Lysia, desde Amphriso  
     O Pastor se retira,  
     Tempera a doce Lyra;  
 O liquido crystal na fonte cresce,  
 Sóbe Apollo ao Parnaso, ao Tejo desce,  
 Para ver como hum Genio peregrino  
*Do rosto respirava hum ar divino. (1)*

## ANTISTROPHE.

Novo pasmo infundindo, raro assombro,  
     O Delfico instrumento  
     Rompe o suave accento:  
 Nem a Castalia turgida murmura;  
 Antes mais se lhe entranha a alta doçura,  
 Com que o Delfico Apollo repetia  
 O doce Nome, o nome de Maria.

---

(1) Cam. Cant. I. Est. 22.

## E P O D O.

Nome de alto valor, e Magestade,  
 Que infunde suavidade!  
 Se os Cysnes, que cantando esmorecêrão,  
 Só de ouvir este nome revivêrão;  
*Cesse tudo o que a Musa antiga canta, (2)*  
*Que outro valor mais alto se levanta.*

## STROPHE II.

Emquanto Lysia glorias respirava  
 Nos harmonicos hymnos, relatava  
 De Debora o conceito,  
 De Judith o respeito,  
 De Esther a gravidade, e formosura;  
 Mas excede Maria em compostura,  
 Em Magestade a todas, e se acclama  
*Sobre as azas inclytas da Fama. (3)*

## ANTISTROPHE.

De seus Augustos claros Ascendentes  
 Clio as acções cantava;  
 E nellas restaurava  
 De tantos Reis magnificos as glorias,  
 Dispondo, sobre as Crôas, e victorias,  
 Aquella Crôa, que já d'antes tinha,  
 Para dar á mais inclyta Rainha.

---

(2) Cam. Cant. I. Est. 3. (3) Cam. Cant. IX.  
 Est. 90.



## E P O D O.

Para vós, preclarissima Heroína,  
 A gloria se destina;  
*Para cantar-vos mente ás Musas dada (4)*  
 Apollo quer, com cythara afinada,  
*Que se espalhe, e se cante no universo, (5)*  
*Se tão sublime preço cabe em verso.*

## STROPHE III.

Por sagrado destino, alto mysterio,  
 Desde a primeira idade o Luso Imperio  
 Propoz este Diadema:  
 Guardou-o a mão Suprema,  
 (Arrancando-o do Mouro furibundo,  
 Que intentou coroar-se em todo o Mundo;)  
*É lá vos tem lugar no fim da idade (6)*  
*No Templo da suprema eternidade.*

## ANTISTROPHE.

Mas eleva-se Urania, e lê nos astros  
 Os bellos vaticinios  
 De mais vastos dominios:  
 Alli vê o mais claro firmamento;  
 E dilatando o vôo, e o pensamento  
 Em virtudes mais sólidas, mais bellas,  
 Vossa Crôa adornada vê de estrellas.

---

(4) Cam. Cant. X. Est. penult. (5) Cam.  
 Cant. I. Est. 5. (6) Cam. Cant. I. Est. 17.

## E P O D O.

Retirando-se ao Claustro as tres Infantas, (7)

Tendo virtudes tantas,  
Esta Crôa na terra não gozárão,  
Para as vossas virtudes a deixárão  
*As eternas esposas, e formosas,* (8)  
*Que as corôas vos tecem gloriosas.*

## STROPHE IV.

Para prostrar as furias arrogantes  
De cinco Mouros Reis, os vãos turbantes  
Rasga Affonso Primeiro,  
Generoso guerreiro!  
As cabeças lhes côrta, as crôas piza,  
Sobre ellas firma o Throno, e immortaliza  
A Crôa, que o Ceo dá, e quer se veja  
*Que c' o braço dos seus Christo peleja.* (9)

## ANTISTROPHE.

Tanta gloria Caliope declara;  
E sendo a precursora  
Da bella successora,  
Em quanto assombro a toda a idade ensina,  
*Inspira immortal canto, e voz divina,* (10)  
Para vos decantar como primeira  
Gloria do Throno, se do Reino Herdeira.

---

(7) S. Joanna. S. Sancha. S. Teresa. (8) Cam.  
Cant. X. Est. 142. (9) Cam. Cant. III. Est. 109.  
(10) Cam. Cant. III. Est. 1.

## E P O D O.

Vós, que Senhora sois de altas virtudes,  
 Não só nos povos rudes,  
 Mas em regiões mais cultas, e polidas  
 A senhora sereis de muitas vidas,  
 Dando *na paz as leis iguaes constantes,*  
*Fareis aos Reinos grandes, e possantes.* (11)

## STROPHE V.

Quando o Ceo vos coroa, vos defende;  
 Em jubilos o espirito se accende:  
     A sólida humildade  
     Exalta a Magestade,  
 Que de tanta virtude a palma leva,  
 Quando mais se profunda, mais se eleva;  
 E será vossa Crôa, que se augmenta,  
*Em terras grande, em Reinos opulenta.* (12)

## A N T I S T R O P H E.

Que discursos moraes Polymnia excita,  
     Emendando os humanos!  
     Mas vendo os Soberanos  
 Vossos fieis magnanimos costumes,  
 Para regra immortal de regios Numes  
 Nada tem que emendar. Bem podem ver-se:  
*Que facil he a verdade de entender se.* (13)

---

(11) Cam. Cant. IX. Est. 94. (12) Cam.  
 Cant. X. Est. 98. (13) Cam. Cant. VIII. Est. 75.

## E P O D O.

A Lyra pulsa o Filho de Latona,  
 A fé, e o zelo abona:  
 Já lhe sobeja o assombro, a voz lhe falta,  
 Vossa rara virtude a Musa exalta  
*Maravilha fatal da nossa idade: (14)*  
*Tanto Deos se contenta da humildade! (15)*

## STROPHE VI.

*Fazendo seus reaes acatamentos (16)*  
*Para os determinados aposentos*  
 Já Euterpe separa,  
 Da flauta, em que tocára,  
 Os tormentos: os gostos já procnra.  
 Dilata mais do jubilo a doçura,  
 Só por ver o diadema hoje empregado  
*Em quem do Pai deixava o seu traslado. (17)*

## ANTISTROPHE.

Se os funestos escudos se quebrarão,  
 Novos fórma a alegria;  
 Se Melpomene os via  
 Pendentes do cypreste; hoje no cedro,  
 Real escudo firma o Augusto Pedro;  
 Pois são as duas almas peregrinas,  
 Semelhantes no amor, iguaes nas Quinas.

---

(14) Cam. Cant. I. Est. 6. (15) Cam. Cant.  
 III. Est. 15 (16) Cam. Cant. I. Est. 14. (17) Cam.  
 Cant. III. Est. 28.

## E P O D O.

Una Erato em-recíprocas constancias  
 Delficas consonancias:  
 Com altisono accento os genios gabe,  
 Se tão intimo amor em verso cabe;  
 Tendo no Throno a Pedro unido ao lado  
*Das insignias Reass acompanhado.* (18)

## STROPHE VII.

Vendo já coroada a Augusta fronte,  
 Vem dançando, e descendo lá do monte  
     As Oreades bellas,  
     E tecendo capellas;  
 A discreta Terpsicore os mais graves  
 Movimentos lhe ensina, e hymnos suaves;  
 As Driades celebrão com Thalia  
*As festas deste alegre, e claro Dia.* (19)

## ANTISTROPHE.

As Tagides gentis tecem grinaldas  
     Para lhe offerecerem  
     Correndo, feudos querem  
 Tributar, attrahindo o mesmo Oceano  
 A vosso Imperio augusto, e soberano;  
 E por tributo o Indio, e o estranho Mouro  
*Aqui as capellas dá tecidas d'ouro.* (20)

(18) Cam. Cant. III. Est. 108. (19) Cam.  
 Cant. X. Est. 75. (20) Cam. Cant. III. Est. 97.



## E P O D O.

Os Vassallos os votos mais constantes

Nos corações amantes

Vos dão; e a Fama o seu clarim vos cede;

*Dizendo, que esta Filha ao Pai succede: (21)*

Vosso nome em todo o Orbe hoje declara,

*E se mais Mundo houvera, lá chegára: (22)*

## S T R O P H E VIII.

A Rainha adorada, o Esposo amado

Subindo ao Throno, em glórias elevado,

Hoje gozão nos vivas

Acclamações festivas:

Suas virtudes inclytas, que acclama

Por cem bocas não-só, por mais a Fama,

Do governo os progressos dilatando

*Novos mundos ao Mundo irão mostrando. (23)*

## A N T I S T R O P H E.

De outra Pulcheria a viva Fé se exalta;

De outro Tito a Clemencia;

A Justiça, a Prudencia

Brilhantes são, que servem de adornar-vos:

Mas o Ceo determina inda croar-vos

*Com huma Crôa, e Sceptro rutilante*

*D'outra pedra mais clara que diamante. (24)*

---

(21) Cam. Cant. IV. Est. 7. (22) Cam. Cant.  
VII. Est. 14. (23) Cam. Cant. II. Est. 45. (24) Cam.  
Cant. I. Est. 22.

E P O D O.

Escurecei de Delfos a memoria,  
 Dando a accidental gloria  
 A'quelle, que em si tem gloria completa,  
 Seguindo o Rei, de quem sois Filho, e Neta;  
 E em maior maravilha, em zelo santo  
 Dareis materia a nunca ouvido canto. (25)

*Elogio Poetico á admiravel intrepidez , com que  
em Domingo 24 de Agosto de 1794, subio o  
Capitão Lunardi no Balão Aerostatico.*

*Tous frissonnent, pour lui, lui seul est intrépide.  
Ode à la Navig. Aérienne par l' Abbé Monti.*

S O N E T O.

O H Lyra festival, por mim votada  
A's aras do Prazer, e da Ternura,  
Nega-te hum dia ás graças, á brandura  
De Marilia gentil, da minha amada.

A suave harmonia affeminada,  
Grata ao mimoso Amor, e á Formosura,  
Os molles sons, de que a Razão murmura,  
Converte em sons, de que a Razão se agrada.

Aindaque te atroce o negro Bando  
De torpes Galhas, e a feróz Cohorte  
De inexoraveis Zoilos, escumando,

Resôa, applaude, exalta o Sábio, o Forte;  
Que, além das altas nuvens assomando,  
Colheo no Olympo o antidoto da Morte.

*De Manoel Maria de Barbosa du Bocage.*

## OITAVAS

*Ao mesmo assumpto.*

## O T I.

**Q**ue brilhante Spectaculo pomposo  
 A meus olhos attonitos se offrece!  
 Da alta Ulysséa o Vulgo numeroso  
 Já no amplo Foro de tropel recresce;  
 Sôa o Marcio Concerto estrepitoso,  
 Que o sangue agita, os ânimos aquece;  
 Assoma aos ares neste alegre dia  
 Raro prodigio de arte, e de ousadia.

## II.

O Téjo as ondas cêrulas aplanã,  
 Das lédas filhas candidas cercadô,  
 Vibra o tridente azul c'o a dextra ufana,  
 E rebate a bravézã ao Norte irado:  
 Contemplar em silencio a audacia humana  
 Quer, indaque a portentos costumado,  
 Quer, encostando a face á urna de oiro,  
 Ver brilhar, ó Sciencia, o teu thesoiro.



## III.

Lá surge ao vasto, ao flúido Elemento  
 O Globo voador, lá se arrebatá  
 Sobre as azas diáfanas do vento,  
 E pelo immenso vácuo se dilata.  
 O passaro feróz, voraz, cruento,  
 Quando rápido vôo aos Ceos desata,  
 Quando as nuvens transcende, e Febo affronta,  
 Da terra mais veloz se não remonta.

## IV.

Portentoso Mortal, que á summa altura  
 Vás no ethéreo Baixel subindo ousado,  
 Que illusão, que prestígio, que loucura  
 Te arrisca a fim tremendo, e desastrado?  
 Teu espirito insano ah! que procura  
 Pela estrada do Olympo alcantilado?  
 Não temes, despenhando-te dos ares,  
 Qual Icaro infeliz, dar nome aos mares?

## V.

Não temes (quando evites o espumoso  
 Campo, que he dos Tufões Theatro á guerra)  
 Não temes que n'um baque pavoroso  
 Teu sangue purpurêe a dura Terra?  
 Tentas, qual Prometheo, roubar vaidoso  
 O sacro lume, que nos Ceos se encerra?  
 Ah! Não, não faças tão medonho ensaio:  
 Ou teme o precipicio, ou teme o raio.



## VI.

Mas para que pasmado, e delirante,  
 Brados, e brados pelos ares lanço,  
 Se apenas do Fenómeno volante  
 C' o a vista perspicaç o vôo alcanço?  
 Em quanto grito, o aério Navegante  
 Seu rumo segue em placido descanso,  
 Munido de sciencia, e de constancia,  
 Surdo á voz do terror, e da ignorancia.

## VII.

Gamas, Colombos, Magalhães famosos,  
 Fternos no aureo Templo da Memoria,  
 Syrtes domando, e Mares espantosos,  
 De assombros mil, e mil doirais a Historia;  
 Mas ir dar leis aos ares espaçosos  
 He triunfo maior, e até mais gloria,  
 Porque não traz á louca, á cega Gente  
 Os males de que sois causa innocente.

## VIII.

Lá onde a feia Inveja desgrenhada  
 Ao Mérito não move horrivel guerra,  
 Nem sobre Chusma inerte, e desprezada  
 Cospe o veneno, as viboras afferra;  
 Lá na ditosa, e lucida Morada,  
 Defeza aos vicios, de que abunda a Terra,  
 Guardai da Gloria no immortal Thesoiro  
 O nome de Lunardi em letras de oiro.

## IX.

Que importa que no centro de Ulysséa  
 A' luz, claro Varão, não fosses dado?  
 De hum frivolo accidente a louca idéa  
 Tenha embora poder no Vulgo errado;  
 Que eu te consagro a dádiva Febéa,  
 Qual se berço commum nos desse o Fado;  
 Longe, vás prevenções d' Homem grosseiro:  
 O Sábio he Cidadão do Mundo inteiro.

## X.

Mas tu, Cantor de Augusto, e de Mecénas,  
 Rogá a Jove te anime as Cinzas frias,  
 E de alvo Cysne renovando as pennas,  
 Desperta o sacro fogo em que fervias:  
 Desce ás Montanhas flóridas, e amenas,  
 Onde revivem de Saturno os dias;  
 Dalli canôro entôa o nobre metro,  
 E em honra de Lunardi exerce o plectro.

## XI.

De tornar-lhe perenne a digna família  
 Só tu, só tu convens á grande empreza;  
 Vem ve-lo ardendo em glóridosa chamma,  
 Superior ao poder da Natureza;  
 Para novos prodigios punge, inflamma  
 Seu animo, e, c'o a voz em estro acceza,  
 Suppre-lhe, ó Vate, os bronzes, e alabastros:  
 Depois com elle voltará aos Astros.

## XII.

Intrépidos Mortaes, oh quantos Mundos,  
 Atégora escondidos, e ignorados,  
 Ireis pizar, affeitos, e jucundos,  
 Pelos ethéreos Campos azulados!  
 Não fraquejeis, Espiritos profundos,  
 E na pasmosa Máquina elevados,  
 Ide incensar entre os sydereos lumes  
 O Congresso immortal dos altos Numes.

## XIII.

He pouco para vós o Mar, e a Terra,  
 Sim, a mais vos conduz o Instinto, a sorte,  
 Illustrados Varões, em quanto a Guerra  
 Rouba, estraga, horroriza o Sul, e o Norte;  
 Em quanto as negras Furias desencerra  
 Do tenebroso Inferno a torva Morte,  
 Vinde á soberba Fundação de Ulysses,  
 Entre Povo feliz viver felices.

## XIV.

Renovai-lhe espectaculos gostosos,  
 Exulte a curiosa Humanidade  
 Sobre os Campos de Lysia venturosos,  
 Vestidos de serena amenidade:  
 Fugi, fugi aos Climas desditosos  
 Cnde, exposta á voraz ferocidade  
 De Monstros de ímpia garra, agüda preza,  
 Estremece, desmaia a Natureza.

E tu, que da loquaz Maledicencia  
 Tens açaimado a boca venenosa,  
 Tu, que de Racionaes, só na apparencia,  
 Domaste a mente incrédula, e teimosa,  
 Das fadigas, que exige árdua Sciencia,  
 Em vivas perennaes o premio gosa,  
 E admira em teu louvor estranho, e novo  
 Unida á voz do Sábio a voz do Povo.

*De Manoel Maria de Barbosa du Bocage.*

Elmano Sadino.

*Traducção do Epigramma 14 do Liv. IX.  
 de Marcial.*

Este que as mezas tem feito,  
 E os falernos teu amigo,  
 Cuidas guardará contigo  
 Verdadeiro, e fiel peito?

De ser amigo dá mostras,  
 Mas resta saber de quem:  
 Daquillo que sabe bem,  
 Vinho, saichichões, e ostras.



## SONETO

*A' morte do Illustrissimo e Excellentissimo  
 Senhor Sebastião José de Carvalho e  
 Mello, primeiro Marquez do  
 Pombal.*

**C**Om os louros cabellos desgrenhados  
 Pelo chão negras roupas arrastando,  
 Anda a triste Lisboa suspirando,  
 Como se os muros seus víra arrazados,

Ao longe retinindo roucos brados  
 Respondem a seus ais de quando em quando,  
 E o Tejo na cabeça as mãos fechando,  
 Chora os dias, que teve affortunados:

Se novamente a terra a bocca abríra,  
 E engolisse das Cortes a Rainha,  
 Maior mágoa Lisboa não sentíra;

Pois junto do seu lado já não tinha  
 Quem de lustrosas gallas a vestíra,  
 E quem nos fortes hombros a sostinha.



## SONETO.

C' O a catana debaixo do capote  
 Vinha de noite hnm bebado marujo  
 Tomando a rua derrengado, e' çujo,  
 Té que na esquina co' nariz deo bote:

» A mim!... a mim!... irra co' piparote!  
 Metta mão se he capaz, que eu cá não fujo: »  
 Trape zape. He bem riço o tal sabujo!  
 » Não recua?... traz malha?... traz pelote? »

A pedra dura, ás tezas entiladas  
 Ferida, fiscoou;... ficou patinho  
 O marujo;... fez pé atrás;... e logo

Co' estas se desforron razões paúzadas:  
 » He velhaco!... he traidor!... vou-me embaindo,  
 » Não brigo com quem traz armas de fogo.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysio.

## SONETO.

**I**llustres filhos do feróz Mavórte,  
Lusitanos Heroes, á guerra, á guerra,  
He tempo de mostrar á Lusa terra  
Que não teme o rugir do Leão forte:

Quem sabe triunfar da crua morte  
Com pequenas desgraças não se aterra,  
A posse de vencer, que em vós se encerra  
Louros ha de arrancar das mãos da sorte:

Defender Throno, e Patria he causa justa,  
Pugnar pela razão sublime empreza,  
Resguardar o que he proprio a ninguem custa.

Oppressores crueis da Natureza,  
Que nos vem atacar com guerra injusta  
Sacrificai á gloria Portugueza.

## SONETO

*A' Náo dos Quintos em 1779.*

**S**E a larga prôa trazes alastrada  
De prenes cofres do metal luzente,  
Que importa, ó alta Náo, se juntamente  
Vens de pranto, e penhoras carregada:

Para ver tanta cara envergonhada,  
E pôr no Limoeiro immensa gente,  
Para isto sulcaste a grão corrente  
Dos ventos, e das vagas açoutada?

Se alegras huma parte da Cidade,  
Ergues n'outra a hum sordido Porteiro,  
Vendendo trastes velhós por metade:

Traz bens e males teu fatal dinheiro;  
Huma alta paz aos homens de verdade,  
Hum estupor a cada caloteiro.

*De Antonio Lobo de Carvalho.*

○ A' Paz ○

HYMNO.

**O** Paz serena, e candida,  
 Tu que dos Ceos desceste,  
 E ao mundo appareceste  
 Nascendo o Creador;

**II.**  
 Tu que os humanos ligas  
 Em doce laço estreito  
 Vinculo o mais perfeito,  
 Que formar pôde Amor;

**III.**  
 Ah! pôe os claros olhos  
 Na miseravel Terra,  
 Que assola a cruel Guerra  
 Com horrido furor.

**IV.**  
 Dissipa as negras nuvens  
 De fumo, e pranto, e sangue,  
 Faze que a Europa exangue  
 Tome novo vigor.

## V.

Do Norte ao Meio dia

As mãos unão os Povos,  
E em mil Canticos novos  
Da Paz sôe o louvor.

## VI.

Em Paz cortem-se os mares,  
Em Paz sulque-se a Terra,  
Fuja de nós a Guerra  
Do Averno ao negro horror.

T

*De Corydon Neptunino.*

Em vão meu delirio  
Esgoriar os Thezouros do Oceano,  
Quando nem cabe igual a grandiosidade  
Do Tálamo ceno na maior cidade.

Com tanto a grandeza por mim guardada,  
Me abriga e temer, e me conserva.  
Da Glória estirpando-me a mais cruel sanada.

Mas, Coss! que heis a não se apudio ainda me resta  
Du' os Partes mil acompanhada,  
Ao mal liro a mais gonosa festa!

De William Shakes



*Bilhete de Boas Festas para o Illustrissimo e  
Excellentissimo Senhor D. João Carlos de  
Bragança Sousa e Line, Duque de La-  
fões, etc., em 14 de Abril de 1805.*

**T** Alvez, Senhor, parecerá loucura  
Pôr no vosso loúvor tanta insistencia,  
Quem no Sabio Theatro da Eloquencia  
Nem fazer pôde ainda a menor figura.

Em vão meu debil Estro, em vão procura  
Esgotar os Thesouros da Sciencia,  
Quando nem cabe igual correspondencia  
Do Tracio canto na maior doçura.

Com tudo, a gratidão por mim jurada,  
Me afugenta o temor, e mo contesta,  
Da Gloria abrindo-me a mais doce estrada.

Mas, Céos! que honroso obsequio ainda me resta,  
Dai, de Prazeres mil acompanhada,  
Ao meu Heroe a mais gostosa Festa!

*De Milisen Sileno.*

---

*A huma formosura séria, e modesta.*

## SONETO.

**A** Mor, eu tive tal felicidade,  
Qual ter não pôde humana creatura;  
Pois vi de huma belleza a imagem pura  
Dar lições de modestia á mocidade.

Vi sizudeza, vi honestidade  
Juntar-se na mais rara formosura;  
Cousa que o mundo conta por figura,  
Se acaso aconteceu na antiga idade.

Eu vi de Aglais os olhos vencedores  
Sobre a terra baixar com ligeireza,  
Vibrando raios, e espargindo flores.

Sobresaltou-se toda a natureza;  
Mas só as Graças, e os fieis Amores  
Fizerão côrte á Divinal belleza.

*A humza filha , que morreo ao A. de bexigas.*

S O N E T O :

**D**A chara filha ao vivo retratando  
 Me está sempre a saudade o gesto lindo ;  
 Por mais que vou da illusão fugindo ,  
 Sempre me está a imagem figurando.

Aqui me pinta aquelle agrado , quando  
 Para mim se voltava alegre , e rindo ;  
 Ahi os vivos olhos exprimindo ,  
 Me parece que a oiço estar fallando.

Mas ( ai de mim ) que logo a sombra errada ,  
 Lutando co' a mortal enfermidade ,  
 M'a pinta em monstro enorme transformada.

Oh tormento ! oh rigor ! oh crueldade !  
 Se a morte me roubou a filha amada ,  
 Porque me enganas , misera saudade ?

*A morte de Fernando Antonio.*

SONETO.

**D**Eo o final suspiro aquelle inteiro  
Da mocidade então exemplo raro,  
Que, inda antes de morrer, ao mundo charo  
Sentir fazia o golpe derradeiro.

Chore embore o amigo verdadeiro;  
Irmãos, e pais afflictos pranto amaro  
Derramem; não me espanto. Só reparo,  
Que não sei que me diz o Ceo primeiro.

Não he vida a feliz eternidade?  
Quem ha que della o virtuoso prive?  
Oh illusão, fatal perplexidade!

Fernando não morrêo. Eu sempre tive,  
Que nós he que morrêmos de saudade,  
E elle no Ceo eternamente vive.

*De M. P. A. R.*

## M O T E.

*Ferve no peito o roedor ciúme.*

Glosa.

## S O N E T O.

**D**Epois que Tirce o vergonhoso nome  
De meu rival incauta proferio,  
Tão grave mal no peito me cahio,  
Que as miseras entranhas me consóme.

A clara luz dos olhos se me sóme;  
Eu ardo, eu gélo; não, não zombo, ou rio.  
Se alguém duvida desta febre, e frio,  
Apalpe as minhas mãos, meu pulso tóme.

Sou por fóra de neve; a chamma ardente  
Por dentro me devóra. He fogo, he lume.  
Quem hum Vesuvio me chamar não mente.

Que mal este será, alguém presume?  
Será talvez o mal, que impaciente  
*Ferve no peito o roedor ciúme?*



*Ao mesmo.*

S O N E T O.

A Cova fui das Parcas; era escura.  
Do meu ciume o horror mais a assombrava.  
Só hum grande silencio costumava  
Romper o vento, que ao redor murmura.

De Atropos fêa a horrivel catadura  
Alli com Cloto, e Láchesis estava;  
Da minha vida o fio esta enrolava  
No grosso fuso, que na mão segura.

Que pertendes? Diz Atropos sevéra.  
Eu digo: a morte peço. Amor no cume  
Me pôz de hum bem, que eu antes não quizera.

Amou-me Anarda, e me despreza, oh Nume!  
Cada vez que me lembra a traição fêra,  
Ferve no peito o roedor ciume.

*Ao mesmo.*

SONETO.

**A**S settas já provei de amor tyranno,  
Senti dos zelos os farpões ervados;  
Mas hoje livre de mortaes cuidados  
Passo tranquillo o dia, o mez, e o anno.

Inda á tempo surdi do golfo insano,  
Fm que os mares cruzei encapellados;  
Humidos os vestidos pendurados  
Lá ficão já no altar do Desengano.

Ferrei da paz o socegado porto,  
Guiou-me a elle da verdade o lume,  
Em que allivio encontrei, vida, e conforto.

Já hum profano amor me não consume,  
Nem Já (Graças ao Ceo) qual tive absorto,  
Ferve na peito o roedor ciuime.

*De M. P. A. R.*

A' paz de 1801.

## SONETO.

**D**Ois lustros ha que asperrimos destinos,  
Assulando a civil Discordia astuta,  
O orbe assombrão. Lysia fere, e luta  
Com sanhudos Leões, Gallos ferinos.

Ao som de escuros versos Sybillinos  
Vôa a dourada paz; e a Furia hirsura  
A boca pára da sulphurea gruta,  
Ouvindo os écos dos ingratos Hymnos.

Povos do Pindo, Ah! se já não berra  
Horrida boca de metal rotuqdo,  
Creio que finda a sanguinosa guerra.

Só me acompanha o desprazer profundo,  
Que durem vossos versos sobre a terra  
Menos, que ha de durar a paz no mundo.

*De M. P. A. R.*

*Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Antonio de Araujo de Azevedo.*

## O D E.

Cantor, que a Olympia arêa  
 A's estrellas ergueste arrebatado,  
 E o merito deixaste eternizado,  
 Que honrou a Palma Elêa;  
 Quem, senão tu a rápida torrente  
 Do som, que o Pindo harmonico recrêa,  
 Soltar devia para a chamma ardente  
 Do Genio hoje exaltar, quanto o demanda  
 O Apollineo desejo,  
 E exalta o Mósá, o Seine, o Newa, o Tejo.

Genio da Lusitania,  
 (Perto, ou longe da Patria) quando esfria  
 O honroso fogo, que nas almas cria?  
 Não teme a Grega insania  
 De enganós vis, que só a furto investem,  
 Sinon, que abraza a infeliz Dardania;  
 Que as falsas roupas, com que o zelo vestem,  
 Pouco a pouco despindo, ao claro lume  
 Da pura lealdade  
 Mostra sem veio a candida verdade.

Feróz por toda a parte,  
 Qual procellosa nuvem, trovejando  
 Campos, gentes, e muros assolando  
 Se volve o Franco Marte.  
 Já chega de triunfos rodeado  
 De Mastrich ao soberbo baluarte.  
 Tremulo o Mósá n'a urna recostado  
 Ouve das armas o fragor horrendo;  
 E vê espavorido  
 Abrir-lhe a porta o Batavo rendido.

Entra pois de repente  
 No centro dos Estados, que despertão,  
 Quando os Ministros das Nações desertão:  
 Só o Genio valente  
 De Lysia se recolhe poderoso.  
 Ao coração magnanimo, e prudente  
 De Araujo Immortal. O pavoroso  
 Som da victoria impavido não teme  
 Aquelle, a quem primeiro  
 Applausos deo o General Guerreiro.

Qual Temistocles forte,  
 Que inda em Suza da Patria os são costumes  
 Respeita, as santas Leis, os Sacros Numes,  
 Negra imagem da Morte  
 Para o fazer traidor em vão porfia;  
 Em Haia o Luso Genio desta sorte  
 O Principe, fiel áquem servia,  
 Ama, escuta da Patria os votos justos,  
 E cauto lhe prepara  
 A paz, que foi depois amada, e chara.



## Já Decio Lusitano

As margens vóa do espumoso Senna,  
E por salvar a Patria se condemna.

Que mais fez o Romano?

Da sedição o revoltoso indicio  
Forja a cadea do fatal engano,  
E quasi aprrompta o horrivel sacrificio;  
Da Lusitania o Genio em París sôa.

O pezo, que a opprime

Faz com que a palma se erga mais sublime.

A's nuvens se levanta

Do mal, do bem o alado pregoeiro,  
Que com cem olhos vê o mundo inteiro,

E por bocas mil canta;

Do Louvre, donde abrindo as azas vóa,  
Tão heroico valor, que o mundo espanta,  
No dourado clarim acclama, e sôa;

Valor, que já da terra ás quatro partes

Em sonoros accents

Vóa nas azas dos ligeiros ventos.

Se aquelle, a quem em sorte

Coube affrontar de Antheu a força dura,  
Beber o sacro nectar não procura,

Senão depois que a morte

Venceo, vencendo, o bruto do Erimanto,

O Leão de Nemea, a Hydra forte,

Cujas cabeças são de Lerne o espanto;

Inda a morte vencendo o Genio Luso,

Vencer não pôde a inveja,

Antheu mais forte, com que então peleja.

O Monstro vil, e horrendo,  
 Que na terra não dorme hum só instante,  
 E enrugá sempre o pálido semblante,  
 Cujó peito roendo  
 Rijo Abutre infernal o Orbe incita,  
 E contra a luz os olhos retorcendo  
 O lívido veneno atróz vomita,  
 Ante o Solio de Jupiter Potente,  
 O Genio abate, e rude,  
 Dobrar pertende a sólida virtude.

Por cerros não trilhados  
 Caminha o Genio só. Não o embaraça  
 O ardil, que o Monstro estúpido lhe traça,  
 Da queixa afoga os braços.  
 Soffrido calca com emprego nobre,  
 Não branda arêa, os montes levantados  
 Dos crespos gelos, que a Moscowia cobre;  
 Mas antes que em pessoa á Corte assome  
 Do Czar poderoso,  
 Já lá chegado tem seu Nome honroso.

Com sereno semblante  
 Fabio, raro prodigio da virtude,  
 As affrontas soffreo da plebe rude.  
 A' dura Lei constante,  
 Que a Minucio inexperto em vão o igualla,  
 Humilde se sujeita. Nesse instante  
 Obra só Fabio, se Minucio falla;  
 Minucio livra, e paga generoso  
 Da Patria a grave injúria  
 Com a salvar das mãos da fatal Furia.

Vibrando resplendores,  
 Não menos obra o Genio esclarecido.  
 De longe inda remove submettido  
 Os Mavorcios furores  
 Da terra, em que os Penates seus deixára.  
 Petropole franquêa a seus louvores  
 Padrão igual de gloria immensa, e rara.  
 No Golfo de Finlande o Newa undoso  
 Por cem bocas semêa  
 O Nome do Varão, que honra Uliassêa.

A enroscada cabeça  
 Do Monstro c'um só pé, e outro no Solio  
 Piza quem já o eleva ao Capitolio  
 Das honras, e começa  
 A premeiar não menos Generoso  
 O Vassallo fiel (sem que se esqueça  
 Das Letras, do valor, merito honroso)  
 JOÃO, Príncipe Augusto, a quem humilde  
 A lingua sibillante  
 Muda só lambe a Planta Fulminante.

Que dons em ti juntarão  
 Os Ceos! Quem pôde, ANTONIO, assás louvar-te!  
 Sem pelejar tu representas Marte.  
 Quantos melhor tocarão  
 A Citara sonora, tu venceste.  
 Ah! quaes no verso a Apollo te igualarão:  
 Porém que novo Monumento he este,  
 Que Amor da Patria erige, onde pendura  
 A longa Eternidade  
 Altos trofeos de singular piedade!

*De Manoel Nicoláo dos Reis de Araujo Ribeiro.*

*Ao mesmo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*

O D E

*A' imitação das de Pindaro, Poeta Grego.*

**P** Or mais que, ó Lyra, estude  
 Fraco Mortal do Ismeno entrar na esfêra,  
 Cega a luz, que a Virtude reverbera.  
 Benefica Virtude,  
 Dom raro, tu que brotas fulgor santo,  
 Porque o fragil terreno assombra tanto?  
 Armigera Deidade,  
 Novo audaz Prometheo resurge, e guia  
 Ao Promontorio, em que alça a fronte o dia;  
 Que a longa immensidade  
 Dos aérios espaços encadêa;  
 Ou da sacra centelha hum raio arranca,  
 Que rapido fuzile,  
 E inflamine a terreal inerte idéa.

Melhor na pelle hirsuta  
 Será, que niveas plumas recamando,  
 Pelos hombros, e braços transformando  
 A vá fôrma e corrupta,  
 Branco Cysne da terra me desprenda;  
 E qual, mistura, que vistosa, e horrenda



Grosso cartaz aperta,  
 De salitroso pó, á cauda atada  
 Da fistula ligeira, accelerada,  
 Porque a zona deserta  
 Direira rompa, brilhe, estale, e toque;  
 Do immundo pó acima pelos ares  
 Zunindo impetuoso  
 Entre os braços das nuvens me colloque.

Com azas não vulgares  
 Biforme, illéo então aos Ceos me erguera,  
 Té onde vio fundir Dédalea cêra  
 O Despota dos Mares.  
 Mas que Sacro furor!.. Maíor que o Orbe  
 Nada a meu Estro na carreita estorve.  
 Do Bosphoro distante  
 Embora a praia brame; a Lybia ardente  
 Arenosas voragens de repente  
 No refluxo levante;  
 Travem Rhodano, e Ebro infausta guerra,  
 Os ultimos Gelonos de arco armados  
 Dacia, Getulia, e Colchos;  
 Ave canora já, nada me atterra.

Igual com as estrellas,  
 Satellite de Apollo, Marte, ou Jove,  
 Estro immortal immortaes azas move.  
 Bebendo as luzes bellas  
 Do Divinal fulgor; quão differente,  
 Em torno gira a maquina luzente!  
 Pezado, grave, e leve,  
 Os corpos já, que abrange o Firmamento,



Vão repartindo o eterno movimento,  
 Bem como o fogo, e a neve;  
 Qual desviando do central caminho,  
 Qual por outra vereda discorrendo  
 Na Orbita se chega  
 Ao sitio mais da terra, e mar vizinho.

Eu vejo a Cinosura,  
 Andromeda, Cepheo, e o Drago horrendo,  
 E de Oriente o gesto, e o ar-tremendo;  
 Que graça, e formosura!  
 Cassiopea gentil, que inda vaidosa  
 Julga ser que as Nereidas mais formosa;  
 Outro Cysne, que gira,  
 (Qual placido cantando exhala, e morre)  
 A Lebre rutilante, que alli corre,  
 Os Cães, a Não, e a Lyra,  
 E os animaes, que em numero exaltados  
 De doze estão, como de Phebo intonso  
 Talhados aposentos,  
 Com largo cinto de ouro em roda atados.

Que torreão fulgente  
 De abrilhantada massa, ethereo lume,  
 Surge da esfêra no impinado cumé!  
 De esmeralda luzente  
 Cem mil columnas o edificio esteião,  
 E de rubim o Portico rodeião!  
 Na soberba fachada  
 Esculpidos em rigido diamante  
 Troféos avultão de valor prestante!  
 Sacra, eterna morada,

O Numen, que te occupa em tanta gloria,  
 Dize, Pallas será, ou Juno, ou Marte,  
 Ou o Senhor do raio,  
 Ou filha alguma da immortal memoria ?

Se por lei dos Destinos  
 He consagrada a refulgente móle  
 Do Cephalico Jove á Sabia prole,  
 Solon, Eaco, e Minos,  
 Pesistrato, Licurgo, e Rhadamante  
 Côrte farão ao Numen. Se diante  
 Da filha de Saturno  
 O grande imperio está; porque não chega  
 Ao Porto do Luzeiro a Armada Grega,  
 Dido, Juturna, e Turno?  
 Se de Jupiter he; porque assim falta  
 Aguia sublime, que veloz adeja,  
 De Tros o filho amavel,  
 Que pelos fios de ouro aos Ceos se exalta?

Porém se esta he a Corte  
 Do Belligero Deos, vem pois, ó raro  
 Tu de Numancia vencedor preclaro;  
 E tu, que o nectar forte  
 Bebes, domando os tres varões ufano,  
 Quando fechaste o bifronte Jano;  
 E os que se distinguirão  
 Dos meus Lusos Heroes por mar e terra,  
 Quando ao Tridente declararão guerra,  
 E fataes reprimirão  
 O Gangetico orgulho, Castro ardente,  
 Terrivel Albuquerque, Gama invicto,

Pacheco, Nuno, e Lima  
De Jór altiva o vencedor potente!...

Mas que estrondo espantoso!...  
Na rigida couceira vacilante  
Rangendo se abre a porta scintillante!...

No fundo portentoso  
Que Deosa vejo em solio collocada  
De mil almos Espiritos cercada!...

Numen do Firmamento,  
Quem es? Quem esta maquina levanta?  
Riqueza, e Arte, e Forma, tudo espanta!...

Profundo acatamento  
Mostra a Sacra Phalange. Altos arcãos  
Promulga a Deosa. A Natureza toda  
Se humilha, e emmudece.

» Celicolas, ouvi; fugi, profanos.

» Quem entre a retumbante,  
» E rouca voz, que horrisona quebranta  
» Sobre o sangue infeliz victoria canta;

» Que a entranha palpitante  
» Do prostrado mortal, que ainda arqueja,  
» Com brutal ira retalhar deseja;

» Que dos humanos brados  
» Não sente o écco lastimoso, vendo,  
» Apathico do horror, o fogo ardendo,

» Levar arrebatados  
» Os miseros irmãos; do Pólo summo,  
» Qual crepitante raio, que destroça,

» Metade do Universo  
» Deixar envolto em turbilhões de fumo;

- » Qual na afflicta Cidade,  
 » Que entre a chamma voraz o terreo assento  
 » Sacudir via de tremor violento,  
   » Brutal iniquidade  
 » De vís salteadores rompe as minas  
 » De ouro énterrado em lugubres ruinas,  
   » Assoprando a fogueira,  
 » Os pálidos cadaveres despindo  
 » Das rotas vestes, que horridas tingindo  
   » Montanhas de poeira,  
 » De quente sangue immenso, e turvo lago,  
 » Sacrilegos ao Ceo agradecião  
   » O tumulto, que augmenta  
 » Da infeliz Patria o miserando estrago;

- » Não são deste Hemisferio  
 » Moradores, ou Satrapas ditosos;  
 » Os Deoses, Semideoses fabulosos  
   » Não honráo meu Imperio.  
 » Saturno, Pallas, Jupiter, e Jano  
 » Filhos são de mortal, e cego engano.  
   » O Alumno verdadeiro  
 » Do meu Celeste Paço he o que treme,  
 » E nas desgraças de outrem chora, e geme.  
   » Aquelle, que primeiro  
 » Sahe do Dorio Palácio, que o engana,  
 » É vaga pelos campos consternado,  
   » Quando vê solitaria  
 » Sem hum cultor a infima choupana.

- » O que as hervas calcando  
 » Que as ruas cobrem da deserta aldêa,



- » Quando vê nas estradas, que rodêa ;  
 » Triste mái soluçando ;
- » O pai gemendo, o filho magro, e roto ;  
 » Demandarem paiz estranho, ignoto ;  
 » Profugos innocentes
- » Da doce, e chara Pátria, em que nascêrão,  
 » Quando aos longos gemidos, que já derão,  
 » Unem vozes dolentes,
- » Acorda a humanidade, e pode tanto,  
 » Que o soccorro acompanha acerbo espasmo,  
 » Que o coração lhe rasga,
- » E as faces banha de amargoso pranto.  
 » No seio da indigencia
- » Quem não toma por vil, e infame injúria  
 » Ir encontrar o Merito, e penuria,  
 » Escravos da opulencia,
- » E trás elles correr; em docês laços  
 » Lançar-lhe ao collo enternecidos braços,  
 » Qual o Questor Romano,
- » Que entre as silvestres brenhas explorando  
 » O tumulto de Archimede, affrontando  
 » O vil Siciliano
- » Roça os espessos matos, e descobre,  
 » Estrangeiro na terra, a pedra bruta,  
 » Que o Merito soterra,
- » E a Pátria assim de infame pejo cobre,  
 » No Batavo conflicto
- » Quem só lastima a Lusitana gente,  
 » E orgão da Pátria ao Vencedor potente  
 » Repõem o claro grito.



- » Assim largar das mãos lhe determina  
 » O vaso, em que bebia a atroz ruina.  
     » A gratidão, a inveja  
 » No pêzo, equilibrando, o beneficio  
 » Armão em gloria já, em precipicio  
     » Alternada pejeja;  
 » Nada da Patria ao Bemfeitor espanta.  
 » Se na prosperidade se corrompe,  
     » Nos trabalhos se apura  
 » A virtude, que a terra aos Ceos levanta.  
  
     » Qual já nuvem funesta  
 » Sobre da Gallia a Capital se engrossa;  
 » Contra o Martyr do Estado se alvoroça  
     » Da intriga a turba infesta.  
 » Por bem fazer não teme o varão forte  
 » Nadar em ondas da terrível morte.  
     » Hum raio de esperança  
 » Scintilla mal, que em torno lhe revôa,  
 » A' Ursa Boreal submisso vôa.  
     » Instante não descança;  
 » Em que rasgando a densa, e escura tréva,  
 » Que a Discordia por terra, e mar espalha,  
     » Inda hoje vigilante  
 » A afortunar a Patria não se atreva.  
  
     » Tal o Varão, que o atro  
 » Vicio detesta, e as bellas artes ama:  
 » Mas se tanto as acções lhe esmaltá a Fama;  
     » Se universal Theatro  
 » Forão do Alto saber, que ao longe ensaia,  
 » Petropole, París, e Hollanda, ou Haia;

» Este Dom glorioso,  
 » Escripto já em eternal diamante  
 » Ornando mais de meu poder bastante  
 » O archivo luminoso,  
 » O cria Alumno meu, que he por essencia  
 » Benefico, Immortal. Seu Respeitavel  
 » Nome o Universo escute:  
 » He Araujo; e eu Beneficencia.»

Ao som de acorde Hymno,  
 Que extatico transporta o pensamento  
 Nitida a porta cerra á Deosa attento  
 Espirito Divino.  
 Sonho! Onde estou? Onde já fica o mundo  
 Etherio, Elementar? Onde o rotundo  
 Globo, que a Sapiencia,  
 Por si mesma sustenta, e só que eterna  
 Por leis eternas vivida governa  
 Divinal Providencia?  
 Musa, da gratidão acompanhada  
 O vôo abate, despe a Cygnea Forma;  
 Vem já, como aturdida,  
 Sepultar-te no abysmo do teu nada.

*De M. P. A. R.*

## O D E

## A Filinto.

**F**ilinto, ah meu Filinto, jaz enfermo  
 O teu querido Alfeu, atassalhado  
 De dous crueis galfarrós famulentos,  
 Que querem devora-lo.  
 Hum delles frio mais que o gelo alpino,  
 Aos lassos bófes tão tenáz se afferra,  
 Que em vão, pelo expellir, lidáo e suáo  
 Em convulsos arrancos:  
 Em quanto o outro, como fragoa ardente,  
 Com rapidez girando pelas veias,  
 Me faz passar os dias dormitando,  
 Em continuas modorras.  
 Mas de noite, roubando somno aos olhos,  
 Na fantasia ao vivo me debuxa  
 Centauros, Geriões, Hydras, Chiméras,  
 E monstros mil informes.  
 No meio destes males lastimosos,  
 Em trajos de viuva encapellada  
 Tirando arrojo os lugubres vestidos  
 Entra a melancolia.  
 Com vagarosos passos se encaminha  
 Para o leito, a miudo bocejando;  
 E, cravados em mim os torvos olhos,

Se assenta á cabeceira,

Alli tres vezes, com as mãos de chumbo  
Me aperta o coração, depois tres vezes  
O macilento rosto me bafeja

Co' a verde-negra bocca

A' medida que em mim lávra o veneno,  
Em frias bagas de suór me banho;  
Espessas trévas subito me embruscão

A fraça, errante vista.

Foge-me a alegria, as doces Musas  
Me fogem de tropel, espavoridas  
Da horrenda catadura desta bruxa,

Que entre dentes praguejão.

Corre, corre, Filinto, ao teu Alfeno:  
Vem livra-lo do monstro sanguinoso,  
Que as entranhas lhe chupa sitibundo,

Qual tenaz sanguisuga.

Não de rigidas malhas revestido,  
Ou de cótta de laminas seguras,  
Com luzente murrião, escudo, grêvas,

Brandindo a grossa lança.

Não se espanta de ver tanta ferragem,  
Quem he do alvergue do furor porteira,  
Quem entra a tenda do Tyranno intruso,

Por entre armadas filas.

Mas armado de saes, facécias, chistes,  
Na cabeça por elmo hum Alfarache,  
Hum Gil Blas por pavêz, ou grão Tacanho,

Por lança hum Dom Quixote.

Nem te esqueça trazer (por mór cautela)  
De Ferrabras o balsamo bemdito,  
Aquelle, que na venda ao pobre Sancho



Fez vomitar as tripas.  
 Apenas te avistar, vêla-has bramindo  
 Discorrer rabeando pela sala;  
 Té que, estourando com fragor horrendo,  
 Se solte em negro fumo.  
 Quando estes rudes Versos te escrevia,  
 Longe de mim vagava a voraz furia...  
 Ei-la que chega, oh Ceos! sumamos tudo  
 Antes que deite o luzio.

*De Domingos Maximiano Torres.*  
 Alfeno Cynthio.



---

*O Douto Medico.*

**M**AI vem a febre de furor armada,  
Láyra dos bota-fogos, no edificio,  
Labareda ateadá.

Eis corre a Natureza ao prompto officio,  
Arca por arca luta co' a aggressora;  
E a gente expectadora

Buscando quem desmanche a ágra pendencia  
Traz hum cégo, que ornou Medico lauro.

Este o bordáo vareja de Epidauro,  
De pancadas de cégo faz sciencia;  
Se aleija a febre, o enfermo tem saude,  
Se a Natureza, aprestem-lhe atáfide.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
Filinto Elysió.

## SONETO

*Ao Desembargador Antonio Diniz da Cruz.*

Q Uinze vezes a aurora tem rompido,  
 E acendi outras tantas a candêa  
 Desde que prezo estou nesta cadêa,  
 Soffrendo o que nenhum cá tem soffrido.

De todo trago o estômago perdido,  
 Cômô frio o jantar, mal quente a cêa;  
 E este misero ornato que me acêa,  
 De noite he cama, de manhã vestido.

A hum canto da boca arrumo hum dedo,  
 Subo os olhos ao tecto, ao chão os mando,  
 Sem saber o que faço me arremedo.

Comigo mesmo estou filosofando;  
 Nego os mesmos principios que concedo:  
 Vê tu, meu bom Diniz, qual louco eu ando.

*De Pedro Antonio Corrêa Garção.*

## SONETO.

**R** Asga-se em dous, do Templo o véo sagrado:  
Tolda-se o ar de trévas espantosas:  
A Lua, o Sol com manchas sanguinosas:  
O Mar geme na praia espedaçado.

Treme o globo em seus eixos abalado,  
E surgem das entranhas revoltosas  
Mirrhadas formas, hirtas, payorosas,  
Que o povo põem transido, e descórado.

O Sol, o Céu, a Terra, e o Mar profundo  
Devião este pasmo, e horror ingente  
Ao que espira na Cruz, Author do Mundo.

Mas se assim nos assusta paciente,  
Que será quando venha furibundo  
Julgar do Throno a peccadora gente!

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.  
Filinto Elysió.*

## SONETO.

**I**mpávidos Heroes, filhos de Marte,  
Britanica Nação, agil, robusta,  
A quem o pó sulfureo nunca assusta,  
Com quem Neptuno o Reino seu reparte;

Do teu temível bellico Estandarte  
O Heroico arvorar a Gallia assusta,  
E do teu Soberano a Mão Augusta  
Cruel remorso inspira a Bonaparte.

Ah! vem auxiliar nossas acções  
Contra quem torna os povos infelices,  
Contra o Monstro voraz das mais Nações.

Então, França, verás, quando tal visses,  
Da Inglaterra surgir mil Scipiões,  
De cada Portuguez hum novo Ulysses.

*A' hida de Bonaparte ao Egypto.*

S O N E T O.

**N** ão mettas, temerario, em curva quilha  
 Pé costumado a triunfar na terra;  
 No mar ha outro genero de guerra,  
 Arte sublime, da experiencia filha.

Italo Heroe novos caminhos trilha;  
 E quando outro Laurel affronta, e serra,  
 O Pavilhão encontra de Inglaterra,  
 E a seu aspecto a alta fronte humilha.

Scipião, que a Anibal a furia illude,  
 Fez no Mediterraneo horrivel lago  
 De humano sangue, de combate rude:

Mas se a victoria do presente estrago  
 For pois inseparavel da virtude,  
 Londres Roma será, Paris Carthago.



---

*Ao intento que dizem tivera Junot de derribar  
a Estatua Equestre.*

## SONETO.

**D**A Casa de Bragança existe em vulto  
Na Equestre Estatua hum Rei pio, e clemente,  
Avô daquelle Principe Regente,  
A quem vinhas fazer barbaro insulto.

O Povo inda lhe rende amante culto,  
Inda respeita nelle hum Rei potente,  
E o amor protestado ao Neto ausente  
Nos nossos corações não vive occulto.

Que importa se destrua o Grande Busto,  
Se conservamos na alma outra memoria,  
Onde immortal será seu Nome Augusto?

Tu manchas nessa acção da França a historia;  
E nós vêmos que sempre de hum Rei Justo  
Foi dado o corpo á terra, a Alma á Gloria.

## SONETO.

O Grande Usurpador, que o mundo atrôa,  
Que o crime faz girar de pólo a pólo,  
Não julgue ufano ter seguro o cólo,  
Que inda haver pôde quem lhe abata a prôa.

Sem armas usurpou a Lusa crôa,  
Que já cantarão as Irmãs de Apollo.  
Sem pejo, e sem remôrso, e só por dólo  
Veio com pés de lá sobre Lisboa.

Ninguem com tantos crimes piza a terra;  
E de huns humildes pais sendo oriundo,  
Só á santa virtude he que faz guerra.

Das Furiás he o seu pensar profundo;  
Eis-aqui tudo está, em que se encerra  
A grande gloria de quem rouba o mundo.

*Ao festejo, que fez Junot em Lisboa pelos annos de Bonaparte.*

S O N E T O de Opio.

**D**E Soléques, Meliques, Trapalóques,  
Sulturios, sulfurantes, sulfurados,  
Rotundos, salitrosos, cavornados,  
Bum, bum, bum, bum, resôão simbalóques:

Espaventos flammantes, trapiquóques,  
Imbelles, infecundos, insolados,  
Xenofes, Xenofontes, Xenofados,  
Tripudeão berliques, e berlóques,

Strangurio, scalponio, figurato,  
Gerivazio de gimbo, que gambêa  
No Zimborio de Boreas, boreato.

Eis-aqui o primor, com que se arrêa  
O dia natalicio celebrato  
De hum tal Napoleão em terra alhêa.

## O D E.

..... *Te doctus prisca loquentem*  
*Te matura senex audiat.* = Claudian.

Floreça, falle, cante, ouça-se, e viva  
 A Portugueza lingua.

*Ferreira. Carta a Pero Caminha.*

**I**rritado da dôr de ver zombada,  
 Por insulsos pechótes,  
 A lingua de CAMÕES sonóra, e pura,  
 Que nos deo tanto nome;  
 A frase nobre e tersa, com que a Castro  
 Derramava seu pranto,  
 Choraúdo o fado dos alados Cysnes;  
 Que do Parnaso as sendas  
 Nos calcarão com tão gentil despejo;  
 E com tanta opulencia  
 De eloquente riqueza nos fizerão  
 Herdeiros sumptuosos,  
 Fui sentar-me cuidadoso, e magoado  
 Nas ribeiras do Têjo:  
 E, a mão na face, descabida a frente,  
 Lançava ao longe a vista  
 Pelas aguas do rio caudaloso,  
 Outr'ora tão cantadas,  
 Tão famosas na Europa, e no Oriente.

» Quem vos vio n'outras éras  
 » Tágides nobres, celebres nos hymnos;  
 » Levantar triunfantes  
 » Nas claras ondas o soberbo rosto,  
 » Entre as do Alpheo, do Mincio;  
 » Na Italia e Grecia tão gabadas Nynfas?  
 » Hoje, de deslembadas,  
 » Não atreveis erguer-vos, pôr os olhos  
 » Nos Cantores de Elysia....»  
 Nisto... Sinto hum rumor... Turbão-se as ondas;  
 Borbulhão, formão cêrcos,  
 Que vão, huns apôs outros, estendendo-se,  
 E entre a miuda espuma,  
 Que alveja pelas lizas verdes tranças,  
 Diviso o lindo chôro  
 Das graciosas Nynfas, escoltadas  
 De Tritões escamosos,  
 Com a forçada cauda o mar varrendo.  
 No meio hum soberano  
 Ancião de branca barba ondeada e longa,  
 Que branda lhe descia  
 Pela cerulea toga auri-brilhante.  
 De Nerêa em Nerêa  
 Os verde-mares olhos perpassando;  
 Curva Real acêno  
 A' mais bella das Nynfas, que responde  
 A meus vivos queixumes.  
 Calou-se o vento, e as ondas alizando-se,  
 Como em luzente espelho  
 Tritões espadaudos retratarão,  
 E o Téjo, e suas Nynfas.  
 Então em mim fitando a clara Dea



O angelico semblante :

- » Filinto, com razão, mui justas queixas
- » Apaixonado espalhas
- » Pelas nossas ribeiras saudosas ;
- » Depois que a morte crua
- » Segou, com foice avara, aquelles grandes
- » Esp'ritos excellentes
- » CAMÕES sublime, altiloquo Ferreira,
- » E quantos a era augusta
- » Criou com leite são, clara doutrina,
- » Que a Patria acreditarão :
- » E Nume tutelar, benigno Phébo,
- » De accender não cessava
- » Divino fogo nos engenhos Lusos,
- » Mostrando-lhes c'roado
- » De illustres ramas o desejo de honra,
- » Ganhada por bons Versos.
- » Este ar, troando ainda c'os furores
- » Da bellicosa tuba,
- » Que immortal aquecia o Vate ousado
- » Quando lançava o brado,
- » Que por esse Universo se estendia ;
- » Mostrando os mares da Asia
- » Trilhados das affoitas proas Lusas,
- » E os feitos memorandos,
- » Que inda écco fazem nos auritos montes
- » Despertão insoffridos
- » Ardentes peitos de Renome eterno
- » A treparem com ancia
- » Pela scabrosa encosta do alto Pindo,
- » E nelle cortar louros.
- » Inda ha pouco Gargão, Elpino, Alfeno,

- » Por Apollo animados,  
 » E nos nossos regaços instruidos,  
 » As Lyras recebêrão  
 » Dos Cantores mais altos do Parnaso,  
 » E sobre as doutas cordas,  
 » Já renovarão as Canções Dircêas;  
 » E as Musas, que corridas  
 » Da rançosa Academica ( 1 ) cohorte,  
 » Fugirão enojadas,  
 » Que, de mil semi-vates aprosados  
 » Escuros, e espinhosos  
 » Desdenhárão influir os Anagrammas,  
 » Acrosticos, e Enigmas,  
 » Ou Góthicos, freiraticos conceitos,  
 » Já canoras do Pindo  
 » Vinhão descendo a bafejar os Hymnos  
 » Dós viçosos Alumnos,  
 » Nos Gregos prados, nas Latinas veigas  
 » Mestrados co' a cultura  
 » Do apurado saber, ferrenho estudo . . . .  
 » Eis que de negros corvos  
 » Hum bando iniquo em torno delles grasna  
 » Invejoso, molesto,  
 » Moteja a lingua de aspera e de antiga;  
 » De sentido enleado;  
 » Acha bronco o CAMÕES, charro o Ferreira;  
 » CAMÕES! a nossa gloria!  
 » Por quem somos só lidas e estudadas  
 » Nas terras mais remotas!  
 » Erguem no povo rudo alto ruido

---

( 1 ) As Academias dos Singulares, dos Ocultos, etc. etc.

- » Contra os novos Orfeos,  
 » E assim como as Bistonides raivosas  
 » O canto lhe affogárão,  
 » Quando no Hébro a dulcisona cabeça  
 » Arrojarão dementes;  
 » Taes contra os meus Alumnos, essas Gralhas  
 » Os gritos desentoão.  
 » Dellas te queixa, nellas céva as iras;  
 » Que as flexas do ridiculo  
 » Horacio e Juvénal te affião promptas:  
 » Que não temas as Nynfas  
 » Mais armas que as do Verso acicalado  
 » Que rasga o amago da alma.  
 » Não somos Jovê atirador de raios  
 » Nem Phebo architenente  
 » Que contra esses, que a pura veia turvão  
 » Da Pegasea Agannippe,  
 » E as estradas do Pindo o passo impedem  
 » Aos mimosos das Musas,  
 » Disparemos bombardas. Mas tu pódes,  
 » Novo Boileau severo,  
 » Cortar por Scuderis, Cottins, La Serres,  
 » Descozer seus escriptos,  
 » Ou novo Lobo, de engraçado pico  
 » Pô-los tão despreziveis,  
 » Que nem os olhos levantar se atrevão  
 » Para os que os sons mellifluos  
 » Anciosos bebem na agua do Parnaso,  
 » Alta esperança Lusa! »

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysio.

*Ao Nascimento de D. José Thomas de Menezes, filho de D. Rodrigo José de Menezes, Governador de Minas Geraes.*

## OITAVAS.

## I.

**B**Arbaros filhos destas brenhas duras,  
 Nunca mais recordeis os males vossos,  
 Revolvão-se no horror das sepulturas  
 Dos primeiros Avôs os frios ossos;  
 Qu' os Heroes das mais altas cataduras  
 Principião a ser Patriícios nossos,  
 E o vosso sangue, que esta terra ensopa,  
 Já produz fructos do melhor da Europa.

## II.

Bem que venha a semente á terra estranha,  
 Quando produz, com igual força gera;  
 Nem o forte Leão fóra de Hespanha  
 A fereza nos filhos degenera:  
 O que o Estio n' humas terras ganha,  
 Em outras vence a fresca Primavera,  
 E a raça dos Heroes da mesma sorte  
 Produz no Sul o que produz no Norte.



## III.

Ramulo por ventura foi Romano?  
 E Roma a quem deveo tanta grandeza?  
 Não era o Grande Henrique Lusitano?  
 Quem deo principio á gloria Portugueza?  
 Que importa que José Americano  
 Traga a honra, a virtude, e a fortaleza  
 De altos, e antigos Troncos Portuguezes,  
 Se he Patricio este Ramo dos Menezes.

## IV.

Quando algum dia permittir o Fado,  
 Que elle o mando Real moderar venha,  
 E que o bastão do Pai com gloria herdado  
 Do pulso invicto pendurado tenha;  
 Qual esperais que seja o seu agrado?  
 Vós exp'rimentareis como s'empenha  
 Em louvor estas serras, estes ares,  
 E venerar gostoso os Patrios lares.

## V.

Isto que Europa Barbaria chama  
 Do seio das delicias tão diverso,  
 Quão differente he para quem ama  
 Os ternos laços de seu patrio berso!  
 O Pastor loiro, que o meu peito inflamma,  
 Dará novos alentos ao meu Verso,  
 Para mostrar do nosso Heroe na bocca,  
 Como em grandezas tanto horror se troca.



## VI.

Aquellas serras na apparencia feias  
 Dirá José oh ! quanto são formosas !  
 Ellas conservão nas occultas veias  
 A força das Potencias Magestosas :  
 Tem as ricas entranhas todas cheias  
 De prata , oiro , e pedras preciosas :  
 Aquellas brutas , e escalvadas serras  
 Fazem as pazes , dão calor ás guerras.

## VII.

Aquelles matos negros e fechados ,  
 Que occupão quasi a Região dos ares ,  
 São os que em edificios respeitados  
 Repartem raios pelos crespos mares :  
 Os Corintios Palacios levantados ,  
 Dos ricos Templos Jonicos Altares ,  
 São obras feitas desses lenhos duros ,  
 Filhos desses sertões feios , e escuros.

## VIII.

A c'róa de oiro , que na testa brilha ,  
 E o sceptro que empunha na mão justa  
 Do Augusto José a Heroica Filha  
 Nossa Rainha Soberana Augusta ;  
 E Lisboa da Europa maravilha ,  
 Cuja riqueza todo o mundo assusta ,  
 Estas terras a farão respeitada ,  
 Barbara terra , mas abençoada.

## IX.

Estes homens de varios accidentes  
 Pardos, e pretos, tintos, e tostados  
 São os escravos duros, e valentes  
 Aos penosos trabalhos costumados:  
 Elles mudão aos rios as correntes,  
 Rasgão as serras, tendo sempre armados  
 Da pezada alavanca, e duro malho  
 Os fortes braços feitos ao trabalho.

## X.

Por ventura, Senhores, pôde tanto  
 O Grande Heroe, que a antiguidade aclama?  
 Porque aterrou a féra de Hirimanto,  
 Venceo a Hydra com o ferro e chamma?  
 Ou esse a quem da tuba Grega o canto  
 Fez digno de immortal, e eterna fama?  
 Ou ainda o Macedonico guerreiro,  
 Que soube subjugar o mundo inteiro?

## XI.

Eu só pondero que essa força armada  
 Debaixo de acertados movimentos,  
 Foi sempre huma com outra disputada  
 Com fins correspondentes aos intentos:  
 Isto que tem co' a força disparada  
 Contra todo o poder dos Elementos?  
 Que bate a fórma da terrestre esféra,  
 A pezar d' huma vida a mais austera.

## XII.

Se o justo, e util pôde tão sómente  
 Ser o acertado fim das acções nossas;  
 Quaes s'empregão, dizei, mais dignamente,  
 As forças destes, ou as forças vossas?  
 Mandão a destruir a humana gente  
 Terríveis Legiões, Armadas grossas;  
 Procurar o metal, que acode a tudo,  
 He destes homens o cançado estudo.

## XIII.

São dignos de attenção... hia dizendo,  
 A tempo que chegava o Velho honrado,  
 Que o povo reverente vem benizendo  
 Do Grande Pedro co' o poder sagrado,  
 E já o nesso Heroe nos braços tendo  
 O breve instante, em que ficou calado,  
 De amor em ternas lagrimas desfeito  
 Estas vozes tirou do amante peito.

## XIV.

Filho, que assim te chamo, Filho amado,  
 Bem que hum Tronco Real teu berso enlaça,  
 Porque fostes por mim regenerado  
 Nas puras fontes da primeira graça,  
 Deves o nascimento ao Pai honrado,  
 Mas eu de Christo te alistei na praça;  
 E estas mãos por favor de hum Deos Eterno  
 Te restaurarão do poder do Inferno.

## XV.

Amado Filho meu, torna a meus braços,  
 Permitta o Ceo, que a governar prosigas,  
 Seguindo sempre de teu Pai os passos,  
 Honrando as suas paternaes fadigas;  
 Não recêes que encontres embaraços,  
 Aonde quer que o teu destino sigas,  
 Que elle pizou por todas estas terras  
 Matos, Rios, Sertões, Morros, e Serras.

## XVI.

Valoroso, incançavel, diligente,  
 No Serviço Real promoveo tudo,  
 Já nos Paizes do Puri valente,  
 Já nos Bosques do bruto Buticudo:  
 Sentirão todos sua mão prudente  
 Sempre debaixo de acertado estudo;  
 E quantos virão seu sereno rostò,  
 Lhe obedecêrão por amor, por gosto.

## XVII.

Assim confio; o teu destino seja  
 Servindo a Patria, e augmentando o Estado,  
 Zelando a honra da Romana Igreja,  
 Exemplo illustre de teus Pais herdado.  
 Permitta o Ceo, que felizmente veja,  
 Quando espero de ti desempenhado;  
 Assim contente acabarei meus dias,  
 Tu honrarás as minhas cinzas frias.



## XVIII.

Acabou de fallar o honrado Velho,  
 Com lagrimas as vozes misturando,  
 Ouvio o nosso Heroe o seu conselho:  
 Novos projectos sobre os seus formando,  
 Propagar as Doutrinas do Evangelho,  
 Ir os Patricios seus civilizando,  
 Augmentar os thesouros dn Reinante,  
 São seus desvelos desde aquelle instante.

## XIX.

Feliz Governo, queira o Ceo sagrado  
 Que eu chegue a ver esse ditoso dia,  
 Em que nos torne o seculo doirado  
 Os tempos de Rodrigo, e de Maria;  
 Seculo que será sempre lembrado  
 Nos instantes de gosto, e de alegria,  
 Até os tempos, que o destino encerra  
 De governar José a patria terra.

*De Ignacio José de Alvarenga.*



*Ao Príncipe Regente Nosso Senhor.*

O D E.

---

*Concines majore poeta plectro  
PRINCIPEM , . . . . .*

*Quo nihil majus , meliusve terris  
Fata donavere , bonique Divi ,  
Nec debunt , quamvis redeant in aurum  
Tempora priscum.*

Horat. Ode II. Lib. IV.

---

I.  
**D**itosa Portugal , taes Maravilhas  
 Do Nosso Augusto o Universo espantão,  
 Que hoje as candidas filhas  
 Da longa Eternidade a voz levantão  
 Para cantar cada huma ,  
 Tito não só , mas o prudente Numa ,  
 Que por Celeste Aviso , e Gloria rara  
 Salvando vai do horror a Patria cara.

II.  
 Em quanto a vil discordia , rebentando  
 Do Tartaro cruel , assombra a terra ;  
 E os animos turbando  
 Declara ímpia , sanguinosa guerra ;  
 Em quanto furioso  
 O Batavo sacode o jugo honroso ,  
 Já quando o Belga , que o veneno estrêa ,  
 Sente os apertos da subtil cadêa ;

## III.

Em quanto pelos Alpes discorrendo  
 A delirante Esphinge disfarçada  
     Vai Cidades rompendo,  
 Sempre encubriendo a lúgubre cilada,  
     Sobre Ausonia derrama  
 O veneno mortal, e a viva chamma,  
 Abraza a região, que vagaroso  
 Em roda lava o Mincio temeroso;

## IV.

E logo pelo Lacio despedindo  
 A estaimada serpe o Tibre enlêa,  
     E Tusculo ferindo,  
 Revolve do Tyrreno ao longe a arêa;  
     Parténope queridá  
 Vomita sangue da mortal ferida,  
 E como vil escrava, fica preza  
 No proprio charco a lúbrica Veneza.

## V.

O Allobrogo, que em vão recêa, e teme  
 A fatal illusão, se ergue bramindo;  
     Em vão Helvecia geme;  
 Já os Grizões belligeros cahindo  
     Sobre o Monstro retalhão  
 As assanhadas viboras; trabalhão  
 Todos sem tino; e o Monstro desta sorte  
 Foge, e semêa a confusão, e a morte;

## VI.

E em quanto o negro halito respira,  
 E abrindo hum pouco mais as azas vôa,  
 Onde em meio o mar gyra,  
 E por gargantas sete o Nilo sôa;  
 Dos Nabatheos correndo  
 Faz o Arabe vir em furia ardendo,  
 E lá na Tracia o Bosphoro inquieta,  
 Rompendo o ar a venenosa setta;

## VII.

E quando contra o Monstro valerosa  
 Mil baixeis pelo mar Britania espalha,  
 E a gente bellicosa  
 Da Moravia o undoso Rhin coalha,  
 E o Moscovita irado  
 Passa o Danubio ainda congelado,  
 E corre o Scita da região mais fria  
 A quebrantar-lhe a tumida ousadia;

## VIII.

Magnanimo João, da Lusitania  
 O Pai, qual Tito foi, qual foi Trajano,  
 Livre da féra insania  
 Em paz rege o seu Povo. Soberano  
 Qual do rico Oriente,  
 Dos barbaros espanto no Occidente,  
 Posto no Solio cá no fim da terra  
 Sustenta a paz, porém não teme a guerra.

## IX.

Por isso, Grão Senhor, e Gloria Nossa,  
 Não tem a lealdade Portugueza  
     Digno louvor, que possa  
 Tributar-vos em toda a redondeza.  
     Devia o Luso attento  
 Erigir-vos perpétuo monumento,  
 Onde lesse a feliz posteridade  
 O vosso nome com igual saudade.

## X.

Porém antes que em marmore se atreva  
 Dar-vos louvor, que o tempo gasta, e come,  
     A Gratidão escreva  
 Em nossos corações o vosso Nome;  
     Assim rapido võe,  
 Ame-se, espante onde quer que sõe,  
 Fira novas estrellas, com profundo  
 Acatamento se oiça em todo o mundo.

## XI.

Vós, que fostes, Senhor, por Deos só dado  
 Para felicitar a Lusa gente,  
     De santa força armado,  
 Pondo os olhos no Ceo resplandecente,  
     Vereis sem ter perigo  
 Derribado por terra o inimigo,  
 Se algum ha, que atrever-se ainda possa  
 Tentar a força, e lealdade nossa.

## XII.

O Santo Pai, aquelle Avô Potente,  
 Que subjugou a téra hypocrisia,  
 Da morada luzente  
 O vosso braço guião todo o dia.  
 Para atalhar o estrago,  
 Que, ao longe faz o sibilante drago,  
 C'um vivo raio de huma luz mais rara  
 A vereda melhor vos mostrão clara.

## XIII.

Que se imprima (sem temor) constante  
 O Marcial valor: de lá vos gritão;  
 De lá vos põe diante  
 Outros novos troféos, que mais incitão  
 Toda a gloria, e virtude,  
 Sem que do tempo a mão os gaste, ou mude;  
 Troféos, que só pendura nesta idade  
 No Templo da Memoria a Humanidade.

## XIV.

Os honrosos trabalhos de alta gloria  
 Quasi imprudente esforço em trévas lança;  
 Escurece a memoria  
 Quem só na força põe toda a esperança;  
 Mas força dos Ceos dada,  
 De concelho, e razão acompanhada,  
 Ajuda o Ceo; e a simples fortaleza  
 Despreza irado, e torna em vil fraqueza.



## XV.

Já soberbos mortaes o Ceo tentarão  
 Vencer. Mais espantosos, do que d' antes  
     Huns montes levantarão  
 Sobre outros montes parciaes gigantes;  
     Mas virão de repente  
 Desde o Olympo estalar a chamma ardente,  
 E que os montes, que intrepidos subião,  
 Abrindo a voraz boca, os engolião.

## XVI.

Do feroz Leopardo a bruta sanha,  
 A do Leão, do Tigre mosqueado  
     Vence mais arte, e manha,  
 Do que hum braço de ferro tresp dobrado.  
     A Marte valoroso  
 Nem sempre o seu valor o fez ditoso;  
 Nem a força tambem, animo, e gloria  
 Lhe derão sempre a Divinal victoria.

## XVII.

Razão, filha do Ceo, que he por essencia,  
 Concede ao mortal só arma robusta,  
     Serve o homem a prudencia,  
 Ao corpo os membros. Só a razão justa  
     O Heróe immortaliza;  
 Só aos pés da traição o Monstro piza;  
 E toda a empreza, que a razão conhece,  
 O Ceo, a terra, o mar a favorece.

## XVIII.

Do Lusó Throno sábia companheira,  
Só a Razão, Senhor, a Lei nos dicta:

Amor, Justiça inteira  
Por vossa mão o Céu nós facilita.

Hum Throno collocado  
Sobre tão firme pedra inalterado  
Não só sempre será, mas deste modo  
Póde dictar as Leis ao mundo todo.

## XIX.

Curvada, pois, a Lusa Monarquia  
Vos respeita, Senhor; seu Pai vos chama;

Com vozes de alegria  
O seu Príncipe louva, que mais ama.

Por toda a parte a gente  
Dos vossos olhos sempre está pendente;  
Pois onde quer que vais, ou indo, ou vindo;  
Nossas almas fréis vos vão seguindo.

## XX.

Amor faz o bom Príncipe querido,  
Não medô, em que o escravo humilde geme.

Aquelle que hê tímido  
De muitos; logo dellés foge, e teme.

Assim a honra, e gloria  
Que aos passados Heróes para memoria  
Damos, Senhor; em vós só há motivo  
De vo-las dar ainda em quanto vivo.

## XXI.

Que esses grandes Heróes da antiguidade  
 Que Póvos mil por seu amor vencêrão,  
     Que em Justiça, e Piedade  
 Sempre co' as Leis, e as armas defendêrão,  
     Talvez com grande espanto  
 Verter chegárão amargoso pranto,  
 Por em vida não ver por hum momento  
 Premeado o Real merecimento.

## XXII.

Os Scipiões, os Fabios, que prudentes  
 Nas Punicas acções se assignalárão,  
     Os Julios, que valentes  
 Da Galia antiga os barbaros domárão,  
     Só depois das façanhas,  
 Que celebrárão as Nações estranhas,  
 Merecêrão entrar em cinza fria  
 Nos Templos váos da vã idolatria.

## XXIII.

O por doze trabalhos conhecido,  
 De homens, de téras o terror, o espanto,  
     Que com valor subido  
 Venceo a Hydra, e o Porco do Erymanto,  
     Vio, que só desta sorte  
 A inveja se vence com a morte;  
 Pois só foi, quando encheo da vida o fado,  
 No número dos Deoses collocado.

## XXIV.

Só Vós, Senhor, já alcançaste em vida,  
 Qual nunca Heróe em vida mereceo;  
 Já fama esclarecida,  
 Já honra, e gloria em vida o Ceo vos deo;  
 O' Vosso Nome corre  
 Desde onde o dia nasce até que morre;  
 Já he Grande, e Famoso nesta idade,  
 Como o poderá ser na Eternidade.

## XXV.

Vivei, Senhor, Feliz, vivei Ditoso,  
 A par da Serenissima Consorte;  
 O Dia Luminoso  
 De ambos respeito a furibunda Morte.  
 Desça do Ceo brilhante  
 Ao longe a Paz neste feliz instante;  
 Ou sejam novos Sceptros sem detença  
 Da Vossa Gloria a illustre recompensa.

## XXVI.

De João, e Carlota o Nome Augusto,  
 Escrito mais, que em rígido diamante,  
 Seja o eterno Busto,  
 Que o Povo grave no animo constante;  
 Ter-lhe amor verdadeiro...  
 Esta seja a Estatua, este o Letreiro  
 Com que eternize na futura historia  
 Dos Pais, dos Filhos a Real Memoria.



## HYMNO A BACCHO.

---

... *Dulce periculum est,  
O Lene, sequi Deum.  
Cingentem viridi tempora pampino.*  
Horat. lib. 3. Od. 25,

---

## I.

**V**em, vem, potente Baccho,  
Vem domador das Indias invencivel,  
Que os mosqueados,  
Rabidos tigres,  
Reges sob'rano  
C'um açoitte de vides dobradiças;  
Que a desdenhada crôa da Princeza  
(Antes que estrellas fosse)  
Com corymbos, com pampanos ornaste.

## II.

Tu, grande Rei, governas  
Os Reinos da alegria, e do deleite,  
Nossos humores.  
Rápidos, lentos,  
Punges, refreias.  
Tu animas as danças, os festejos,  
E ameigas no teu collo as lindas graças,  
Que o riso airoso negão  
Aos impios, que os altares teus não beirão.



## III.

Cahe aos teus pés rasgado  
 A teu aceno o sello do segredo,  
 Francas as portas  
 Tens dos Ministros,  
 Dos Reis cuidadosos  
 Se entrar em seus defezos Paços dignas;  
 Tu, se c'o a recendente, invicta dextra  
 O coração lhe espremes,  
 Pela boca espirrar-lhe o arcano fazes.

## IV.

Com branda, amiga força  
 Despedes das contentes companhias  
 Rancor pezado,  
 Secco silencio,  
 Grave etiqueta;  
 Tinges de meiga côr nossos costumes,  
 E a fronte do sizudo desencrespas.  
 Por ti ri a virtude  
 Ao amor, e a seus brincos buliçosos.

## V.

Vem, Baccho, de mãos dadas  
 C'o a molle ociosidade voluptuosa;  
 Vimineos cestos  
 De almas botelhas  
 Satyros leves  
 Dos hombros fulos ante mim deponhão;  
 Aqui vazem rubi, aqui topazio  
 De trاسبordada escuma,  
 Aqui vindo o sedento seio alaguem.

## VI.

Oh Nyctileu valente,

Só de entoar na lyra os teus louvores,  
 Não sei que flamma  
 Nivida, fulgida  
 Serpêa e corre

A assettear c'os petulantes raios  
 As costas encurvadas dos pezares...  
 Eis que trepa... eis que sobe  
 A casa da razão, e ma allumia.

## VII.

Novo discernimento  
 Com novo radio extrema idéas novas.  
 Cruzão em bandos.  
 Gentis conceitos,  
 Louçãos, garridos.

Nova série de acções de Heroes corados  
 Passão mostra no espelho do futuro :  
 Outro povo, outros tempos  
 Se me offrecem, me esperão, me convidão :

## VIII.

Que furor me arrebatá !  
 Que novos Ceos descubro, novos mundos !  
 Tudo são vinhas !  
 Tudo parreiras...  
 Hum mar vermelho

Se estende, e ondeia, crespo de navios,  
 Sem flammulas, sem vélas... Não são dórnas ;  
 São frotas, são armadas  
 De-undivagos toneis conquistadores.

## IX.

Cá descem das montanhas  
 Despenhadas correntes auri-dulces  
 Do Carcayéllos,

Do bom Setubal,  
 Que aquece o seio,  
 Que ameiga, que aviventa a alma dos velhos:  
 Aqui dormientes sombras prazenteiras  
 Se debrução das parras  
 Sobre alastradas moitas de Bacchantes.

## X.

Como ronca o Sileno  
 Entre vazios potes do cheiroso  
 Nectar sadio!  
 Pelos bigódes  
 A crespa escuma  
 Lhe ondeia ao som do folego cantante.  
 Arrepiados, stridulos adufes  
 Alli jazem cançados  
 C' os pampinosos vingadores thyrsos.

## XI.

Sobre estejos nodosos  
 Repousa, e estende os racimosos braços  
 A alegre vide:  
 C' o inchado bojo  
 Regala a vista  
 O bago acezo; guapo as mãos convida  
 Entre as viçosas folhas reluzindo.  
 Que de enfeitados templos!  
 De devotos, que o bom Evan consola!

## XII.

Destemido me assento  
 Ante esta ára divina, e rubicunda...  
 Como apressados  
 Mil Sacerdotes  
 De pés fendidos,

Carregados de victimas undosas  
 Vem ornar-me este altar! Ponde no meio  
 A grande, a das quatro azas,  
 E ma adornai com bastiões de frascos.

## XIII.

Pela micante borda  
 Desta bojuda taça espanca-enfados  
 Saltão prazeres...  
 Vê como pulão,  
 Vê como estoirão  
 C'os pés brincões as apinhadas bolhas!  
 E no meio do lago, que derrama,  
 Olha nadando as Nynfas,  
 As Nynfas da alegria galhofeira.

## XIV.

Olha, atravéz das ondas  
 Que talhão c' o alvo peito, lá no fundo  
 Baccho risonho,  
 Mui recostado  
 N' um throno de hera,  
 Que me acena c' o thyrso folheado.  
 Eu vou, eu vou, Lennêo irresistivel.  
 Nos palacios do seio  
 Meu hospede serás... Entra de golpe.

## XV.

Oh como hum Deos he grande!  
 Onde quer que aposenta, occupa tudo.  
 Os quartos da alma,  
 Os da memoria,  
 Té qui tão cheios  
 De mordazes tristezas, de infortunios,  
 Tudo desalojou, tudo acha estreito



Para a pousada sua  
Baccho embebeo-me todo, e eu sou hum Baccho.

## XVI.

Em fogosos Etontes  
Nos leva a repelões Apollo o dia;  
Como huns instantes  
As horas võem;  
Tacita a lua

No carro argenteo acolha o fugaz tempo.  
Que eu transbordando Baccho zombo, e rio  
Do seu bater das azas,  
E lhe dou vaias c' o tinir dos copos.

## XVII.

Vaias lhe dou sonoras,  
Quando cheio de ti, por ti Poeta,  
Nos bordões grossos  
Da cara Lyra  
Dou quatro golpes,  
Com que este ar todo frene, atroa, estruge,  
E vai pelas cavernas sibombando,  
Té que acorda a Marfisa,  
Que do folguedo de honte inda hoje dorme.

## XVIII.

Onde foste esconder-te,  
Deslavado Dorindo, que os mysterios  
Do augusto Bromio  
Celebrar hoje  
Foges esquivo!  
Vem beber côres, vem beber saude  
Nas sacras taças deste altar petenne:  
Affoga-me esses filtros  
Com que Esculapio te danou o peito.



## XIX.

Tu por acaso julgas  
 Que huma agua sem sabor, sem côr, sem força,  
 Não froxas veias  
 Pinte, apressure  
 Palido sangue?  
 Encha de ardor o coração ensosso,  
 E discretas faiscas mande á testa,  
 D'onde alegria aos olhos  
 Nos desça, e desça á bocca o dito agudo.

## XX.

Só foi dado a Lyeo  
 Povoar de altas idéas o juizo.  
 No verde Pindo  
 O douto Horacio  
 Nunca vio Nynfas,  
 Sem que a mente primeiro confortasse  
 Com sangue de bacello. Dalli versos  
 De atrevida harmonia,  
 Dalli prazer lhe vinha, vinha força.

## XXI.

Cheio de ousado brio,  
 Que esta crôa me dá de louro e de hera,  
 Aqui a guardo,  
 E os desafio  
 C'o copo em punho,  
 Os duros valentões famigerados  
 Da viçosa Chamusca, ou Lavradio:  
 Não ha hi desalmado,  
 Gigante, encantador, que eu não arrote.

## XXII.

Accende em roda os fachos

De resinoso , crepitante pinho :

— Entre mil lumes  
Trémulos , rutilos  
Bebo esta grande

Taça ao grande Evio , estoutra a ti , Marfisa ,  
Que auricrinante chegas opportuna . . . .

Ai como os campos danção !

Dança á meza ! . . . Dobrados vejo os frascos !

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
Filinto Elysio.

## ODE IV. DE HORACIO

Do Livro I. *Solvitur acris byems.*

**A** Caba-se o inverno rigoroso,  
Cedendo á primavera, e ao favonio;  
As maquinas navaes ás seccas quilhas  
Arrastão já.  
O gado já não gosta dos curraes,  
O lavrador ao fogo não se chega,  
Nos verdes prados já se não observa!  
Branca geada.  
Já a Deosa de Cythéra guia os coros,  
Alegres coros ao sahir da lua;  
Com as Nynfas formosas misturadas  
Graças gentis,  
C' os alternados pés á terra batem,  
Em quanto o coxo Deos Vulcano ardente,  
Nas negras officinas dos Cyclopes  
O fogo accende.  
Gosta-se agora da cabeça ornada  
Cingir com verde murta entre os banquetes,  
Ou com aquellas flores que produzem,  
As soltas terras.  
Tambem agora nos sombrios bosques  
Se vai sacrificar com alegria,

A terra cordeirinha a Fauno, ou antes

Gordo cabrito.

A macilenta morte põe por terra

O palacio do Rei, e igualmente

A cabana do pobre. O' feliz Sesto,

A vida breve

Não nos deixa cumprir longas esperanças,

A tenebrosa noite vai cubrir-te,

Os manes fabulosos vão cercar-te,

Vás habitar

As vasias moradas de Plutão ;

Nas quaes não tornarás tu, tendo entrado,

A sortear com dados os alegres

Reinos do vinho.

---

ERICIA, OU A VESTAL,  
TRAGEDIA.

---

## ACTORES.

VEFURIA *Primeira Sacerdotiza de Vesta.*  
 ERICIA *Vestal.*  
 EMILIA *Donzella, que aspira ao culto de Vesta.*  
 AURELIO *Grão Sacerdote.*  
 AERANIO *Patricio Romano.*

Vestaes, Sacerdotes, Povo Romano, Soldados.

*A Scena he em Roma no Templo de Vesta.*

---

## ACTO I.

O Theatro representa o Templo de Vesta. O fogo sagrado está acceso no Altar. He noite, e só este fogo allumia o Templo. As Vestaes estão prostradas.

## SCENA I.

*Veturia encostada com huma das mãos sobre o Altar.*

*Vet.* **O**' Deosa protectora dos Romanos,  
 O' Vesta Sacrosanta, Augusta Virgem,  
 Sê favoravel sempre a quem te adora;



O Sacro fogo em tuas Arás brilhe.  
 Em quanto o vencedor d'altiva Hespanha;  
 Em quanto Scipião de Roma as Aguias  
 Conduz ás Torres da feroz Carthago,  
 Dobra a cerviz do indomito Africano,  
 Tu volve para nós benignos olhos,  
 Conserva a paz, e a gloria em nossos muros;  
 Ouve a tua fiel Sacerdotiza,  
 Que t'incensa, t'invoca, e deste Povo  
 Preces, votos, depõem nos teus Altares. (1)  
 Vós, ó filhas do Ceo, Donzellas Santas,  
 Vós, cujos corações purificados  
 A' virtude, ao dever se consagrarão,  
 E a quem neste feliz, quieto asylo  
 Hum destino suave os Ceos concedem;  
 Longe das cegas illusões do Mundo,  
 Dai, dai graças a Vesta; os seus favores  
 Deprecai, merecei: nos cultos della  
 Só devem consistir vossos cuidados,  
 Desejos, pensamentos, gloria, tudo. (2)  
 As sombras vem cahindo, e quando a Aurora  
 Desfizer a nocturna escuridade,  
 Veremos outra vez o dia illustre,  
 Em que o melhor dos Reis, o sabio Numa;  
 De Vesta submetteo ao grande auspicio  
 Seu Throno inda recente, e neste dia  
 A Deidade immortal de nós espera  
 Almas submissas, corações libertos

(1) Para as Vestaes que se erguem.

(2) Ercia suspira.

Das viz torrentes da fraqueza humana (1)   
 Para a santa, annual festividade   
 A lembrança dos votos vos disponha   
 Nada os pôde annullar. Pensai, ó Virgens (2)   
 No terrivel sepulchro destinado   
 Para a torpe Vestal, que escandalosa   
 Da Deosa macular a Estancia Augusta   
 Pensai, pensai q' em vós he crime hum erro,   
 Que Vestalê nas almas, que seus olhos   
 Sempre estão fitos neste immenso espaço,   
 E, mais que em tudo, em nós; que não donbecem,   
 Nem tempos, nem limites, nem distancias,   
 Q' abarcando o Universo elles penetrao   
 Com prompta, com igual facilidade,   
 A densa terra, os ares transparentes.   
 Recolhei-vos. E tu, que pela sorte (3)   
 Hoje para velar foste escolhida;   
 Conserva este deposito sagrado;   
 Vê que nestes altares venerandos (4)   
 A Deosa te escuta solemnes votos   
 Hum queixume, hum só ai pôde aggravar;   
 Treme, adora-lhe as leis, se digna della

- 
- (1) Ericia se perturba.   
 (2) Novos signaes de perturbação em Ericia.   
 (3) Vão-se as Vestaes menos Ericia.   
 (4) Apontando para o lume sagrado.

## S C E N A II.

*Ericia só olhando para Veturia, que se vai.*

*Eri.* Assim da minha dor se compadecem! . . .  
 O Ceo devia ouvir peizados votos,  
 Votos que o coração desaprovava! . . .  
 Hum inflexível Pai me trouxe, ó Deosa;  
 Victima involuntaria aos teus altares;  
 Tu o sabes; indigna de servir-te,  
 Podia submeter-me a teus preceitos;  
 E dar-te hum coração que já não tinha?  
 Afranio mo roubou, inda o possui,  
 Inda a memoria do meu doce amante  
 Me persegue a teus pés, ó Divindade.  
 Aqui mesmo suspiro, ardo por elle . . .  
 Saberá de meu mal! terá noticia  
 Das lagrimas, que dou á sua ausencia! . . .  
 Chorará como eu choro! . . . Amar-me-ha inda?  
 Ah dúvida cruel, tu me envenenas . . .  
 Deosa! Deosa! Eu t'offendo, eu te profano;  
 Mas hum lustro (ai de mim) soltar não pôde  
 De suave attracção meu pensamento;  
 Nelle reina, triunfa a grata imagem  
 De meus benignos amorosos dias.  
 Suffoca para sempre, extingue, ó Deosa;  
 Este fogo invencível, que m'abrazo;  
 Arranca-me do peito o mavioso  
 Coração-infeliz, e atribulado,  
 Que nasceo para amar, e amar não deve.

## SCENA III.

*Ericia, e Emilia.*

*Emi.* **O** Zelo á ti me guia, eu te supplico  
 Me permittas velar contigo a noite,  
 Em que t' he confiado o Sacro lume;  
 Cedo ao culto de Vesta hei de obrigar-me;  
 Tão doce expectação quanto me he grata!  
 De ti venho aprender como se deve  
 Servir a Divindade.

*Eri.* . . . . Ah desgraçada! (1)

*Emi.* Digna-te pois . . . .

*Eri.* Emilia, ainda es livre . . . .  
 Assim como a seduzem, já tentarão  
 Seduzir-me, encantar-me ao jugo acerbo:  
 Eu fugia, eu me oppunha . . . . Ella s' entrega! . . . .  
 N' hum abysmo de males, de tormentos  
 A' querem despenhar. E o zelo he isto! . . . .  
 Ah, tua alma innocente, ingenua, pura  
 Tem medido, ai de mim, tem ponderado  
 Toda a longa extenção destes deveres,  
 A que intenta cingir-se?

*Emi.* A paz, e a gloria  
 Venho aqui merecer, gozar contigo;  
 De Vesta os beneficios, a clemencia  
 Tua felicidade . . . . Ericia choras? . . . .

*Eri.* Que beneficios!

---

(1) Olhando com ternura.



*Emi.* Ceos! quanto me assombrão  
As lagrimas que vejo!.. Angustia.. Pranto  
Neste sacro-lugar!.. Não, tudo, tudo  
Aqui me lisongea, aqui m'offrece  
A face da ventura.

*Eri.* . . . . . Ah! como a enganão!  
Eu devo ao pé do abysmo allumiar-lhe;  
Mal pôde a compaixão ser hum delicto!  
Fascinárão-te, Emilia, ouve a amizade.  
Choro os teus Fados... A innocencia tua;  
De ti, dessa illusão sinto a piedade,  
Que de mim não sentirão!.. Mais sincera,  
Mais justa devo ser... Buscas, ó filha,  
Buscas nestes Altares a ventura...  
Sabe que não existe onde a presumes.

*Emi.* Ceos!

*Eri.* . . . Desesperação, pavor, tristeza,  
Mais terriveis q' a morte aqui residem;  
As almas carregadas, opprimidas  
C' o pezo do dever, aqui desmaião;  
Eterno Abutre d' implacavel fome  
Aqui mirradas Victimias devora;  
Aqui surgir do peito os ais não ousão,  
Medroso ao coração recua o pranto;  
Té a mesma virtude, em toda a parte  
Tão doce, tão pacifica, mudando  
De natureza aqui nos atormenta,  
Nos faz desesperar, morrer mil vezes.

*Emi.* Que! Padece-se aqui! sinto a minha alma  
Confusa de t'ouvir, não convencida....  
Ah quererás talvez experimentar-me!...  
Perdoa, Roma crê que sois ditosa,



Q' a Deosa com tranquillos puros gostos  
 Próspera, aformosêa os vossos dias.  
**Eri.** Roma não vê, não sabe o que soffremos,  
 A desesperação q' em nós fermenta;  
 Roma de longe nos applaude... e os ferros  
 Nos pezão mais, e mais, de dia em dia.  
 Estas grossas muralhas vedão, sommem  
 A seus olhos o horror que nos abrange.  
 Tu ainda és feliz, ainda ignoras  
 A que tribulações, a que desastres  
 O humano coração nasceo propenso.  
**Emi.** Encontrão as q' incensão seus Altares  
 Amargosa oppressão nas leis de Vesta  
 Do mundo que deixarão tem saudades!  
**Eri.** Dá-me credito *Emilia*. Oh quantas, quan-  
 tas,  
 Como tu, conduzidas pelo zelo  
 Aos Altares de Vesta, e retratando  
 (Mas já tarde) os seus votos indiscretos  
 N' hum silencio tyranno a dor enfrêão!  
 Algumas ha (mais dignas de carpir-sê)  
 Que victimas do grão q' os Ceos lhes derão  
 (Ou antes da ambição de Pais injustos)  
 Vierão com violencia a estas Aras  
 Votar-se á solidão, ao captiveiro,  
 Enterrar-se n' hum cárcere de horrores,  
 Quando ao Mundo as chamão os pensamentos!  
 Ao Mundo q' a seus olhos presentava  
 Alta felicidade em mil objectos,  
 Gostos neste lugar desconhecidos!  
 O templo em que lhes cumpre, em q' he forçoso  
 Q' a magoa lhes consuma os turvos dias,

Sem que doce esperança as lisongêas;  
 Este rigido Templo hum muro ingente  
 Ergue entre ellas, e o Mundo; ellas desejão  
 Ir goza-lo outra vez, querem remit-se  
 D' amargosa oppressão. Mas lei sagrada  
*Eri.* Invencivel obstaculo as suspende!  
 Além desta muralha antiga, horrenda,  
 Que de tudo as separa, a cada instante  
 Sua alma s' arrebatã, s' extravia;  
 Seus pensamentos vão, vão seus desejos  
 Sedentos demandar entre os Romanos  
 Hum prazer que lhes foge, e Fados novos;  
 Mas em ferrea prizão seus agros dias  
 Ao rigoroso Templo estão ligados.  
 As lêdas illusões se desvanecem,  
 E a desesperaçã de horror cercada  
 Os tristes corações fica roendo.  
 Então sente-se mais o pezo ao jugo,  
 A' morte que o desate, então se roga;  
 Mas ao continuo rogo a morte he surda:  
 Vai calada afflicçã ralando o peito,  
 Nenhuma destas victimas se affouta  
 A declarar seu mal antes o occulta.  
 Póde ao menos no Mundo a quem nos ama  
 O nosso coração manifestar-se.  
 Póde chorar no Mundo, e ser chorado;  
 Mas aqui a afflicçã não tem piedade;  
 Miseros corações aqui não gozão  
 Nem a consolaçã de os lamentarem,  
 Esse unico prazer dos desgraçados!  
*Emi.* Nada póde aterrar-me: o genio, o zelo  
 Aos Altares da Deosa me guiarão

O Mundo para mim não tem valia;  
 Pago-me de o deixar; memorias suas  
 Já mais me custarão nem hum suspiro.  
 Que attractivos ha nelle? os váos prazeres;  
 O nada dos seus bens sentio minha alma;  
 Sagaz adulação vâmente os doura,  
 No Mundo affecta o vicio de virtude:  
 Triunfa o crime. Os Deoses se profanáo.

*Eri.* Ah q' o conheces mal! Tua innocencia  
 O Mundo pinta, e crê, segundo as falsas  
 Doutrinas, que recebe a cega infancia.

Não achas preciosa a liberdade?

*Emi.* Mas essa liberdade, isso que choras  
 Quando he nosso? As mulheres sempre escravas,  
 Victimias do interesse, e do costume,  
 Dependem do dever, e não da escolha;  
 Se acaso d'hum Consorte ás leis se obrigáo,  
 Cumpre condescender com seus caprichos,  
 Supportar seus defeitos; cumpre ama-lo,  
 Cumpre até venerar-lhe as injustiças:  
 Póde-se appetecer tão duro estado?  
 Ah! só neste lugar serei ditosa.

*Eri.* Serias, porque tens tranquillo o peito,  
 Aqui mansa innocencia abrigo encontra;  
 Mas o tempo virá tornar penoso  
 O estado que tão doce te parece;  
 E o véo das illusões ha de romper-se.  
 Nessa viçosa idade, em q' os humanos  
 si mesmos s' ignoráo, inda Emilia,  
 Anda o teu coração te não diz nada.  
 Tens mudos os sentidos, e ociosos,  
 Nada os ancêa. A natureza dorme,



Ella despertará. Não pára o tempo ;  
 Vem apontando a idade ; em que tua alma  
 Surgirá do lethargo , e da indolencia ,  
 Sentimentos incognitos provando :  
 Não lhe háo de então bastar , nem sacia-la  
 Os Altares de Vesta , as leis , e o culto .  
 Dos primeiros desejos assombrada  
 Inquieta , pungida , ao pensamento  
 Te virá nova sorte , e novo estado ;  
 O Mundo que odioso se t' antolha ;  
 Outra côr tomará na tua idéa . . .  
 Mas tarde , mas em vão ! E a soledade ,  
 Este jugo , este horror , o Altar , e os votos  
 Irão de dia em dia exacerbando  
 O teu desassocego , os teus desgostos .

*Emi.* Dessas perturbações , desses desgostos ,  
 De q' excitas em mim confusa idéa ,  
 Aqui meu coração terei seguro .

*Eri.* Que seria de ti , se hum doce objecto  
 O tenro coração t' esclarecesse  
 Entre esta escuridão ! Se affoguida  
 Tua alma por outra alma suspirasse ,  
 Que acceza appetecesse unir-se á tua !  
 Em tal consternação onde acharias ,  
 O' triste , o teu soccorro , o teu refugio ?  
 Buscarias debalde a paz perdida .  
 Leio em teu coração pelos teus olhos ,  
 Sei que te deixa absorta o que m' escutas .  
 Teme a tua innocencia , ella concorre  
 A seduzir-te , Emilia . Esta linguagem ,  
 No lugar onde a fallo , he estrangeira ;  
 Mas do risco , em que estás , quero salvar-te .



*Emi.* He tal que te mereça a dor q' observo!  
 Comovem-me teus ais, creio em teu pranto  
 A pezar d'afflicção d'hum Pai querido,  
 Que saudoso entre os braços me affagava  
 A idéa da ventura aqui me trouxe,  
 E.... (1)

*Eri.* ... Fallas em teu Pai?... E's delle amada?

*Emi.* Eu sei que lhe he penoso o meu projecto,  
 E custa-me affligi-lo.

*Eri.* Ama-te, Emilia?  
 E atreves-te a deixa-lo? Ah! considera  
 Nesse amor, nesse bem, merece-o, torna  
 Ao seio paternal, vai consola-lo.

Como és digna de inveja!... Hum Pai te anima!  
 Ai de mim! quantas lagrimas excitão  
 Neste triste lugar! De quantos males  
 Inexoraveis Pais tem sido origem!

As preocupações, o orgulho, o sexo,  
 O juz dos primogenitos, ou antes  
 Parcial injustiça, em hum dos filhos  
 Lhes concentra os desvelos, e a ternura.

Instados d'ambição guia-lo intentão  
 A's altas, as pomposas Dignidades,  
 E ao futuro esplendor lhes sacrificão  
 As miseras, Irmãs!.. Oh Pais tyrannos!

Que! não murmura em vós a natureza  
 Contra esta preferencia abominavel!..  
 Foge, foge daqui; ditosa Emilia,  
 Agradecendo aos Ceos hum Pai benigno;

Vai ser-lhe arrimo á languida velhice,

---

(1) *Eri.* interrompendo-a.

Vai ajudar-lhe os vacilantes passos;  
 Teu dever lhe aligeire o peso á vida,  
 Lhe disfarce o pavor da sepultura:  
 Quem nos pinta dos Numes a clemencia  
 He só a ingenua paternal-bondade.

*Emi.* Cumpre sacrificar aos Deoses tudo:  
 Eis o que me ensinarão.

*Eri.* . . . . . Desvanece  
 Esse engano, em que jaz tua alma envolta;  
 Escuta o coração da natureza;  
 Ouve a benigna voz que a todos falla:  
 Deve-se culto aos Ceos, aos Pais ternura;  
 Triste de quem n'hum Pai acha hum tyranho!

*Emi.* Ouço-te com terror! Vesta não póde  
 Livrar teu coração desses desgostos?

*Eri.* Vesta! . . . Vesta! . . . Ai de mim!  
 Vai minha filha,  
 Vai-te, deixa-me só! . . . No peito encerro  
 Cruéis tribulações . . . Tu não as sentes . . .  
 Não as saibas . . .

*Emi.* Confia os teus segredos  
 De hum coração que te ama, e que . . .

*Eri.* Ha segredos,  
 Que da alma, que os contém, sahir não devem.  
 A amizade a meu mal não poderia  
 Dar lenitivo algum. Deixa-me.

## SCENA IV.

*Ercia só.*

*Eri.* **O** H, Deoses!  
 Quanto em hum coração, s' amor o ancêa,  
 Custa reter segredos que lhe pezão!  
 Já não posso esperar socego, allivio!  
 Ha de sempre a minha alma em seus transportes  
 Revolver-se no crime, e no remorso!  
 Indá, feliz Emilia, és insensivel,  
 Inda serena victima innocente,  
 Ignorando o perigo, a dor, e os males,  
 Que estas fataes abobedas enlutão,  
 Corres sem susto para o ferro erguido,  
 Destinado a ferir-te; ah! Inda beijas  
 O funesto grilhão que te sopeia;  
 Só vês as flores de que estás croada...  
 Eu provo todo o horror do sacrificio,  
 Do sacrificio atroz. Oh Ceo!... Não hei de  
 Metigar teu rigor! Só d'almas puras, (1)  
 Prêzas, Vesta immortal, o ardor, o incenso  
 Muda, converte a minha; e se he possivel,  
 Neste peito afanoso influê, oh Deosa,  
 O fervor, a innocencia, a paz de Emilia.  
 Esvaece, destroe, consome, apaga  
 A lembrança tenaz, que me persegue,

---

(1) Chega-se para o Altar.

Só quero que me esqueça o meu amante.  
 Que desejo! Ai de mim! Quem me dissera,  
 Que fôra ca. minha dita, a minha gloria  
 Desterra-lo do peito, e do sentido!...  
 Ah! Que acerbo dever, que tyrannia  
 Me ordena, justos Ceos, que o sacrifique!

## S C E N A . V.

*Ericia junto ao Altar, e Afranio. (1)*

*Afra. M*eus passos guia amor.... He ella..

*Ericia!*... (2)

*Eri.* Afranio!... Ah! onde estou! Que ve-  
 jo!... Eu morro.

*Afra.* Formoso, amado encanto, eu venho,  
 eu venho.

Esquecer a teus pés minha desgraça.

*Eri.* Afranio!... Junto a mim!... Que ardor,  
 que insania

Te move a pôr em risco a minha fama,

Os teus dias, e os meus. (3)

*Afra.*..... Dissipa o medo.

Neste feliz momento a sorte amiga

Reconduz a teus olhos lacrimosos

O teu saudoso amante. Em mil desgostos,

(1) Afranio caminha inquieto, e olhando para  
 hum, e outro lado.

(2) Chega-se.

(3) Afranio com tom rapido. (1)



Sentindo o coração desfalecer-me,  
 E deprecando aos Ceos o bem de olhar-te;  
 Cançado de carpir, de amar sem fructo,  
 Entrei pela saudade enfurecido,  
 Na escura solidão do Sacro Bosque,  
 Ondê este duro Asylo se remata;  
 Para os cegos mortaes o entra-lo he crime;  
 Mas nada me detêve. . . Hum Nume, hum Nume,  
 Sem dúvida que alli me encaminhava!  
 Occupado em minar de noite e dia,  
 Passagem, que a teus pés me dirigisse,  
 A terra em fim cedeo, e abrio caminho  
 A meus passos, a Amor. Por huma estrada  
 Subterranea, profunda, e tenebrosa,  
 Que vem findar-se aqui, m' entranho affouto.  
 Os olhos veladores, que t' espião  
 Attentos ao festejo, em ti não cuidão,  
 Hum amigo me espera, e me assegura  
 A fuga vigiando além dos muros.  
 Vem pois, aproveitemo nos do tempo;  
 Eu a teus pés teu coração reclamo;  
 Esse amor puro, que dourou meus dias  
 Inda em ti resplandece? E's inda a mesma?  
*Eri.* Se te amo! . . . Em que lugar! . . . O  
 Ceos! Qué intentas?  
*Afra.* Que receio hei de ter, sendo inda ama-  
 do? (1)

As trevas, o silencio nos ajudão,  
 Jáz afferrada ao somno a tyrania,  
 E os olhos d' amizade estão velando.

(1) Com transporte.

De ti privado, Ercela, ha quasi hum lustro  
 Entregue aos frenezins, entregue ás ancias  
 Da desesperação, com mil clamores  
 Accusando teu Pai, e os Ceos, e os Fados,  
 A vida, e todo o Mundo aborrecendo,  
 Para'o fatal Recinto, em que gemias,  
 Com raivoso tremor lançavas os olhos:  
 Mil vezes (senão fosse o teu perigo,  
 Ou antes tua morte inevitavel)  
 Mil vezes tornaria em cinza, em nada  
 Este carcere horrendo, este sepulcro.  
 Sem cessar fluctuando em vãos projectos  
 Para ver se mudava o teu Destino,  
 Té disposto a vibrar n'hum ferro a morte  
 Contra teu Pai cruel, contra mim mesmo,  
 Todo quanto furor nas almas cabe  
 Longamente por ti sentio minha alma;  
 Mas do prazer o ardor só sente agora,  
 Tudo em meu coração cede á ternura.  
 Eu te vejo, eu te escuto, e nada temo.

Eri. As ancias da saudade, o mal d'ausência  
 Supportei como tu. Mas em que tempo  
 A meus olhos o Ceo te restitue!  
 Envolta nestes véos, ante estás: Aras  
 Ouso ver-te!... Escutar-te!... Amante!  
 Oh Vesta!... Oh lei penosa! Oh sorte injusta!  
 Afra. Do Pai deves queixar-te, e não da sorte!  
 A dureza feroz desse tyranno  
 Foi só quem motivou nossas desgraças.  
 Se a fervida paixão que me inspiraste  
 Não fôra escudo seu. Da minha amada

Com seu sangue o cruel pagára o pranto;  
 Aos Ceos encommendei minha vingança;  
 E os Ceos no horror tumulo arrojááo  
 Teu Irmão, esse objecto em que nutria  
 Funestas, orgulhosas esperanças.

*Eri.* Meu Irmão, já não vive! Entre estes muros  
 Sumida, afferrolhada ao Pai não devo  
 A minima lembrança! Inda até agora  
 Noticia me não deo de seus Destinos.

*Afra.* C'o a tua compaixão teu Pai condemnas:  
 Elle renunciando o lustre, a pompa,  
 Do Mundo s' affastou, e ignoro aonde  
 A dor, e a desventura o conduziráo:  
 Deposto o nome, o Gráo, fugindo a todos  
 Conta-se que no Altar aos Deoses serve...  
 Embora expie as furias junto ás Aras  
 Que me importa o cruel, se vejo Eriçia?

*Eri.* Meu Pai!...

*Afra.* Ainda o choras! Não te lembras...

*Eri.* Forjou meu damno, e... lagrimas lhe devo,  
 Elle em meu coração, elle em meus dias  
 Vertendo amargo fel, veneno amargo,  
 Se privou dos desvelos, dos extremos  
 De filial ternura: Eu lhe seria  
 Branda consolação nos seus pezares...  
 Propicio a nosso amor, não levantára  
 Entre nós esta rigida barreira...  
 Afranio!... Que he do tempo em que eu gozava  
 Dos olhos teus sem susto? E estremosa...  
 E tua a par de ti serena, e livre,  
 Aceza na paixão, que te accendia,  
 Hum prospero futuro imaginava?...



Tão bellos dias para nós morrerão.

*Afra.* Revivem para nós tão bellos dias;  
Temos em nossas mãos, nossa ventura  
S'inda o candido amor ferve em teu peito,  
Meus males, meus tormentos, meus transportes  
Tem demonstrado assás que amor me inflamma.  
O sangue dos Publiculas, o sangue  
Que as veias me circula, he grato a Roma,  
Roma chora o meu mal, e enternecida  
De hum robusto partido a mão me offerta  
Se és, a que foste, approva o meu designio,  
Demos-lhe execução: Risonhos Fados  
Aplanão para nós do bem a estrada.

*Eri.* Devia-te esquecer.... Porém não pude;  
Informem-te este Altar, e aquelles muros  
Entre os quaes meu amor desventurado,  
Te carpio sem cessar chamando a morte.  
Ante este mesmo Altar que he testemunha  
De tão funesto amor, com mil suspiros  
A Deosa contra ti de balde invoco. (1)

*Afra.* Perdoa.... Este lugar vedado a todos;  
Franco está para mim. Venho propor-te  
Que rompas teus grilhões, que me acompanhes;  
Que debaixo de hum Ceo mais favoravel  
Nos vamos esquecer do ferreo jugo,  
Que os Deoses, e teu Pai te fabricarão  
Atreve-te a seguir-me....

*Eri.* . . . . Eu extremo... (2)  
Que pertendes de mim? Não vês, não sabes

---

(1) Afranio com arrebatamento.

(2) Cheia de furor, e fugindo para o Altar.



Que Vesta nos contempla, e nos escuta?... (1)

*Afra.* Para salvar quem amo; eu affrontára  
Os Ceos, os proprios Ceos!... Porém que digo!  
Propicios a meu gosto os Ceos abrirão  
O caminho, que a ti me trouxe occulto.  
Nada te impede a fuga; e já supponho  
Inuteis ao projecto os meus sequazes;  
A tua approvação só quero, e rogo,  
Cede aos desejos meus, e tudo he facil.  
Amigo inseparavel me acompanha,  
E da nova intenção vou dar-lhe aviso;  
Para a fuga dispôr basta-me hum dia,  
Com a noite a manhã virei buscar-te.

*Eri.* Que escuto!... Irados Ceos! Terrivel  
Deosa!...

Donde intenta arrancar-me hum cego impulso!...  
(2)

Trovêja contra mim vingança eterna  
Antes que deste Altar... (3)

*Afra.* ... E amas-me ainda?...

*Eri.* Tu reforças meus males... Sim eu te amo,  
Assás por este amor sou criminosa  
Hei de ás Aras, e á Deosa abandonando,  
Da perdição... do horror... subir ao Ceme!...  
Não Afranio, o soccorro, a mão de Vesta  
Resistencia dará virtude e forças  
A' fragil infeliz Sacerdotiza;  
O Ceo defenderá do mais enorme.

(1) Afranio rapidamente.

(2) Com mais terror.

(3) Afranio consternado, e chegando-se a ella.

Do mais negro dos crimes a minha alma:  
Sim aqui morrerei.

*Afra.* . . . Não, tu, não amas. (1)

Enganou-me a apparencia. Eu vinha, ingrata;  
De amorosas idéas inflammado. . . .

Esperava hum prazer, hum dia, hum premio  
Promettido aos extremos e á constancia.

A Deos. . . . Queres que morra . . . . Eu te con-  
tento (2)

*Eri.* Onde vás, caro amante? . . . Oh, Ceos!  
Que disse? . . . (3)

*Afra.* De pressa; que resolves?

*Eri.* . . . . Olha o Templo, (4)

A que hum voto cruel me tem ligada;

Já o meu coração me não pertence,

Pertence á Divindade. . . . Os juramentos

Que me apartáo de ti, bem vêes, bem sabes. (5).

*Afra.* Que dizes! Que illusáo! Que juramen-  
tos! . . .

Os juramentos teus foráo ser minha;

Os juramentos teus me asseveráo

Hum permanente amor, hum laço eterno.

(1) Affastando-se della com hum furor re-  
premido.

(2) Indo-se.

(3) Apartando-se do Altar, e estende os bra-  
ços para Afranio, torna logo a encostar-se no Al-  
tar. Afranio voltando.

(4) Perturbada chorando, e sem deixar o Al-  
tar.

(5) Afranio com vivacidade.

Eu reclamo a teus pés o que juraste;  
 Esse voto a teus labios extorquido,  
 Não rompe, não destroe o antigo voto;  
 A Deosa, que te cinge a seus altares,  
 Sobre o teu coração não tem direitos,  
 Mais sagrados que os meus; os meus procedem  
 Do mesmo coração que hoje me negas.  
 Ah! contrapezas espontâneos votos  
 A votos que arrancou brutal violencia?  
 Se crês que em fim o Altar lhe alteia o preço,  
 Tu também, tu primeiro amor juraste:  
 He seu Altar teu peito, amor conserva  
 Indestructivel juz sobre a tua alma;  
 Se temes ser sacrilega com Vesta  
 Já com amor sacrilega tens sido,  
 Com amor que mil vezes aterraste,  
 Ousa despedaçar teus duros feros,  
 Ousa restituir-te aos teus direitos,  
 O Esposo attende, entrega-lhe a Consorte. (1)  
*Eri.* Olha a terrivel Deosa!.. Que ameaça...  
 O Altar que treme!.. As chammas que esmorecem: (2)  
*Afra.* Quem te affasta de mim, não, não he  
 Vesta,  
 He tua ingratição, tua indifferença,  
 Ercia desleal... Eu hoje ao cumme  
 Da gloria, do prazer, hia elevar-me...  
 A tua approvação nos enlaçava...  
 Confiei-me de ti... Fiz mal, foi erro

(1) Ercia com desacordo e terror.

(2) Afranio com afflicção furiosa.

A minha confiança, e vou puni-la...  
 Tyranna! vou morrer de amor, de raiva,  
 De desesperação... Tu algum dia  
 Amaste-me... O remorço ha de vingar-me.  
 Se aqui da minha morte houver noticia,  
 A ti sómente accusa, a ti sómente;  
 Lembre-te o nosso a Deos... Mais deshumana,  
 Mais dura para mim, que hum Pai cruento,  
 Do pezo desses ferros carregada,  
 Desses ferros serviz que me preferes,  
 Quando só attender a amor devias,  
 Ante este mesmo Altar... Ha de carpir-me. (1)  
*Eri.* Oh Deveres! ... Oh Vesta! ... Amor!  
 Triunfa,  
 Minha alma contra os Ceos por ti decide.  
 Juro...

## S C E N A VI.

*Ericia, Afranio, e Emilia.*

*Emi.* **A**Ugmenta, ou socega os meus terrores,  
 Que tudo o que te ouvi me encheo de assombro. (2)  
 Mas a luz se amortece... A luz se apaga...  
 Oh Deosa! Hum homem!... Ah!... (3)

---

(1) Caminha, e torna.

(2) Buscando Ericia por entre a escuridade, que resulta de se ir apagando o fogo.

(3) Vai fugindo o fogo sagrado; apagando-se, deo hum grande clarão que lhe fez vêr Afranio.



## S C E N A VII.

*Ericia, e Afranio, ambos em huma grande consternação.*

*Eri.* . . . . **V**<sup>A</sup>**E**, vê o effeito (1)  
 Os damnos que produz minha fraqueza,  
 Sabe-se tudo!.. Oh Ceos!.. Virão te, estamos  
 Descobertos... Os Deoses se indignarão...  
 Afranio... Tu me perdes... Cumpre, cumpre  
 Que me ligue outra vez aos meus deveres...  
 A Deosa quiz trahir... Ella se vingá...  
 Eu me desdigo já...

*Afra.* . . . . Não continues. (2)  
 Não ha de ao teu amante o Ceo roubar-te  
 Por falta de alimento o fogo extincto,  
 Aterra, Ericia! Dita-lhe hum perjurio!...  
 Ouço rumor; bem sei que perigo corres,  
 Torno ao meu Socio, vou rogar-lhe auxilio,  
 Encarregar-lhe vou que apreste a fuga.  
 Pelo mesmo caminho eu virei logo  
 Vigiar nõ teu Fado, e no teu risco,  
 Arrebatá-te a Vesta, impõr-me a tudo,  
 Defender-te, ou morrer. (3) (4)

---

(1) Ericia tornando a si com terror e afflicção.  
 Isto antes do verso.

(2) Interrompendo-a rapidamente.

(3) Parte accelaredamente.

(4) Ericia só e perturbada.

*Eri.* . . . . Deixa essa empreza.  
 Vesta exige huma victima . . . Este fogo  
 No Altar morrendo revelou meu crime . . .

S C E N A VIII.

*Ericia, Veturia, e todas as Vestaes junto ao  
 Altar. As Escravas que trazem luzes. Eri-  
 cia procura occultar-se na multidão.*

**T** *Vet.* Razei luzes, trazei, corra-se o Templo;  
 Treme o Crime . . . Oh terror! . . . Oh Sacrilegio! . . .  
 O lume protector morreo nas Aras.  
 Vesta ameça Roma; agouro horrendo  
 No ledto instante do annual festejo,  
 Negras Calamidades annuncia,  
 Troca hum dia solemne em dia infausto  
 Na mente que da horrores antecipo!  
 Orgão de atroz desastre a Sacra tuba  
 Já derrama o terror por toda a parte,  
 O somno se dissipa, o medo acorda,  
 Jaz em luto o Senado, e Roma em pranto  
 Vê mil profundos horridos abysmos,  
 Que as bravas legiões lhe vão sorvendo,  
 Vê cahir Scipião vencido em terra,  
 A affrontosos grilhões os pulços dando . . . .  
 O' Deosa Tutelar o agoiro afasta,  
 Baste o sangue do Réo para applacar-te;  
 Do impio caso o Pontifice advertido  
 Em breve chegará: nós, nós veremos  
 Este Juiz, Interprete dos Numes,

Da vingança dos Ceos encarregado  
 Incendido no ardor de hum zelo augusto,  
 Da alta Religião brandindo o ferro  
 Logo, (Oh magoa ! oh vergonha !) em nossos dias  
 O crime o chama aqui ! Deoses Supremos !  
 Se o Réo nos escapar, não vos escape,  
 Se ás nossas mãos fugir, não fuja ao raio;  
 Aos Infernos o dou, só nos Infernos  
 Ha pena, que responda ao seu delicto.  
 Talvez huma Vestal perjura, infame  
 Sua complice foi; Jove permitta  
 Que o nome da infiel se patenteie,  
 E seu justo castigo os Ceos desarme.  
 Imitai-me, prostresmo-nos, ó Virgens,  
 Ante o manchado Altar, e a Deosa irada  
 Com suspiros, com lagrimas se invoque. (1)  
*Eri.* Aonde occultarei, supremos Deoses  
 Meus olhos... minha fronte criminosa!  
 Como que este lugar se vai fundindo  
 Debaixo de meus passos vacilantes!...  
 O remorso implacavel me rodêa,  
 Eu fallo... Conhecei a delinquente... (2)  
 Ella mesma se accusa... (3)  
*Vet.* . . . . Oh detestavel!...  
*Eri.* Desculpa não procuro ao meu delicto...  
 Castiga, fere, mata, mas não cubras

(1) As Vestaes se prostrão. Ercia não pôde esconder a perturbação, e fica em pé.

(2) Encaminhando-se para Veturia.

(3) As Vestaes a ouvem com horror, e se levantão.

De opprobrios, de baldões minha desgraça :  
 Sim nesta habitação que em pranto alago,  
 Por mim, por terno impulso . . . huma alma illustre  
 Hum mortal generoso . . . hum homem digno  
 Da funesta paixão, que me domina  
 Vejo a Deosa insultar no proprio Templo;  
 Mas sabe o Ceo que em vez de convidado  
 Com profana ousadia ao sacrilegio,  
 Meu triste coração se horrorizava,  
 Tremia de ceder aos seus desejos.

*Vet.* Temeraria não mais do Ceo que offendes,  
 Do Ceo que te condemna a graça implora  
 Em resignado, e tímido silencio.  
 Aos pés do Grão Pontifice, que espero  
 Deves só revelar impios segredos.  
 Tu es a que lhe dás hum feio ingresso  
 Neste lugar tremendo; aqui sómente  
 Delictos vem julgar . . . Sua presença  
 He para nós terrível: assinala  
 Nossa affronta . . . Prejura, Indigna, teme  
 A sentença fatal que de seus labios,  
 Qual raio vingador vem fulminar-te.  
 Com supremo poder prompto a firmalla,  
 No austero Tribunal jnto o Senado  
 A torpe informação sómente espera.  
 Impia! rebelde ao Ceo! Chora teus Fados. (1)

---

(1) Vai-se com as Vestaes, e Escravas.



## S C E N A IX.

*Ericia só.*

*Eri.* **D**Ebaixo de meus pés negreja a morte!..  
 Aonde esconderei a angustia, o pejo,  
 O terror que me abrange!... Eu oiço, eu oiço  
 Hum Nume vingador, que em mim trovêja.

## A C T O II.

## S C E N A I.

*Veturia, Ericia, Aurelio, e Vestaes. Aurelio  
 no fundo do Theatro.*

*Aur.* **D**A Santa Dignidade ornado apenas  
 Venho satisfazer-lhe a lei mais dura!  
 Devo em nome dos Ceos punir delictos!..  
 Imitar-lhe a clemencia antes quizera. (1)  
*Vet.* Senhor, sabes quem foi a mão traidora  
 Que a Deosa profanou?... Foi huma ingrata,  
 Huma filha sacrilega de Vesta.  
 Vê o Altar de seus fogos despojado,

(1) Veturia caminhando para elle.

Vê com as nodoas do crime o Templo Augusto:

Não decorreo da noite inda metade.

A Celeste vingança, hum justo exemplo

Deve á luz matutina antecipar-se. (1)

A culpada aqui tens, indaga, e julga.

O público terror, em paz se torne.

Os direitos de Vesta; os seus poderes

Jazem nas tuas mãos depositados. (2)

Nós vamos por mil votos applacalla. (3)

## SCENA II.

*Aurelio, e Ercia, que tem os olhos baixos como quem deseja esconder o rosto aos do Pontífice. Aurelio, tendo seguido com os olhos as Vestaes, e olhando á roda de si.*

*Aur.* **M**Eus olhos com terror vão rodeando  
 Todo este Santuario; ante elle eu sinto  
 Tremer-me o coração... Tremer-me as plantas...  
 A leza Divindade está clamando,  
 Tratemos de punir, o mais se esqueça.

*Chega.* (4)

*Eri.* Que voz!... (5)

---

(1) Presenta-lhe Ercia coberta do Véo com a cabeça baixa cheia de confusão, e terror.

(2) Voltando para as Vestaes.

(3) Vai-se com as Sacerdotizas.

(4) Para Ercia.

(5) Turbada.

*Aur.* . . . : O crime está no Templo, (1)  
Hum castigo exemplar que aterre o crime,  
Os Romanos atonitos esperão.

A dureza das leis coartar não posso,  
Defende-te se pódés (2)

*Eri.* . . . . Ceos!.. Que lance!..  
Que amargura!.. He meu Pai!.. Não, não me  
engano (3)

*Punc.*

*Aur.* Que vejo!.. Oh Deos!.. (*Conhecendo-a.*)

*Eri.* . . . . Vês tua Filha.

*Aur.* Ella!.. Ericia! Olhos meus, alucinais-  
me!.. (*Aterrado.*)

Foi teu Pai.. contra ti chamado ao Templo!..

Assim... Ao triste... vens a apresentar-te?

Voltas o rosto.. e nada me respondes?

*Eri.* Senhor!

*Aur.* Jove supremo! Eternos Deoses!

Está pois convencida!.. A filha encontro! (4)

Os Ceos... A Patria... As leis mandão que  
morra!..

E eu devo condemnalla!

*Eri.* . . . . Es tu mesmo

Meu Juiz... Ah Senhor!..

*Aur.* Se-lo he forçoso... (*Com amargura.*)  
Debaixo de que Estrella abominosa

(1) Sem olhar para ella.

(2) Ericia olhando com perturbação.

(3) Depois de o tornar a encarar, e chegando-se a elle.

(4) Depois de algum silencio.

Me criastes oh Ceos!... Desenganado!  
 Das quimeras do Mundo aos pés dos Numes  
 Hia o fim de mandar dos meus desgostos,  
 Da minha agitação. Renunciando  
 Nome, Grandezas, tudo, ante os Altares  
 Em silencio chorava, a meu despeito  
 De Pontifice erguido ao grão sublime  
 Hoje a ti me conduz feroz destino...  
 Meu filho já não vive... Eu julgo, eu creio  
 Que huma filha me resta, e vejo... Oh sorte!...  
 Que enche todós os seus de eterno opprobrio!..  
 Infeliz!... Esqueceo-te o juramento?...  
 Foste rebelde ás leis no Ceo dictadas?...  
 Ousaste ser perjura, e dispozeste  
 Fim triste a mim, e a ti, na dor, na infamia!..  
*Eri.* Ceos!.. Que escuto! Senhor, eis-me  
 prostrada,  
 Tua victima sou, mereço a morte?  
 Sei meu crime qual he... Porém devias  
 Tu proprio, tu Senhor, lançar-mo em rosto?..  
 Minha dor tem direito a lamentar-se.  
 Eu amava (tu mesmo o conheceste)  
 Por teu odio tenaz fui constrangida,  
 A mudar meu Destino, e para sempre  
 Dos braços Paternacs arremeçada  
 Me vi, a pezar meu, preza aos Altares;  
 O melhor dos mortaes me foi roubado,  
 Elle me appeteceo quando a saudade  
 Minha fragil razão desacordava;  
 Tu, tu sabes se o amo!.. Eia, condemna;  
 Sentencea, castiga... Eu já não devo  
 Estranhar teu rigor, mas se te infamo,



Esse mesmo rigor sómente accusa.  
 Sim : quiz fugir deste lugar terrivel,  
 Quiz hum jugo romper que me impozeste ;  
 Mas ao designio meu se oppôz meu fado :  
 Perdi , murchei nas lagrimas , no opprobrio  
 A estação de alegria , a flor dos annos ,  
 Combater-me , opprimir-me , atormentar-me ,  
 Padecer , suspirar foi meu destino.  
 A mil tribulações me reduziste :  
 Só tenho no sepulchro o fim de todas :  
 Em breve se abrirá por ordem tua . . .  
 As tuas proprias mãos me arrojão nelle . . .  
 Teu pranto corre ? .. Não correo meu pranto ,  
 Não soárão meus ais para obrigar-te  
 A affastar-me hum grillião peor que a morte ? ..  
 Meu Pai ! .. Mas não Senhor, meu Pai não foste ! ..  
 Meu Pai no coração me dera asilo ,  
 Passaste a meu Juiz , de meu Tyranno :  
 Este nome feroz véda a ternura.

*Aur.* Justos Ceos ! ..

*Eri:* . . . Tu , só tu me expões á morte ,  
 Soffre pois o amargor de meus queixumes . . .  
 Tua filha infeliz , quasi expirando ,  
 Deve ao seu infortunio esta vingança.  
 Da morte que me dás tu és culpado ,  
 Donde o crime nasceo , nasce o castigo ,  
 A injustiça abólio razões do sangue.  
 Amor , sómente amor , aos Pais nos liga ;  
 Seus beneficios só são seus direitos . . .  
 Mas tu que o desamor , tu que a frieza  
 Sempre com a terna filha exercitaste ,  
 Com que affagos , Senhor , ou com que extremos . . .

Meus deveres, e os teus me tens mostrado?  
 Opposto a meus legitimos desejos,  
 A todo o meu prazer contrario sempre,  
 Huma só vez se quer não preferiste  
 O character de Pai ao de verdugo;  
 Deste-me a conhecer o que he desgraça,  
 Folgaste de meu mal... Não, não te assombre  
 Que eu do respeito as leis, Senhor, não cumpra;  
 Tu o exemplo me dêste, atropellando  
 As maviosas leis da natureza.

*Aur.* Basta... He muito... Não mais, não  
 mais oh filha...

Poupa meu coração.. não mo expedaces...

Teu Pai foi criminoso... Es criminosa...

Minha severidade está punida...

Tuas exprobrações enchem minha alma

De remorsos, de horror... Eu as mereço.

Oh da minha ambição fructo amargoso!

Dous filhos possui... nenhum me resta.

Debaixo dos teus pés cavei o abysmo,

O pavoroso abysmo, em que te arrojô!..

Ericia... Ah minhas lagrimas te vingão...

Tua voz... Tua voz... Aqui resoa...

(*Põe a mão no peito.*)

Fere meu coração, nelle me accusa....

(*Vai para ella.*)

Ceos! minha filha esquiva-se a meus braços!

*Eri.* Ah meu Pai! ... Em que tempo mos  
 offreces!..

A' boca do Sepulchro me prantêas!

De meus dias amargos, quasi extinctos,

He este o final dia? ... A sepultura

Espera já por mim!.. Meu Pai me some  
 Naquelle eterno horror!.. Meu Pai me chora!..  
 Tardo amor! Vá piedade! Inutil pranto!...  
 Mas que digo!... Perdoa-me os furores,  
 Perdoa-me o delirio... Eu despedaço  
 Teu coração, meu Pai, e a dor te azédo.  
 Tua filha rebelde, irreverente  
 Ultraja os Ceos, ultraja a natureza...  
 Mas elles podem mais que os meus transportes;  
 Releva, oh Pai, releva a minha insania;  
 Quiz vingar me... A vingança me horrorisa...  
 No coração paterno amor desperta!..  
 Houve tempo... Ai de mim! tempo em que fôra  
 Esse amor precioso a gloria minha...  
 E morro? .. Morrerei... Senhor, não temas,  
 Não temas que outra vez meus ais te accusem,

### S C E N A III.

*Aurelio, Ercia, e Afranio. Este correndo  
 com precipitação, tendo ouvido os  
 ultimos versos.*

*Afra.* **N**ão tu não morrerás; o Pai de Ercia  
 Antes de proferir mortal sentença  
 Ha de arrancar-me a vida.

*Aur.* . . . . . Oh Ceos que vejo!

*Eri.* Que projecto!.. Que audacia!.. Que  
 delirio

Te reconduz aqui? Vens, vens de novo  
 Nas Aras affrontar a Divindade?

*Afra.* Cautamente escondido, e prompto a tudo  
 Tua voz conheci, venho amparar-te.  
 Da tua atrocidade olha os effeitos,

(*Para Aurelio.*)

Barbaro, só em mim teu odio céva.  
 Dos ferros com que a Deosa a tem ligada,  
 Eu vinha resgatar-te a triste filha,  
 Debalde a meu furor o altar se oppunha,  
 Debalde essa infeliz me recordava  
 Seu voto, as leis do Ceo, e as leis da terra.  
 A tudo me atrevi, só eu fiz tudo,  
 Só eu fui Réo. Não ouses condemnalla;  
 Eu a victima sou que os Ceos exigem;  
 Fere, apaga em meu sangue as furias minhas...  
 Inspirar-me ternura acaso deves?  
 Traze á memoria os golpes que me has dado,  
 Meus tormentos, meu mal revê na idéa,  
 Lembre-te que de ti nascêrão todos,  
 Que me tens obrigado a desejar-te  
 A morte mais atroz, que do meu odio  
 Seguro não estás, que te detesto...  
 Ah senão fosse a tua iniquidade,  
 Tu bem sabes, cruel, se eu te amaria!

*Eri.* Espera.. Que he meu Pai, reflecte, insano,  
 Olha a consternação que o justifica...  
 Cruel!.. Para que vens vituperallo,  
 Envenenar-lhe a dor, talvez perder-te...  
 Morrer sem me salvar?.. Meu Pai, vieste  
 Com braço vingador pôr freio ao crime...  
 Não te enganas da victima na escolha,  
 A mim, que delinqui, punir só deves...  
 De cegos frenezins desacordada

N



Aos Ceos, a Vesta preferi o amante  
 Elle, ah!.. Elle, sem ver minha fraqueza,  
 Jámais conceberia as esperanças  
 De arrancar-me a cerviz de hum jugo eterno.  
 Eu devêra lutar,.. lutar não pude.

*Aur.* Meus filhos.. (*Pegando-lhes nas mãos.*)

*Afra.* Tu suspiras!.. Que resolves?..  
 (*Apertando lhe a mão.*)

Da ternura em teus olhos ferve o pranto;  
 Falla; com huma palavra extrahir podes  
 Os terrores mortaes, que em mim se arreigão.  
 Emmudeces!.. Bem sei, vais condemna-la!.. (1)  
 Mas meu amor, meu braço inda lhe restão.  
 Roma de meus Avós he grata ao zelo,  
 Ella recordará quanto me deve;  
 Se em Roma tenho amigos, tu bem sabes,  
 E se o sangue Publicola se estima.  
 Sou vivo, impedirei o atroz projecto,  
 O negro detestavel Sacrificio...  
 Treme, eu vou.

*Eri.* . . . . Para, e vê tua injustiça,  
 Venera aquellas cãs, ouve me ao menos;  
 Huma esperança vá do peito expulsa...  
 Recuso, e desapprovo os teus excessos.  
 Os Deoses a sentença proferirão...  
 Meu Pai por dever santo he orgão della.  
 Tu no meu coração reinas, triumphas...  
 Por esta confissão me entrego á morte.  
 A minha vida está nas mãos de Vesta...  
 Eu te adoro, eu te perco, eu para sempre

---

(1) Larga-lhe a mão com furor.

Meus dias vou fechar... Na sepultura...  
 Meus dias... que por ti só me erão gratos...  
 Submette-te... Refreia os teus furores;  
 Não aggravas hum crime, hum Pai respeita...  
 No semblante do Pai contempla a Filha;  
 Vive para adoçar-lhe a desventura;  
 Nos froxos olhos seus enxuga o pranto,  
 Em vez de lho augmentar com teus insultos...  
 Exigir inda mais talvez podéra...  
 Ah! Por ti morro... De animo careço...  
 Aceita hum triste a Deos... A Deos da morte...  
 Nunca mais te verei, (*Affasta-se vagarosa-  
 mente.*) (1)

Ericia, Ericia!

*Afra.* Ella foge; os meus gritos são baldados.

#### S C E N A IV.

*Aurelio, e Afranio. Este voltando-se para Aurelio, e com voz arrebatada:*

*Afra.* **E** Scuta.. Não te enganés, não presumas  
 Que eu se Ericia perder seu Pai respeite,  
 Vê que nõ Amante hum vingador lhe fica...  
 Mas que faço!.. A que excessos me arrebatava  
 Meu inutil furor! He desta sorte,  
 Que hum Réo ao seu Juiz perdão supplica!

---

(1) Afranio seguindo-a. Ella pára, olha para elle com amargura, volta-se arrebatadamente, e desaparece.

Tu me vês a teus pés depôr a audacia,  
 Tu prostrado me vês, vês que te imploro  
 Para te conservar teu proprio sangue,  
 Para evitar-te os prantos, e os remorsos,  
 Para salvar de hum fim tão lastimoso  
 Huns dias preciosos, huma vida  
 Que debes respeitar; por ti, por ella;  
 Recorro ao pranto, ás supplicas me abato...  
 Pontifice dos Deoses, sê sensivel...  
 Sê Pai... Tu choras?... Lagrimas não bastão  
 Ericia mais que lagrimas precisa;  
 Estorva a sua morte, a minha, a tua.

*Aur.* Vai, já meu coração, já me tem dito  
 Quanto pôde dizer... Porém minha alma  
 Autonita de horror, mede, contempla  
 A medonha extenção dos seus deveres.  
 O Pai não pôde... Oh Ceos!.. Alucinar-se...  
 Sim da Religião sévera immovel  
 No tribunal sagrado elle preside...  
 Elle chora... Estremece... Esta sentença  
 He direito, he dever do grão que occupa;  
 O ferro da Justiça armou-lhe a dextra...  
 Não pôde perdoar...

*Afra.* Que leis! Que horrores!  
 Os Ceos anhelão sangue! Ordenão mortes?  
 Exigem Parricidios! Tu confundes  
 Com a Religião teu impio zelo...  
 Inhumano! Elle he Pai, e eu sou quem roga!  
 Esta sentença barbara te aterra,  
 E, a pesar do terror, vais proferi-la!

*Aur.* Afranio... (Chora.)

*Afra.* Vai-tê, deixa-me Tyranno, (Arrebatado.)

Artifice fatal dos nossos males! . . .  
 Tu vez que precipicio a mim, e á Filha  
 Cavou tua injustiça Em melhor tempo  
 A meu ardente amor porque o roubaste?  
 Justo seria . . . As horas passão, fogem,  
 Aproveita-las vou, devo salva-la.  
 Se isto he crime, encarrego-me do crime,  
 Se nisto affronto os Ceos, os Ceos tem raios;  
 Posso remir a victima que ádoro;  
 Ha caminho que a ella me conduza;  
 Consente-o: não arriskas tua gloria,  
 Basta só que retardes a sentença.  
 Se a retardas, Senhor, salvas-te a Filha.  
 Da palavra que dou, verás o effeito.  
*Aur.* Que intenta! . . . A que cegueira amor  
 o arrasta! (1)  
 Ah Mancebo infeliz! que pronuncias!  
 Dentro em meu coração não lem teus olhos . . .  
 Eu o golpe lhe dei com que ella espira . . .  
 Ah nesta alma paterna inconsolavel  
 Com mais exprobações o horror não dobres . . .  
 De benigna piedade eu necessito . . .  
 Vê meu debil poder . . . Já no Senado  
 Os severos Pontifices se ajuntão;  
 Do crime perpetrado em breve esperão  
 Exacta informação que dar-lhes devo . . .  
 Ou demora, ou descuido as leis não soffrem.  
 A mesma criminosa se dilata . . .  
 O zelo impaciente apressa a pena . . .

---

(1) Aurelio a custo, e como reanimando constancia.



Retardar-se não pôde o sacrificio...

Que o meu dever me impõe, que Roma espera

*Afra.* Sacrificio! De quem! De Ercia! Ah caião

Caião primeiro esses crueis Altares

Nas ruinas dos tectos abrazados;

Primeiro o Sacro fogo em cinzas torne

De feroz Vesta as barbaras Escravas!

Já não sei da razão, já nada attendo,

Meu coração raivoso, arrebatado

Ousa desafiar todos os Deoses.

Embora sobre mim rebentem raios:

Nada pôde estorvar que eu vingue Ercia,

Que eu vingue a minha amada... Oh Ceos

Vinga-la!

Outras idéas tenho, outros cuidados;

Sómente o de salva-la he que me occupa:

Aurelio, meus tormentos te commovão,

Ahi faze que o Pontifice emmudeça;

Triunfe a natureza, amor triunfe...

*(Lança-se-lhe aos pés.)*

Oh meu Pai!.. Tenho o juz de ássim chamar-te.

Nada tentas, Senhor, nada te incita!

A proxima desgraça não te aterra!

Que! Poderás ouvir, ver tua Filha

Gemer, e caminhar ao trance horrível;

No sepulchro fatal sumir-se viva!

Pela ultima vez tendo lançado

Os olhos para ti, e em vão chorando;

Pedindo em vão piedade aos Pai, aos Deoses!

Poderás ver. seu pranto... Origem d'elle!..

Treme a tão negra idéa, a Natureza!..

Aurelio!.. Que espectáculo!.. E serias

Capaz de o supportar!..

(Aurelio o encara com ternura, levanta-o,  
torna a encara-lo, e vai-se.)

SCENA V.

Afranio só.

Afra. . . . **F**Oge, não me ouve!..  
Tudo infeliz Donzella, te abandona!..  
(Depois de alguma pausa.)  
Tudo, tudo perdeu!.. Não eu lhe resto,  
Basta. Appelle-se á força. Arme-se a raiva,  
Congregue-se hum Partido, ajudem promptos  
Os Confidentes meus-minha vingança,  
E com ferro, e violencia aqui tornemos.  
Ao Sepulchro se arranque a minha amada,  
Arranque-se aos Verdugos, a despeito  
Dos Romanos, das leis, e até dos Numes.

## ACTO III.

O fundo do Theatro está aberto, deixa ver huma Praça, que faz parte do Recinto; nota-se alli huma terra elevada, que he o Sepulchro destinado para Ericia; a entrada he por cima. A' roda grandes pedras que devem fecha-lo. Vem quasi amanhecendo.

## SCENA I.

*Aurelio só cheio de consternação caminha algum tempo pela Scena sem dizer nada, ergue os olhos para o Ceo, e recua horrorizado á vista do Sepulchro.*

*Aur.* **Q**ue espectáculo! Oh Vesta! ... A criminosa (1)

Está julgada em fim... Não tem refugio ...  
 Eu a sentenciei... Serás vingada ...  
 Os Pontífices todos a condemnáo...  
 Perdoa-me estas lagrimas... Ao fado  
 De huma filha infeliz são bem devidas...  
 Debalde quer firmar-se a natureza...  
 O aspecto do Sepulchro me confunde...

---

(1) Olha para toda a parte com inquietação

e arripia... Me abate... E posso oh Deosa,  
 rigor sustentar de meus deveres?...  
 Afranio...

... Que esperanças, que desejos  
 afoite a conceber minha alma insana?  
 sou Juiz, Pontifice, e Romano... (1)  
 sou Pai... elle vio minha amargura...  
 ma... he audaz... A tudo ha de atrever-se...  
 enha... os impetos seus... Eu cerro os olhos.  
 as onde me transporta o meu delirio!..  
 ingança devo ás leis... Vingança aos Numes...  
 minha propria Filha... em honra delles  
 devo sacrificar!.. Que angustia!.. Afranio!..  
 Afranio!... Este desejo he sacrilegio.

*(Tornando a olhar.)*

com que voz, com que face, oh filha minha,  
 a de teu Pai miserrimo intimar-te

*(Depois de algum silencio.)*

sentença cruel, que deo forçado?  
 com que animo a teus olhos temerosos  
 hei de expôr o Sepulchro!.. A morte!... O  
 nada!..

ocorro, eterno Jove!.. Eu desfaleço.

*(Encosta-se a hum canto do Theatro, e  
 fica em profunda afficção.)*

---

(1) Rapidamente, e como fallando a seu pezar.



## S C E N A II.

*Aurelio, e Ercia, esta caminha lentamente, e com hum ar desacordado.*

*Eri.* **O** Nde vou!... Tudo augmenta o meus terrores...

A morte me approximo em cada passo...  
 Senhor... Na turbação que lhe diviso (1)  
 Se nutrem minhas ancias!... Tarde... Ai!...

Tarde  
 Deparado me foi o amor Paterno.

*Aur.* E's tu Filha! (*Como acordando, fallando a custo.*) (2)

*Eri.* . . . Acolá me espera a morte,  
 Meu Pai!

*Aur.* Para morrer devo dispo-la!...  
 (*Chorando.*) (3)

*Eri.* Já nenhuma esperança me permittem?...  
 Choras!.. Suspiras!.. Basta, eu me resigno.  
 O Senado firmou minha sentença?...  
 Afranio... Te-lo amado he só meu crime.  
 Este funesto amor, que negros malès  
 Semeou na minha alma, e nos meus dias!..  
 Meu Pai... Que injuria atroz fiz eu aos Numes?..

(1) Caminha para o Pai que não repara nella

(2) Olha para o Sepulchro, volta-se para o Pai, e aponta para elle.

(3) Torna a encostar-se.

Sem querer te enveneno o fim da vida...  
 Porém dos annos meus pondera o Fado.  
 Elles por dura lei se tem volvido  
 Neste carcere triste em amarguras,  
 Em desesperação, queixumes, prantos;  
 Vê como se terminão!.. Cerra os olhos, (1)  
 Cuida só em punir, meus ais não oiças,  
 Suffoca as sensações da humanidade,  
 Repulsa a natureza horrorizada...  
 Senhor... Se compassivo em outro tempo  
 Sua voz attendesses, não virias  
 Exercer este horrivel ministerio;  
 Tu serias feliz... De Afranio eu fôra...  
 Perdoa... Desatino... A seus transportes  
 Se dá meu coração mais do que deve...  
 Lamento-te Senhor... Adoro Afranio...  
 E vou morrer!.. Constancia, fortaleza  
 Armem teu peito agora, ousa animar-me  
 No momento fatal, soccorre Ercia,  
 Eu não receio a morte, a injuria temo,  
 Inda cedendo, a amor dei culto á honra,  
 Seguia hum terno Esposo, hum digno amante,  
 Que me offertava a liberdade, a gloria,  
 Seguia hum coração que ao meu se unira  
 Desde a tenra, viçosa adolescencia...  
 Morro com tudo no supplicio infame,  
 Que pune corações torpes, abjectos,  
 Falsos ao mesmo tempo a si, e aos Deoses...  
 Os injustos mortaes allucinados

---

(1) Aurelio se levanta, da hum gemido, e cahe na sua primeira situação.

Do crime não distinguem a fraqueza?  
Serei da opinião victima triste! (1)

*Aur.* Ah Filha deploravel!... Esperemos...  
Se a fortuna... Se os Ceos... Se os meus desejos...  
Que crime!.. Que esperanza!.. Oh negros fa-  
dos!... (2)

S C E N A III.

*Veturia, Aurelio, e Ercia.*

*Vet.* **J**A' Ministro sagrado, as sombras fogem,  
A Aurora vem raiando, e sem vingança  
A Deosa ainda está, e a afflicta Roma!  
Expie-se o delicto o mal se arrede;  
Morra a culpada no supplicio justo;  
Hoje este indispensavel Sacrificio  
Seja o primeiro que os Romanos veção:  
Ao Templo consternado o Sol nascente,  
Reconduzindo a luz, de novo encontre  
Nestes Altares a pureza augusta,  
E preste a nossos cultos nova chamma,  
Na sombra em que nasceo se ausente o crime.  
De Vesta celebrar-se os ritos podem  
Esté pomposo instante acceleremos:  
Motivo algum não ha para a demora;  
Dos offendidos Ceos, do Altar manchado

---

(1.) Aurelio levantando-se, e caminhando de  
pressa pelo Theatro, e olhando para o fundo.

(2.) Com dor, e susto.

Seja a vingança pública, e solemne,  
 Ao Povo impaciente as portas se abráo.  
 Soldados, vigiai por toda a parte,  
 Neste santo lugar vossa presença  
 Contenha a multidão. Vestaes, he tempo,  
 Vinde. (1)

*Eri.* . . . . (2) A meu termo, oh Ceos! estou  
 chegada!

Morte cruel! Ao teu aspecto horrivel  
 A humanidade treme... antes de tempo  
 Caio, e me escondo em teu abysmo eterno!

*Aur.* . . . (3) Crininoso esperança abafar de-  
 vo...

Ceos! .. Cumpre obedecer! .. Tu me conforta.

*Vet.* (4) Tudo, Santo Ministro, está disposto;  
 Execute-se a lei. Essa perjura,  
 Que alta justiça ao Tumulo condemna,  
 Hum nome que manchou, não leve a elle.  
 Do sacro véo despoje-se a rebelde,  
 Por seus membros se estenda o véo da morte.

*Aur.* (5) Que barbaro dever!

(1) O fundo do Theatro se enche; as Vestaes  
 vem com os Pontifices; os soldados dispersos pela  
 Scene, affastando o povo da sepultura.

(2) Lança os olhos para a Turba, e ergue-os  
 para o Ceo.

(3) Olhando para huma parte com perturbação.

(4) Pegando no véo negro que lhe traz huma  
 das Vestaes.

(5) Péga no véo negro que Veturia lhe dá, e  
 entretanto algumas Vestaes tirão o véo branco a Ercia.



*Eri.* . . . . Momento acerbo! (1)  
 Senhor, tu estremeces! . . . Vê que todos  
 (*Abaixa a voz.*)

Tem nas tuas acções os olhos fitos,  
 Conclue . . . De ser Pai não he já tempo . . .  
 Do Juiz, do Pontifice, eis a hora;  
 Para o negro Sepulchro os passos movo . . .  
 Eu só devo tremer, e lamentar-me . . .

*Tu* . . . Obedece aos Deoses. Quando Afranio.. (2)  
 Onde triste memoria, me arrebatas! . . .

Ah, meu final momento á amor pertence. (3)

*Vet.* (4) Tua morte socegue a afflicta Roma.  
 Os males que temia em ti descaião;  
 Só tu iniqua fronte os Deoses firão.

*Eri.* (5) A Deos querida Emilia.

*Emi.* (6) . . . . Ah fui-te falsa,  
 O meu zelo indiscreto urdio-te a morte.

*Eri.* Vê se neste lugar mora a ventura. (7)  
 (8) De fraqueza hum momento alli me abysma,  
 Implorai a Daidade a bem de Ericia,  
 De Ericia triste, (*Para as Vestaes.*)

(1) Chega-se para seu Pai.

(2) Com voz ainda mais baixa.

(3) Abaixa a cabeça; Aurelio ergue o véo com  
 mão trémula, e o deixa cabir nella.

(4) Veturia em quanto Ericia recebe o véo.

(5) Depois de ter dado alguns passos, e achando-se ao pé de Emilia.

(6) Detendo-a, e lançando-se-lhe aos pés.

(7) Levantando-a nos braços.

(8) Mostra-lhe o Sepulchro.

(1) O meu caminho he este? (2)

*Vet.* Toda aquella entre nós que ousar manchar-se

he tão feio attentado, assim pereça.

Vestae, que sacra lei nas Aras prende,  
Das vinganças do Ceo vêdes o exemplo;  
Vende-o sempre ante os olhos aterrados,  
Adoremos a Deosa inexoravel;

A seus augustos pés tremei comigo.

*Aur.* Oh dor! (3)

*Eri.* He pois aqui meu ponto extremo!...  
Deixo em fim de existir!... De amar! Perdoa,

em perdoa-me, oh Ceo, talvez te offendô;

Mas ache hum protector, ache hum refugio

em teu poder supremo a gloria minha!

Tu ao meu coração quando me punes,

Tu ao meu coração faze justiça;

Elle de corrupção não foi tocado,

Sacerdotes, Vestraes, Povo Romano,

Em prova do que ouvis atesto os Deoses,

Que aos impios dão no Inferno eternas penas;

Não, no estado em que estou não ha fingidos;

(1) Olha para o Sepulchro; a multidão do Povo concorre, e põe-se em roda; os soldados que conservão a Turba em huma certa distancia, estão postos em fileira, e deixão entre si hum caminho livre.

(2) Volta a cabeça de vagar, e caminha com horror para onde está a sepultura.

(3) Olha para o Sepulchro, vê sua filha que elle contempla a profundidade com terror. Aurelio volta a cabeça, e encosta-se a hum Pontifice.

Entre a morte, entre mim só vejo hum passo  
 Mas soffrei que ao morrer me queixe ao me  
 nos.

Respeitos, sugeições, ou interesses  
 De todo para mim se desvanecem;  
 Das cegas prevenções o véo rasgando,  
 A verdade nos Tumulos se encosta...  
 Dalli he que ella falla, e resplandece.  
 Quando maligno fado, a meu despeito,  
 Me conduzio Vestaes ao Templo vosso,  
 Vós que vistes meu pranto, e meus pezares  
 Expulsaste-me então, como devieis?  
 Não; vós minhas cadeias apertastes,  
 E desde esse cruel, terrivel dia,  
 Sempre, sempre a gemer busquei soccorro,  
 Busquei piedade em vós... E achei piedade?  
 Não, só fallar ouvia em leis tremendas,  
 Que arremessão no horror da Sepultura  
 Profanas infieis Sacerdotizas;  
 Calava-se a piedade, a dor crescia,  
 E do temor nasceo meu arteficio.  
 O infeliz coração que exarcerbastes,  
 Pelo não parecer, foi criminoso.  
 Talvez dobrou seu mal por occulta-lo,  
 Compassivos talvez vossos desvelos  
 Chagas que amor lhe abriu curar podessem,  
 Nada obtive de vós... Morrer me vêdes,  
 Ah praza, praza ao Ceo, que deplorando  
 Os tristes fados meus, não mais, oh Virgens,  
 Franquieis vosso Templo a desgraçadas!  
 Estas preces ouvi, eu vos perdoo...  
 Vesta! Vê meus remorços, não me siga

Teu odio, teu furor além da morte. (1)

SCENA ULTIMA.

*Os Actores precedentes, Afranio com hum punhal na mão, seguido de Romanos armados, e abrindo caminho por entre o Povo. Aurelio em toda esta Scena mostra com géstos a sua extrema consternação.*

Afra. **F** Ugi.

Vet. . . . . Que voz sacrilega interrompe  
(Indo para elle.)

Hum acto... Porque empunhas esse ferro?

Afra. Treme... E tremei tambem Sacerdotizas...

Entregai-me... Que vejo!.. Oh Ceos!.. Detem-te... (2)

Eri. Oh Deoses!... Onde estou! (3)  
(Fica como desmaiada.)

Afra. (4) . . . . Meus dignos Socios (5)

Vem com resolução capaz de tudo

(1) Abaixa o véo, e caminha de vagar para o Sepulchro.

(2) Vê Ercia junto á sepultura, corre a ella, lança-lhe os braços ao tempo em que ella já tem hum pé no Sepulchro, e levanta o outro para descer.

(3) Aterrada, e cahindo sobre a pedra do Sepulchro.

(4) Transportado.

(5) Aponta para os companheiros.



Proteger meu amor, òu minha raiva...  
 Não temas o furor de hum zelo injusto,  
 De hum zelo que te ultraja... Estou contigo. (1)  
 Para sacrificá-la he necessario,  
 Romanos, que primeiro no meu sangue  
 As mãos enxovalheis; não desamparo  
 A lastimosa victima; reclamo  
 Sobre esta Sepultura a minha amada,  
 A minha Esposa... He justo que em meus braços  
 Vós a depositeis. Eu quiz livra-la  
 De acerba esgravidão, ninguém me exprobre  
 Que insulto a Deosa; recebi primeiro  
 De Ercia o coração, ternura, e votos;  
 Vesta com duras leis a tinha preza;  
 Ella me pertencia... Os meus direitos  
 Manter quero ante vós: Qual he mais Santo?  
 Eu amo, eu sou amado... Eia responde,  
 Pontifice, a ti mesmo afoito appello,  
 (Para Aurelio.)

Tu nos viste formar tão doces laços:  
 Teu orgulho os quebrou: para exaltares  
 Hum filho, dous amantes desuniste...  
 Romanos, conheci toda a sua alma,  
 Estorvai hum delicto abominoso...  
 O barbaro he seu Pai.

(Apontando para Ercia.)

Vet. Seu Pai! (Todos mostram admiração.)

Afra. . . . . Dos braços,  
 Dos braços a roubou de hum terno Amante,  
 E neste dia ordena a morte della!...

---

(1) Voltando-se para o Povò.

Ella não morrerá ; minha ternura  
 Vem remi-la do horror do captiveiro,  
 Meu zelo vem romper-lhe o ferreo jugo,  
 Que tanto na cerviz lhe tem pezado.  
 Manter a immuniidade he crime em Roma?  
 Examinem-se as leis, que o Tibré adora.  
 O humano coração tende á ventura.  
 Que voto ha, que derogue este desejo?  
 Votos, que a força impôz, não podem tanto.  
 He resistir aos Ceos, he ser culpado  
 Romper hum jugo, hum jugo insupportavel?  
 De causar nossa angustia os Deoses folgão?  
 Folgão de nossos ais, de nossos prantos?  
 Os ferros, e oppressões nos amontoão?  
 Nós somos filhos seus, não seus escravos!...  
*Vet.* (1) Deoses! ... Ainda o raio está sus-  
 penso!  
 Romanos, castigai...  
*Afra* (2) . . . . . Fieis amigos,  
 Favorecei meu impeto... Romanos  
 (O Povo.)  
 Esperai, quando não fervendo em raiva,  
 O Templo cubrirei de horror, de estragos;  
 Perseguirei bramindo os vossos dias  
 Defronte desses Deoses implacaveis,  
 Cubiçosos de lagrimas, e sangue!  
 Se derramando-o só lhes aprazemós,  
 Se Vesta em fim o exige... Eu a contento...

---

(1) Com huma especie de horror.

(2) Aos seus amigos vendo a plebe disposta a amotinar-se.

Que Deoses cujas leis, cuja grandeza  
 Em vez de proteger, o mundo opprimem!  
 Que as Aras querem ver nadando em sangue,  
 Quando para applaca-los deveria  
 Ser bastante hum so ai, hum só remorso!  
 Detesto os Deoses máos que adora o Medo,  
 Filhos do engano, pela morte honrados...  
 Inda que Vesta subito me abraisse  
 A terra em bocas mil para tragar-me,  
 Eu não conheceria... Eu não conheço  
 Senão o Author de Roma, o Deos da Guerra,  
 Dos meus Concidadãos o Deos terrivel...  
 Por elle o Mundo, promettido a Roma,  
 Há de soffrer-lhe as leis, sentir-lhe os ferros...  
 Marte de Ercia não exige a morte;  
 Ella por mim suspira; aquelle affecto  
 Para arrancar-lhe a vida he hum direito?  
 Ceos! Que contradicção diviso em Roma?  
 Onde Venus se adora, amor se pune!  
 Merece Amor este cruel supplicio?  
 Como! A Religião faz deshumanos?  
 Sempre a superstição desatinada,  
 Oh Ceos! Oh Natureza! Ha de affrontar-vos!  
 Sempre de idéas vãs envilecida,  
 Ha de a razão jazer, e a humanidade!  
 Sempre o cego mortal ceder a enganos!...  
 Ah dos Numes que asylo esperaremos,  
 Se a morte se colloca ao pé das Aras!  
 Deve o medo offertar nossos incensos?  
 Não!... Se o Ceo quer vingar-se, o Ceo se vingue...  
 E quando vós punis, talvez perdoe;

Só compete aos mortaes orar aos Numes...  
 Mas demorei-me assás; vem, segue Afranio,  
 Meu fervido valor desesperado,

(*Para Ercia.*)

Passagem te abrirá por entre o Povo.

*Eri.* Deixa-me!.. Teme os Ceos, de quem blasfemas.

*Afra.* Sê minha, vem, depois os Ceos fulminem

Dos Deoses a pezar eu hei de obter-te;  
 Minha promessa tens, e exijo a tua,  
 Minha Esposa serás... Dos Ceos á face,  
 Sobre este horrivel Tumulo profiro  
 O solemne immutavel juramento;  
 Nada póde arrancar-te dos meus braços:  
 Neste meu juramento, attesto, invoco:  
 Amor, Jupiter mesmo, a mesma Vesta.

*Eri.* Espera... Tu que pódés? Deixa, deixa  
 Este lugar em paz, não o profanes...  
 Satisfeitos serão Amor, e Vesta.

Olha o Povo a bramar! quer minha morte:  
 O duro Sacrificio em vão suspendes.  
 Romanos, eis o Amante idolatrado,  
 Que á Patria, que ao dever, que aos Ceos pre-  
 firo;

Dos annos meus lhe consagrei a aurora...  
 Meus primeiros suspiros forão delle,  
 Delle será meu ultimo suspiro...  
 Cahe-me o grilhão, recobra a liberdade. (1)  
 O' tu que imperas só nos meus sentidos,

---

(1) Voltando-se para Afranio.



Queres a minha mão? ... (1)

. . . . . Recebe-a, he tua.

*Aur.* Deoses!... eu morro!...

*A/ra.* . . . . Ercia!... Oh taiva!... Oh crime!...

Ceo tyranno!... Outra victima te offreço. (2)

*Por Manoel Maria de Barbosa du Bocage.*

---

(1) Lança-se arrebatadamente ao punhal de Afranio, fere-se com elle, e estende-lhe a mão, dizendo.

(2) Arranca-lhe o punhal, e mata-se. Aurelio consternado se encosta a hum Pontifice. O Povo, e soldados mostião dor, e compaixão. Os Pontifices, e as Vestaes horror, e assombro.

---

*Descripção da Vida Picaresca de Diogo Camacho, Author da Jornada ao Parnaso.*

## I.

**O**S Portuguezes peitos não domados  
Cante o Corte-Real digno de estima;  
Os mares só por elles navegados  
Celébre o grão Camões com grave Rima;  
As mágoas, e os amores delicados  
Alcido cante junto do seu Lima;  
Mostre Pereira, a quem o não sabia,  
O sangue ainda fresco em Berberia.

## II.

A quem d' esta alma tem a melhor parte,  
E a quem são todas mui inferiores,  
Mostre no que quizer engenho, e arte,  
E guarde para si só dignos louvores:  
Pinte a seu gosto o sanguinoso Marte,  
Ou faça alegres Rimas por amores;  
Que eu não canto de Amor nem gentilezas,  
Mas chorarei miserias, e tristezas.

## III.

Depois de nascer nú, sendo creado  
 Em tal pobreza, qual me não convinha,  
 Passei da vida o pueril estado  
 Em sarampão, bexigas, sarna, e tinha:  
 Depois ao juvenil sendo chegado,  
 E querendo provar a sorte minha,  
 O Reino desprezando, e patria terra,  
 O exercicio segui da dura guerra.

## IV.

E nelle consumi sete, ou mais annos,  
 Os melhores de toda a minha idade,  
 Sevando as esperanças com enganos,  
 E louvando da vida a liberdade:  
 Por isso não temia graves damnos,  
 Mortes, perigos, nem adversidades;  
 Porque tudo passa sem receio  
 Hum livre peito de pobreza cheio.

## V.

Zomba do dito do Villão praguento,  
 E senão zomba, dá-lhe seu castigo;  
 Ao mestiço Fidalgo, e avarento,  
 Que tudo funda em seu sangue antigo,  
 Se de temor carece, o fundamento  
 Descobre, sem temor de algum perigo,  
 Com valor, que a todo o Mundo excede  
 Lhe prôva vir de Sára, ou Mafamede.

## VI.

Acanha com huma licita ousadia

O fumo do fantastico Escudeiro,  
 Que tem por honra só na estribaria  
 Hum quasi morto, e misero sindeiro:  
 E sendo Almotacé por qualquer via,  
 Provê primeiro o Sastre, ou Sapateiro,  
 E deixa ao pobre, posto que he honrado,  
 Sem vinho, carne, pão, e sem pescado.

## VII.

O rustico villão, que com torpeza,  
 Ou suór do seu rosto se fez nobre,  
 Não aguardando o tempo, a vileza  
 Do Pai o sangue, e Avós logo descobre:  
 Estima só primor, e gentileza,  
 O honrado venera, inda que pobre;  
 Que não se ha de honrar só pela renda,  
 O que honrado nasceo, e sem fazenda.

## VIII.

Traz desta liberdade, fui gastando  
 Os annos por Provincias mui remotas,  
 A vida de continuo arriscando  
 Por terra em esquadrões, por mar em frotas:  
 Comendo hum dia, muitos jejuando,  
 Ora despido nú, ora sem botas;  
 Até que de miserias enfadado,  
 Determinei tomar hum novo estado.



## IX.

Este foi tal, qual he minha ventura ,  
 Pois não o tomar nunca , fôra acerto,  
 E fôra-me melhor na sepultura  
 Estar da hmida terra já coberto :  
 Porque huma fome com mofina pura  
 Me tem cercado , e posto em tal aperto ;  
 Que vivendo todo o homem , porque come ,  
 Eu vivo só , por só morrer de fome.

## X.

He manifesta causa deste damno ,  
 E de outros muitos males que padeço ,  
 Ser Estudante , se me não engano ,  
 Na terra em que nasci , e sei seu preço :  
 A culpa minha he , pois de anno em anno  
 Ando para fugir , que bem conheço ;  
 Mas tem-me tão atado ao soffrimento ,  
 Que soffro hoje hum nescio , á manhã cento.

## XI.

Hum jura que me vio forçar donzellas ,  
 E outro , que me vio roubar altares ,  
 E meu delicto tem cem mil queréllas ,  
 Todas as noites homens mato a pares :  
 As públicas matracas dei das Cellas ,  
 De outros delictos fiz cem mil milhares ;  
 A insignes Prelados virtuosos  
 Fiz torpes Versos , baixos , e odiosos.

## XII:

Outros me tem por nescio impertinente,  
 Outros por infame emmascarado,  
 E jurão não ser licito, e decente  
 Emmascarar-se hum homem, se he avisado:  
 Assimque a vida he qualquer Agente,  
 Mas a morte he de fome; e hum honrado  
 Não ha, que por vedar tão grandes males  
 Me encha a vasia bolsa de Realles.

## XIII.

Então ver hum grão nescio, de enfadado,  
 Querer Cortezão ser, e dar preceitos,  
 E só por Estudante, e bom Letrado  
 Fallar por geringonças com mil geitos:  
 He para mim hum caso tão pezado,  
 Que me tem bófe, e figados desfeitos;  
 E assim que a fome pura, e o tal madraço  
 A vida me tem posta no espinhaço.

## XIV.

Se tivera este tal seu aposento,  
 Qual tenho o meu, sem banco, nem cadeira,  
 E passára, qual eu, com meu tormento  
 Servindo-me de cama rota esteira;  
 Se lhe faltára em fim o mantimento,  
 Comendo, como eu, sempre lazeira,  
 Houvera de fazer mil desatinos,  
 Corrido a cado passo dos meninos.

## XV.

E eu a tudo isto ando pairando ;  
 Mas tudo he por de mais , que quando entro  
 Na pobre casa , entro suspirando ,  
 Por não ter que comer da porta a dentro :  
 Então com grande angustia vou buscando  
 Da engilhada bolsa o fundo centro  
 Se tôpo algum vintem , com alvoroço  
 Nas mãos o metto do faminto moço .

## XVI.

O qual com ligeireza não usada  
 Me traz quatro de pão pelo costume ,  
 Seis d' ovos , com mais dous de huma sellada ,  
 E dos ovos se foi hum pelo lume :  
 Contemple a alma devota em tal jornada ,  
 E todo o que de Sabio se presume ,  
 Que fará com tanto pão , e ovo e meio ,  
 E hum grande ventre de agoa fria cheio ?

## XVII.

Outras vezes tambem ( por brevidade ,  
 Quem della amigo for agora aprenda )  
 Vai o moço com grão velocidade ,  
 E entra logo na primeira venda ,  
 E diz á Taverneira em puridade ,  
 Que nenhum dos circunstantes o entenda ,  
 Dez de carne me dai , senhora minha ,  
 E enchei bem a tigella da cozinha .

## XVIII.

No mesmo instante com alegre rosto  
 O moço me apresenta de corrida  
 A salva; e tomando-a eu com puro gôsto  
 Acho a carne salgada, ou mal cozida:  
 Mas como sou de bocca bem disposto,  
 E não tenho porque poupar a vida,  
 A carne como logo da rigella,  
 E sôrvo a agoa chilra que vem nella.

## XIX.

Se amigo me convida, he escusada  
 A fabrica, e o custo em que se mette,  
 Que huma sua breve conçoada  
 He para mim esplendido banquete:  
 A dieta trago sempre regulada  
 Pelo pouco que a dieta me promete;  
 E assim não faço caso da comida;  
 Pois fome que a outros mata, a mim dá vida.

## XX.

Assim já de viver desesperado  
 Por outra via caminhar procuro;  
 Astrologo serei mni consummado,  
 E o fio romperei do fado duro:  
 Os olhos porei sempre no estrellado,  
 E crystallino Ceo sereno, e puro,  
 Lá medirei do Sol curso, e caminho,  
 Pois cá medir não posso pão, nem vinho.



## XXI.

A vida passarei contando estrellas  
 Por não ouvir de mim mil falsidades  
 Satisfarei a fome só com vê-las,  
 E com gozár de suas claridades:  
 E quem me vir tratar tão só com ellas,  
 Dirá, em que lhe pêz, do Ceo verdades;  
 E se algum então por si fôr destruido,  
 A causa eu não serei, em ser perdido.

## XXII.

Não me darão então por culpa, e erro  
 Aquillo que não fiz, nem será dado  
 A' minha pouca dita tal desterro,  
 Qual lhe quizerão dar; mas se he forçado  
 Haver eu de morrer a sangue, ou ferro,  
 Deixem-me antes morrer de lazerado,  
 Que não póde a morte dar-me mór tormento,  
 Que a fome tomar só por instrumento.

## XXIII.

E quando com isto não se contentarem,  
 E quizerem que morra por mofino,  
 A traça lhes darei para acabarem  
 De cumprir seu desejo, ou desatino:  
 A vez primeira que mui bem fartarem  
 Este meu ventre de comer indino,  
 Desta presente vida logo parto,  
 Que eu não posso morrer senão de farto.

## O D E.

---

Quantus eram pharetra cum protinus ille soluta,  
 Legit in exitium spicula facta meum,  
 Lunavitque genu sinuosum fortiter arcum,  
 Quod canas, Vates accipe, dixit opus.  
 Me miserum, certas habuit puer ille sagittas?  
 Uror, et in vacuo pectore regnat amor.  
 Ovid. lib. 1. Amor. Epist. 1.

---

Quando á cythara de ouro a mão lançava  
 Pata entoar a Lusitania gloria,  
 Hum Deos de sobre as cordas se levanta  
 Joven, formoso, e meigo;  
 Que o braço recostando sobre a meza,  
 Affavel me induzia a que cantasse,  
 E que elle o canto meu reforçaria,  
 C'um, que escutára ás Musas.  
 C'os dedos tenteando os sons Thebanos,  
 Desusada responde a molle Lyra:  
 Brandamente me dá de Anfrisa o nome  
 Entre harmoniosas falsas (\*).  
 Então conheço o Deos, que ri, e zomba

---

(\*) Quanto molliores sunt, et delicatiores incantu flexiones, et falsæ voculæ quam certæ, et severæ?

Cicer. de Orator. Lib. III. Cap. 18.

- Do azedo enfado, com que o arguo de impio:  
 » Não bastão, Deos maligno, inda não bastão  
   » Seis lustros de servir-te?  
 » Já Lálage cantei, cantei Delmira,  
 » E a minha escravidão, e os teus triunfos:  
 » Já a meus cançados cantos dá de rosto  
   » A livre Mocidade,  
 » E inda zombas das cãs ... das cãs nascidas  
 » Nos pezados grilhões de teu Imperio?  
 » Veterano soldado lograr devo  
   » Emérito descanso.»  
 Nisto me torna o Amor:.. » Canta a teu gosto  
 » Fortes Castros, e duros Albuquerque:  
 » Desfere a voz, a cythara tempera,  
   Cinge-te a ganhar louros:  
 » E este farpão te esperte a voz, e o canto. &

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysiso.

## C A R T A.

*Saude a Alfeno o seu Filinto envia.*

Soneto, pessegos, quintilhas... tudo  
 Era bom, meu Doutor; só lhes faltava  
 (Porque nada haja sem senão no mundo)  
 O serem por mais vezes repetidos.  
 ... Não digo os pessegos, mas sim os versos...  
 Porque os teus são dos unicos que eu leio  
 Com mais gosto, e com doutrina minha.  
 Fique aqui entre nós este segredo;  
 Não o saibão os Zoilos Trovistas,  
 Que são capazes de engolir-nos vivos.  
 Sim: gosto de teus versos; gosto, e muito;  
 E os teus Sonetos tem para comigo  
 Patente de sublimes, desde aquelle  
 Do *Ciume* (Soneto incomparavel!)  
 Que eu sei de cór, que não tem de esquecer-me,  
 Esquecendo-me quanto a minha Musa  
 Me temperou-ná desleixada Lyra.  
 Ninguem se queixe. E gosto: e assim o entendo,  
 E assim o digo a quantos posso, e devo.  
 Tu tens nos versos hum pensar tão novo,  
 Tão bem bebido nas mais claras fontes,  
 Que ler-se, he ler o seculo de Augusto,  
 Ou no Lyrico altivo, ou no jocoso.



E ninguem desempenha tanto á risca  
 O *molle, atque facetum*, como Alfeno.  
 Haja vista ás Quintilhas engraçadas,  
 Cheias de Attico sal, de mil donaires,  
 Tão novos, tanto a ponto sazoados. (1)  
 Oxalá possa eu vê las todas findas,  
 E a preguiça, e o máo olho as não fascine!  
 Haja vista ao Soneto primoroso,  
 ( Dos pessegos bizarro camarada )  
 Não o mostro a ninguem que mo não gabe.  
 Todos concebem delle a grande idéa,  
 Altivo pensamento, ousada frase,  
 E ficção bem sostida, e verosimil.  
 Condições que requer o velho Mestre,  
 É o perluxo Boileau seu bom Alumno,  
 Para que os versos se oução com deleite,  
 E vivão com bom nome eras, e eras.  
 Não esperão tal fado obras de Albano  
 Bem que a tão desejada imprensa vissem;  
 Bem que a sollicita segunda parte  
 Viesses pôr espeques á primeira.  
 Tem ambas de morrer morte immatura,  
 Sem que cheguem a ter honradas câns.  
 Embora as velhas, e os ruins versistas,  
 Extaticos, babando-se celebrem  
 Sonetos de Saveiro, e pobre, ou rico,  
 E as endéchas á sua Lavadeira...  
 Inda melhor, que explicações do Credo

---

(1) . . . Seu condis amabile Ca men  
 Prima Feres hædere victicis premiis.  
*Horat. lib. 1. Epist. 3.*

Saibão de cór cruezas de Damiana ,  
 E suspiros de Albano ; embora inculquem  
 As oitavas da eterna madrugada ;  
 Que as tendas , com muita ancia , ambas as Rimas  
 Já lhe estão esperando para embrulhos.  
 E já , c' o gancho erguido o esquecimento ,  
 Ameaça afferrar-lho no seu nome ,  
 E arrasta-lo ás voragens , onde jazem  
 Tantos mil seus iguaes em prosa , ou rima. (2)

A Domingos Maximiano Torres.  
*Alfeito Cynthia.*

Do P. Francisco Manoel do Nascimento. }  
 Filinto Elysio.

---

(1) Descriptas servare vices operumque colores,  
 Cur ego, si nequeo ignoroque, Poeta  
 Sautior!

*Horat. de Art.*

## F A B U L A.

**N**O crystal d' uma fonte clara e pura  
Huma Macaca estava contemplando

A sua formosura :

Os mômos, e os pulinhos revezando,  
Da sua presumpção indícios dava.  
E de ser bella, com prazer, gozava.

Hum Burro, que pastava

Não longe do mostrengo presumpçoso,  
Condoído as orelhas sacodia.

E consigo dizia :

- » Se, ao menos, o meu porte grave, e airoso;  
» Se a minha voz tonante elia tivera,  
» De ser vaidosa a permissão lhe eu d'era.»

---

Quantos conheço ahi, que tomão azo  
De notar erros meus; e estão no caso  
Do Burro, e da Macaca.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
Filinto Elycio.

## M O T E.

*Morro feliz , se morro em teu regaço.*

## G L O S A.

**N**ize gentil , que até á sepultura  
Terás desta minha alma a Monarchia ,  
Comtigo irei gostoso á Zona fria ,  
Ao clima ardente , á Região escura.

Ser-me-ha branda comtigo a Desventura ,  
E em meus males serás minha alegria ;  
Tu os revézes da Fortuna impia  
Me adoçarás c' o a tua formosura.

Terei por Paraiso a Lybia estuosa  
Terra mãe de Leões , se em doce laço  
Bejo essa face que arde em viva rosa.

Hum amoroso teu estreito abraço  
Fará com que eu , na brenha mais medrosa ;  
*Morra feliz , morrendo em teu regaço.*

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
Filinto Elysio.



---

 QUEIXAS A APOLLO.

**D**Os Vates Pai cruel, e Deos injusto,  
 Que o luzente metal c' os raios crias:  
     Porque o negas escaço  
     A tua pobre prole?  
 Desamorado Pai, que a grão galope  
 Rodas a azul calçada blasonando,  
     E deixas os teus Vates  
     A pé pelos lameiros.  
 Antes que saias dos umbraes dourados  
 Te embriagas de Ambrosia muj redondo;  
     Em quanto ás almas tocão  
     C' os dentes os teus filhos.  
 Véstes os campos de bordados ricos,  
 As arvores de perfumados frutos;  
     E os miseros Poetas  
     Vestidos de farrapos.  
 No teu Palacio (diz Ovidio) brilhão  
 Diamantes, carbunculos, & cetera;  
     E nós pejamos tristes  
     Quatro paredes nuas.  
 Sê Pai: trata com mais brandura, e termo  
 Teus filhos, os Poetas indigentes;  
     E por forreres gastos,  
     Cuida dos bons sómente.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.  
 - Filinto Elysio.

## SONETO.

## MOTE.

*Assim de flores se corôa a Aurora.*

## G L O S A.

**H**Um Soneto! ainda esta me faltava!  
Quatorze Versos! isso he mui comprido,  
Não chega lá meu éstro. desprovido:  
Muito he se deito a barra a huma oitava.

Lá vai: O sôl brilhante campeava  
Pela estrada do meio... Vou perdido,  
Longe do mote, longe do sentido;  
Nunca no oiteiro Albano assim glosava.

Entro por outra porta... Desta feita  
Creio que dei c' o trincho: *Huma Pastora,*  
*Que c' o cajado na agua tinha feita...*

Não presta, tome lá, minha Senhora,  
Guarde o mote, e dir-lhe-hei quando se enfeita  
*Assim de flores se corôa a Aurora.*

(Do Po. Francisco Manoel do Nascimento.  
Milinto Elysió.

---

O CAUHY  
METAMORFOSE I.

*Ao Senhor Luiz Botelho.*

**J**unto das verdes margens, que talhando  
O Paraíba vai com suas aguas,  
Hum mancebo vivia o mais famoso,  
Entre os outros daquelles arredores;  
Em brandir com destreza o curvo arco.  
Cauhy era o seu nome, e as suas manhas  
Seu valor, e seu brio de mil Nynfas  
Erão doce attractivo; más de todas  
As que dentro no peito mais sentião  
Lavar este cuidado, humá Itaubira  
Por nome tinha, e a outra era Itauna.  
Frão ambas iguaes na formosura,  
Ambas no amor iguaes, iguaes na idade.  
Mas o frexeiro Deos, que a seu capricho  
Os que amão faz felizes, e infelizes,  
Quiz que Itaubira então fosse a ditosa.  
De seus olhos vibrando a setta ardente,  
Que de Cauhy ferio o izento peito,  
De hum, e d'outro os quebrados ternos olhos  
De suas almas forão os primeiros

Interpretes subtis, que declararão  
 O vivo incendio, em que ellas se abrazavão;  
 Mas depois que á Amor cedeo o pejo,  
 E que ousarão fallar-se; que ternuras,  
 Vós, solitarios montes, não lhe ouvistes?  
 Entre trespaços mil, e mil caricias  
 Pelos raios do sol ambos jurarão  
 De se amarem fiéis até á morte;  
 Desta arte longo tempo venturosos  
 Em doce paz, em doce amor vivêrão;  
 Até que o vil ciúme cruelmente  
 Sua doce affeição perturbar yeio.  
 Quanto, ó infame monstro, mais ditosa  
 Sobre a terra seria a raça humana,  
 E quanto de invejar a feliz sorte  
 Dos que amão, e igualmente são amados,  
 Se não fôras na terra conhecido!  
 Junto das praias, que Helle fez famosas,  
 N' huma escabrosa furna, onde morada  
 A fria noite tem, se alverga o Monstro;  
 A quem assobiando horrendamente  
 Em fêa confusão ceruleas cobras  
 Guarnecem a cabeça, e no pescoço,  
 E descarnados braços se lhe enroscão,  
 E o triste coração estão roendo.  
 Por entre as cegas carregadas sombras,  
 Q' a caverna, qual denso fumo, inundão;  
 Mas se distinguem sem cessar voando  
 Espantosas visões, crueis cuidados:  
 De cem partes soar ao mesmo tempo  
 Tristes queixas se escutão, tristes prantos,  
 E contra Amor imprecacões horriveis;



Q' as naturaes abobedas ferindo,  
 Retumbão tristemente, enchendo os peitos  
 De espanto, e de pavor. Feras suspeitas  
 Vãos receios, e falsas apparencias,  
 E ás vezes vis traições, feios enganos  
 Os seus Ministros são, suas espías,  
 Por quem o quanto sobre a terra passa  
 Entre os amantes sabe, e por quem soube  
 A sincera união, a paz gostosa,  
 Em que os dias passavão, disfructando  
 De hum reciproco amor todas as glorias  
 Itaubira, e Cauhy. Então disposto  
 A turbar de infelizes o descanso  
 Hum dos duros Ministros, que o rodeão,  
 Raivoso chama, e chamejando intima,  
 Q' as azas despregando veoz parta,  
 E da terna Itaubira o brando peito  
 Com huma fria cobra, que impaciente  
 Arranca da cabeça, o peito fira:  
 Voa a fera suspeita, e invisivel,  
 O que o Monstro lhe manda fiel cumpre.  
 Itauna, que bem, que desprezada  
 De seu peito lançar Amor não pôde,  
 Escapar não deixava vigilante  
 Huma só occasião de apresentar-se  
 Sempre louçã do amado miço aos olhos.  
 E posto que Cauhy, como quem tinha  
 A' formosa Itaubira a alma entregue,  
 E com ella as potencias, e sentidos  
 Em tal não atentava: a Nynfa bella,  
 A quem o coração ferido havia  
 A barbara suspeita, estimulada

Pelo excesso, que observa em Itauna;  
 Começou a temer dentro em seu peito  
 Da rival a belleza, e do mancebo  
 (Posto que sem motivo) a inconstancia.  
 E desde este momento principiã  
 (Ah funesto momento!) as acções todas  
 De Cauhy a espiar attentamente.  
 Hum dia pois que o descuidado moço  
 Na selva a caçar foi, como só hia,  
 Ella por entre o mato o foi seguindo.  
 Cauhy depois de haver veloz cançado  
 As mais ligeiras feras na carreira,  
 Com seu sangue manchando hervas, e flores,  
 Do calor, e do excesso fatigado:  
 A respirar hum pouco se retira  
 N' huma sombria lapa, que se esconde  
 No mais denso da selva, onde rebenta,  
 Com suave murmurio borbulhando,  
 Hum grandê xorro de agoa cristalina.  
 Itaubira, que ó doce amante vira  
 Embrenhar-se na selva, dentro n'alma  
 Crescer sente a suspeita, que lhe finge,  
 Que Itauna a Cauhy alli aguarda:  
 E para ver se he certo, o que receia,  
 Para aquelle lugar dirige os passos;  
 A sua turbacão, sua impaciencia,  
 A pressa com que corre lhe não deixão  
 No ruido attentar, de que era causa,  
 Movendo impetnosa as bastas ramãs  
 Da intrincada floresta. Neste tempo  
 O mesquinho Cauhy alborotado  
 Do subito rumor, e presumindo.

Q' delle origem era alguma fera,  
 Das armas lança mão. Ah cego moço!  
 Quanto melhor té fôra se essas settas  
 Nunca houvesse tão destro arremessado.  
 Mas quem pôde fugir ao seu destino!  
 Toma o arco Cauhy, e nelle a setta  
 Promptamente embebendo, o tiro aponta  
 Para onde o grão rumor alçar-se ouvia;  
 Velóz a setta voa, e em continente  
 Os ouvidos lhe fere hum ai piedoso,  
 Q' de Itaubira ser se lhe figura.  
 Então largando as settas prompto corre  
 Ao lugar donde a triste voz sabira.  
 Mas qual o espanto foi, quando passada  
 Da desestrada frexa a Nynfa encontra!  
 Sobre a terra jazia rosciando  
 As arvôres, e flores, que rodeão  
 De seu sangue c' o as rôxas espadanas,  
 Entre crebros soluços exalando  
 Da triste vida os ultimos bocejos.  
 Itaubira, Cauhy lhe brada afflicto:  
 E a Nynfa á força abrindo os turvos olhos,  
 Q' da morte a pezada mão cerrava,  
 Por hum pequeno espaço nelle os fita,  
 E a cerra-los eternamente volve.  
 Coado frio, e qual Marpezia caute,  
 Fica immovel Cauhy por algum tempo.  
 Porém tornando em si desesperado,  
 Corre a arrancar do peito de Itaubira  
 A despiedosa frexa; porque acabe,  
 Com ella o coração atravessando,  
 Junto da amada Nynfa a amarga vida:

Mas ao tira-la vio (cousa espantosa!)  
 Q' o sangue; que do peito lhe corria  
 Em cristalino humôr se transformava.  
 Vio que a pálida Nynfa pouco a pouco  
 Se hia derretendo, e em claro arroio  
 Toda se convertia. Então absorto  
 Primeiro, que de todo o lindo corpo  
 A antiga fôrma perca, a abraça-lo  
 Pela postrema vez chorando corre:  
 Mas já entre seus braços não aperta  
 Mais que o cristal, que entre elles lhe escorrega.  
 Então em pé se alçou, e reflectindo,  
 Q' dos Deoses era obra este portento,  
 Aos Deoses roga que jámais permittão  
 Q' do amado cristal elle se aparte.  
 Annuirão os Numes aos seus votos;  
 Pois os ligeiros pés subitamente  
 A' terra se lhe pegão, e na terra  
 Profundamente se lhe vão cravando  
 Em torcidas raizes convertidos;  
 Os braços se lhe estendem, e se mudão  
 Em retorcidos ramos, que de folhas  
 Em ramos vestem suas mãos tornadas.  
 Os cabellos se arrição, e em vergonreas  
 Da mesma folha ornadas se convertem;  
 Cobre-lhe o corpo aspera cortiça,  
 E de Itaubira ao repetir o nome  
 A boca lhe tapou, e a lingua trava.  
 Desta sorte Cauhy o antigo nome,  
 E sob a nova fôrma inda parece,  
 Que da antiga paixão se não esquece,  
 Pois, se apar d' agua brota, sobre a mesma,



Como para abraça-la, os ramos curva;  
Tu, ó caro Botelho, que soltando  
A' fantasia as azas vivamente,  
Com o subtil pincel imitar, sabes  
Da bella Natureza as varias obras;  
Tu pódes (se te praz) com mais viveza  
Tecer em rico quadro a triste historia.  
Eterno assim fateiros nosso nome;  
Tu com as tintas poetando aos olhos;  
Eu pintando aos ouvidos com palavras;  
Tu com os teus pinceis, eu com meus versos.

*De Antonio Diniz da Cruz.*  
Elpino Nonacriense.

## O D E.

..... Perigosos  
 Formosíssimos olhos, que a robustos  
 Izentos corações dão triste vida.

Cerco de Diu. Cant. 17.

**Q**uaes as chammãs do raio despedido,  
 Quando no bojo do Ethna  
 Se despenhão, lhe abrazaão as entranhas,  
 Treme o volcão, e muge:  
 Já crescem, já borbulhão, já rebentão  
 Pelo abrazado cume  
 Horrisonos trovões ennovellados  
 De fogo, e rôxo fumo;  
 A labareda aguda vai irada  
 Romper aérias nuvens;  
 E de metal ôs liquidos ribeiros,  
 Por entre rotas fendas,  
 Fumegando estridentes, précipitão  
 Affogueadas ondas....  
 Musa, que tom he este estrepitoso,  
 Desconforme do assumpto?  
 Pindaricas refregas do Estro antigo  
 Soão ainda as cordas?  
 Quando tomei nas mãos a eburnea Lyra,  
 E quando ao Pindo os olhos  
 Volvi para invôcar-te auxiliadora,  
 Só quiz cantar Anarda.

Vários a Idalia , ó Musa , aos santos bosques  
     A's namoradas murtas,  
 Onde Amor , onde Venus tem depostos  
     Os lidados transumptos  
 Das bellezas que ornárão o Universo.  
     E pois que me he vedado  
 Ver aquella , que tanto ver desejo ,  
     Que ao longe tanto admiro ,  
 Vejamos na figura alguns dos rasgos . . . .  
     Musa , não he Helena  
 Essa que vindo apontas a essa base ?  
     No pórfido gravado  
 Seu nome vejo , e de Ilion a ruina  
     Essa estatua fronteira  
 He Semiramis : lá batendo as azas  
     Lhe vem trazer sustento  
 Pelo ar talhado a próvida Nutrice.  
     Aqui Lesbia , além Cinthia ,  
 E mais Gregas , e Lacias formosuras . . . .  
     Busquemos a de Anarda ,  
 Que não deve estar longe . . . . He esta , he esta  
     Que me fere a memoria  
 Seu retrato que o lindo quiz mostrar-me.  
     Quantas graças respirão  
 Inda no mármore ! Nos olhos quantos  
     Piédosos movimentos !  
 Quão potente he de Amor a sabia dextra ,  
     Que finge em pedra dura  
 De mostrações de vida ! Os labios quasi  
     Para fallar descerra :  
 E rompendo na becca ancioso passo  
     Está o efficaz rógo ,

Para ir prostrar-se ante o sublime throno;  
     Em favor de votado  
 Do Mérito prestante, desvalido.  
     Aquellas mãos tão puras  
 De generosos dons estão pezadas;  
     E admiro enternecido  
 Com que agrado os reparte, e com que accordo.  
     Inda o lustre das prendas,  
 Com que as Graças o engenho lhe enfeitirão,  
     Está raiando airoso  
 Em redor deste seu gentil semblante?  
     Disseras que acabarão  
 De erguer a mão desse ultimo polido....  
     Nisto me atalha a Musa:  
 » Não vês que he hoje o muito fausto dia,  
     » Em que, nos Ceos formada,  
 » Desceo de Anarda a formosura á Elysia,  
     » Que d'ella se gloria? »

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysio.



---

 EPIGRAMMA.

**C**Om pomadas, rebiques,  
 Aqui côr negra, além de azul as veias,  
 A mascara do rosto afformoseias,  
     Fillis. Ah, não caustiques  
 A sege, as bestas de correr cançadas,  
 A amostrar-te por templos, por moradas;  
     Manda lá teu criado,  
     C'o teu rosto pintado.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.  
 Filinto Elyssio.

---

*Inscrição no pedestal de huma estatua de Cupido.*

Qui que tu sois, voi lá ton Maitre:  
 Il l'est, le fut, ou le doit être.

Crú tyranno, com gesto brando, e bello,  
 He, ou foi teu senhor, ou tem de sê-lo.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.  
 Filinto Elyssio.

---

*Na tomada de Badajoz.*

## SONETO.

**C**Ahio... vencemos... Bravos Lusitanos;  
Destemidos Bretões a tem prostrado:  
Debalde Badajoz tinha ostentado;  
Das Armãs vencedoras cede aos damnos.

Deoses, que vêdes lá do Olympo ufanos  
Vencer hum Reino, que vos he prezado,  
Os dois Heroes, que á Lysia haveis mandado,  
Recebei entre vós, Deoses Sob'ranos.

Elles da essencia humana se hão despido;  
Por seus heroicos feitos assombrosos  
A' essencia de Numes tem subido.

E vós, Lysia, exultai; que a seus famosos  
Guerreiros braços vosso braço unido,  
Ganhareis mil tryunfos portentosos.

---

*Aos Portuguezés.*

SONETO.

**N**ão frustrados exemplos nos deixarão  
Gama, Albuquerque, e Castro portentosos;  
Igual nome a seus nomes gloriosos  
Hoje mer'cer os Lusos procurarão:

As barreiras temíveis, que os cercarão,  
Ei-os já affrontando valerosos;  
E da Guerra os caminhos escabrosos,  
Quaes aprazíveis campos encararão.

Os tempos dos Affonsos revivêrão:  
Despertou o valor adormecido:  
As Armas Inimigas se abatêrão:

Armas, que o Mundo olhava esmorecido,  
Os fortes Portuguezes não temêrão:  
Da Gram-Bretanha ao lado as tem vencido.

---

*Na Restauração de Lisboa.*

SONETO.

AS Leis da Humanidade aos pés calcando,  
O Despotismo em Lysia dominava;  
Tyranno Usurpador, que a maneatava,  
O pranto da infeliz via mofando:

Eis que a Razão aos corações fallando,  
A sacudir o jugo os animava,  
Razão brilhante, que dos Céos baixava,  
Os opprimidos Lusos confortando.

Pela Amizade tres Nações ligadas  
Jurarão da Justiça ante os Altares  
Ver as Aguias altivas destroçadas.

Ei-las dispersas já cortando os ares:  
As palmas da Victoria lhes são dadas;  
He tempo, he tempo, ó Lysia, d' exultares.



---

*Na mesma occasião.*

SONETO.

**M**usas basta de pranto, erguei a frente,  
Hymnos cantai á doce Liberdade,  
Que a Patria livre já da crueldade  
Os grilhões, que arrastou, piza contente.

Qual d'entre as nuvens sahe o sol luzente,  
Dissipando a medonha escuridade;  
O clarão da Justiça, e da Verdade  
A chusma dos Tyrannos pôz ausente,

Musas, reviva o Estro amortecido;  
Vosso canto atégora suffocado  
Seja nas azas do prazer erguido:

Cantai o Luso Throno restaurado,  
Por infâmias, por crimes abatido,  
Pelas mãos da Virtude levantado.

## SONETO.

Que torpe Monstro, fero, truculento  
De descarnada ossada carcomida,  
C' o assacalada fouce no ar erguida,  
Vejo entrar pelo pálido aposento?

Da myrrada garganta o infecto alento  
Sopra no rosto a Delia adormecida;  
Vejo-lhe a côr murchar-se, e espavorida,  
A alma deixa a morada, e esvahe no vento.

Mil Cupidos, sem arco, e passadores,  
Vão chorando traz ella, assim cortada  
Na quadra dos affagos, dos amores.

Quando eu hia spazir, com mão magoada  
O lindo corpo de saudosas flores....  
Acordei ao cantar de Delia amada.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento,  
Filinto Elysio.*

*A hum grande Fidalgo prognosticando-lhe feliz  
sucessão em hum filho varão.*

SONETO.

**E**U tenho, excelso Conde, hum livro antigo;  
Nunca das mãos me sahe, ou da algibeira;  
Que hum sigano deixou a huma Parteira,  
A qual em vida quiz casar comigo.

Contém d'adivinhações hum longo artigo,  
Signaes de parto pela vez primeira:  
E trata esta questão em lauda inteira  
*La Dama encinta si trabe hembra, ó hijo?*

Cômque, eu cá me entend'; isto supposto,  
Quereis vós apostar hum tanto ou quanto,  
Pois mais que o ganho, a perda vos dá gosto?

Se for varão, que venha a lume santo,  
Perdeis huma casaca; e eu sempre apósto,  
Sendo femêa, atraz della andar de manto,

*De Antonio Lobo de Carvalho.*

*Ao mesmo Fidalgo nascendo-lhe hum filho em dia  
de Santa Rita, como lhe havia predicto  
no Soneto antecedente.*

SONETO.

**S**anta Rita a impossiveis consagrada,  
 Todo o mundo a respeit.a com fé pia,  
 Diga Cassia, que incrível romaria  
 Não cobre o seu altar, a sua entrada:

Mas com a illustre Condessa atribulada  
 Na acção do parto, cuja dor sentia,  
 Que fez a Santa Emprestar-lhe o dia;  
 Mas além disto não lhe fez mais nada.

Mais fiz eu: que observando o meu Planeta,  
 Bemque sou dos futuros lingua fraca,  
 Vaticinei hum Conde em linha recta.

Morda-se a inveja agora impia e velhaca,  
 E emtanto accendereis a este Profeta  
 Tres vélas de calção, vestia, e casaca.

*De Antonio Lobo de Carvalho.*



## EPIGRAMMA.

**H**Um pobre esfarrapado, quasi nú,  
Mostrava o peito, e o ventre nú e crú.  
Ferroldado em gaiola  
Por ter scandalizado  
Boas almas, a quem pedira esmola;  
Citáo-lhe as testemunhas,  
Que elle tinha citado:  
Vem mulheres, que em suas caramunhas  
Asseveráo jurando  
Bem terem visto o roto pobre, quando  
Ante ellas esmolára;  
Mas nenhuma na cara lhe encarára.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.  
Filinto Elysio.*

## SONETO.

**F**eita a Cêa, ora ao Pai; e em agonia  
Sua sangue; o traidor o entrega; e prezo,  
Vai de Annaz a Caifaz, e com desprezo  
A Pilatos Herodes Rei o envia.

No Atrio aclamado Rei per zombaria,  
Depois de flagellado, e indefeço,  
Exposto, e sentenciado; o grave pezo  
Da Cruz para o Calvario aos hombros fia.

Nella entre dois ladrões crucificado;  
Tem sêde; dão-lhe fel, e por memoria  
Dá (depois de hum mortal clamor profundo),

Aos algozes perdão, ao ladrão gloria;  
O Filho á Mãi; a Mãi ao Filho amado;  
A Alma ao Pai, e a Redempção ao Mundo. -

## SONETO.

**M**Ais do que filha, Esposa de Timante  
 A minha condição me representa;  
 Se hum dos dous ha de ter morte violenta,  
 Perca-se o Pai; mas fique salvo o Amante.

Perdoe-me a paterna sombra errante,  
 Se a filha ingrata ao sangue hoje exprimenta;  
 Tambem do Esposo a imagem macilenta  
 Bem vês, ó Pai, que se me põe diante.

Ambos vós concorreis a atormentar-me;  
 Mas já me não permite a minha sorte,  
 Que eu possa de Timante separar-me.

Em fim, ó Pai, não quero a tua morte:  
 Mas tenho obrigação de não matar-me;  
 A vida vou salvar na do consorte.

*Polvina vê sacrificados á morte o Pai, e o Es-  
 poso: pôde salvar a hum, e não lhe he possível  
 salvar a ambos: qual dos dois deve salvar?*

## DECIMA.

**N**O mesmo lance se via  
A Mãi, que vinha de Torres;  
E disse: ó meu Pai, tu morres?  
He forte semsabória!  
Mas para minha alegria  
Cá fica Manoel Coelho,  
Pois sempre he melhor conselho  
Mais que Pai, Marido ter;  
Que em fim morrer por morrer  
Morra meu Pai, que he mais velho.

*Feito o Soneto antecedente, para que lhe désse a sua à provação, o remetteo seu Author ao Padre Braz da Costa, o qual lhe respondeo nesta Decima.*



---

Ao Senhor João Daniel de Bruyn.

O D E.

---

• • • • • Neque  
*Si chartæ, quod benefeceris*  
*Mercedem tuleris.*

Horat. lib. 4. Ode 8.

---

Quando arde o antigo, e o novo mundo em guerra,  
 E os dois rivaes Imperios,  
 (Quaes Carthago mercante, e a inquieta Roma,)  
 No equoreo campo lutão;  
 Descem florestas dos erguidos montes,  
 E á sábia voz do Artista  
 Tomão azas os despojados róbres;  
 Na decotada cima  
 Temúla a famula em lugar das folhas,  
 E dos magicos pórtos  
 Novas aves transpõem o mar voando  
 Entre nuvens de escuma;

Os bravos Almirantes fogo a fogo ;  
 Sobre as nadantes quilhas  
 Peleção pela patria , e hum nome ufano ;  
 Mas a cega Fortuna ,  
 Sem respeito aos Heroes , dispensa as bulhas ;  
 Os d' Estaings são feridos \*  
 Como o inexperto , timido soldado.  
 Tropeçando em perigos  
 C' uma venda nos olhos caminhamos  
 C' o acaso , e o medo ao lado :  
 As Graças dão a mão á fotmosura ,  
 E a estrada lhe alcatifão  
 De rosas , que envenena a desventura :  
 Em torno das Tiaras  
 Os precursores d' Atropos revooão ;  
 E a morte , que inda o poupa ,  
 Desafia sem causa o temerario ;  
 Semque escape da foice  
 O Ministro prudente , que combina  
 As sortes dos Monarchas.  
 Já revolvida a urna dos destinos ,  
 Jove tirou infausto  
 A espada , que esgotou em Syracusa  
 O sangue d' Archimedes ;  
 Jove mesmo expedio ao pintor Rhodio  
 As mercês do Demetrio.  
 Não se abrem menos promptos aos talentos  
 Os cancellos de Dite ;  
 E os caminhos Tartareos vão cubertos  
 De suspiradas almas.  
 Nem tu , de Bruyn , os Cressos , os Seyanos  
 Creias mais venturosos :

A vida alonga o que melhor a emprega;  
O que a mão bemfeitora  
Estende ao innocente, inteiro amigo,  
E o esquiva aos revêzes  
Que a recatada inveja lhe prepara;  
Ou que o toma nos braços,  
Quando a calumnia o offusca, ou c' um encontro  
O derriba da roda.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
Filinto Elysio.

*A Camões.*

## O D E.

*Fond, impious man! thin K'st thou yon sanguine cloud  
Rais'd by thy breath, has quench'd the orb of Day?  
To morrow he repairs the golden flood,  
And warms the Nations with redou' bled ray.*

Gray: *Od. 6. Ep. 3.*

Impio, nescio mortal! pensas que a nuvem,  
Sanguinea, que te espiras  
Do dia, apague o Orbe?  
A manhã, reparando as aureas ondas,  
Abrilhanta as Nações com luz dobrada:

S Erás lido, CAMÕES, em quanto o Luso  
Livre aos ares erguer a heroica frente;  
Em quanto os nossos campos  
Bacho, e Ceres adite, e Flora enfeite:  
Em quanto, revolvendo  
Auri-nitidas ondas, leve o Tejo  
Mais guerra, que tributo ao Rei dos Mares.

Pinceis, Boris, e Marmorés, e Bronzes,  
Embora eternizar a gloria intentem



Desses Grãdes, que o Mundo  
 Mal diz genuflectindo! a mão do Tempo  
 Faz a hum ligeiro toque  
 Derrubados cahir, rodar no Olvido  
 Monumentos, Piramides, e Bustos. (1)

Assim pelos desertos forra o musgo  
 Do impio Tyranno o Mausoleo pomposo,  
 Que inerte pó cobrira!  
 Mas do Sabio, e do Vate enflora a urna  
 Justa Posteridade;  
 E a Patria saudosa vê seu nome  
 Reflorecer co' a morbida verdura!

Tal refloresces tu! de Phebo ao lado  
 Inda embocas erisona trombeta,  
 Que, retinindo ao longe,  
 O peito accende, e a côr ao gesto muda;  
 Inda avidos Alumnos  
 Bebem lições preciosas no teu Canto,  
 Cujo brado aos dois Orbes se destende.

Promptos co' a vista em ficto elles não podem  
 Seguir-te por luz fluida navegando

---

(1) The cloud-capt Towers, the gorgeou,  
 Palaces,  
 The solemn Temples, the great glob it self,  
 Yea, all which it inherit, shall dissolve,  
 And like the baseless fabric of a vision,  
 Leave not a wreck behind.

*Sha kespeare.*

A espaços sem medida!...

Quando da Guerra allardeando as Scenas  
Mostras o immortal Nuno,  
Que pelo Rei, e a Patria arranca a espada  
Ameaçando a Terra, o Mar, e o Mundo!

Aqui fera batalha se encruce  
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas,  
E de Magriço aos golpes,  
Cahe a soberba Ingleza do seu throno!

Quem tinge em sangue as armas!...  
Quem co' cavallo em terra dando, geme!...  
Quem c'os penachos do elmo açoita as ancas!

Quando Neptuno sobornado ordena,  
Que desenclaustre Hypotades soberbo  
Os ventos, que dormião  
Pelas covas escuras peregrinas,  
Quem ha hi, que não trema  
Vendo as náos em tormenta, o mar roncando,  
E os raios, em que o Polo todo ardia? (1)

Não vai mais doce desdobrando as ondas  
Remanso sem rumor como os do Lethes,  
Que de Ignez os queixumes  
Ante o Rei já movido á piedade.  
Ignez, de quem saudosas  
As Filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo chorando memorarão.

(1) Camões est le Virgile Portugais admirable dans l'art de peindre les objets phantastiques.

*Baillet.*

Donde houveste o Pincel, com que traçaste  
 O véo de róxos lírios pouco avaro,  
     Que a' Venus cinge a forma,  
 Porém nem tudo encobre, nem descobre!  
     O sorrir lacrimoso, (1)  
 E nas columnas morbidas trepando  
 Desejos, que como hera se enrolavão?

Compungem-se os rochedos quando a Affonso  
 Soccorro implora a candida Maria  
     Contra a chusma Africana,  
 Que a vivos medo, e a mortos faz espanto! . . .  
     Quando em ais suffocada  
 O rosto banha em lagrimas ardentes,  
 Como co' orvalho fica a fresca rosa!

Para acolher de Lysia os Navegantes,  
 Que tanto mar, e terras tem passado,  
     Eis brota hum novo Elysio! . . .  
 Mil arroios sossurrão! embalsamão  
     O ar milhões de Flores! . . .  
 Mil varios animaes nos prados girão,  
 E mil aves descantão sobre os ramos! . . .

Os dôes, que da Pomona, alli Natura  
 Produze, differentes nos sabores;  
     Alli limões viçosos  
 Estão virgineas tetas imitando;  
     A purpurea cereja

---

(1) Δακρυει γειλασσακ

Co' a laranjeira lustra, e o Persio como  
Melhor tornado no terreno alheio!

Mas prodigio maior, ficção mais rica,  
Tudo teu! tudo assombro eis chófra aos olhos! (1)

De precelosa noite  
Horror dobrando a horror, lá ergue a fronte  
Adamastor terrível!...

Solto funesto agoiro, e lida em balde  
Para o Gama torcer da heroica empreza!

De nobre emulação n' alma pungidos  
Os Numens da Epopeia, que te ouvião  
Em pasmoso silencio

Rompem o applauso aqui, cedem-te a Laureia;  
Discordes não decidem

Qual tem preço maior, mais jus á Fama  
No quadro original, desenho, ou côres.

Mas torpe inveja ao merito não deixa  
Saborear em paz da gloria o Nectar!...

Onde ha mais luzimento  
Mais se enviperá; a tudo inverte o nome (2),

(1) La description du Geant Adamastor, le Gardien du Cap des Tourmentes est une peinture des plus Poétiques, que l'imagination puisse se-former, l'idée en est touchée avec une force, qui saisit, eteleve l'Esprit. *Mr. du Carlêngas.*

(2) Ella que acceita a empreza contra vivos,  
Por mais se enviperar em sanha nova,  
Nestes da culpa espiritos captivos  
De tormentos crueis faz dura prova.

*Mouzinho. Aff. Afric. Cant. 1.*



Os vivos atassalha ;  
Mortos não poupa ; Tumulos profana ;  
As urnas despedaça , e cresta os louros.

Seus ultrajes sentio de Smyrna o Vate ( 1 )  
De Sulmona o Cantor ( 2 ) de Mantua o Bardo , ( 3 )  
Que , no Jardim das Musas ,  
Como hum Cedro no Libano se eleva !  
Nem tu proprio lhe escapas  
Oh Camões immortal ! oh gloria Lusá ;  
Posto Divino em metro , em voz Divino !

Eu vejo levantar da fanje impura  
Da ignorancia , e do crime , em que rojára ,  
Negro Zoilo , que intenta  
Teu nome denegrir , e entrar na arêa  
Onde unico triunfaste ! . . . ( 4 )  
Côrvo quer revestir do Cisne a alvura !  
Ganço quer emular d' Aguia o remonte !

Mas justa lei de imparcial censura  
A's mãos da Zombaria em pena o deixa  
Que , azindo-lhe da grenha , ( 5 )

- 
- ( 1 ) Homero.  
( 2 ) Ovidio.  
( 3 ) Virgilio.  
( 4 ) Lustravitque fuga mediam Gladiator are-  
nam. *Juven. Sat. 2.*  
( 5 ) Paris ajoelhou , a que o valente  
Menelao corre , e azindo-o da cellada ,  
Arrastrando o levava , onde o fim dera ,  
Se Venus , que isto vio lhe não valera.  
*Gabriel. Per. de Castro.*

Tres vezes o volteia em giro á fronte,  
 E atordoado o arroja  
 Ao somnolento rio, onde, de chófre,  
 Cahindo, vai qual chumbo ao fundo, e fica.

Tal Salmoneo rodando em bronzea ponte,  
 E o faxo sacudindo, do potente  
 Therpicheraunio Jove (6)  
 Relampago, e trovão contrafazia;  
 Mas irritado o Numen  
 O não fingido raio assesta ao impio, (7)  
 E com ponte, e quadriga em cinza o funde!

*De José Maria da Costa e Silva.*  
 Elpino Tagidio.

(1) Fulmine gaudens.

*Homere.*

(2) Quatuor hic invectus Equis, et Lampada  
 quassans,

Per Graium Populos, medixque per Elidis urbem  
 Ibat ovans, Divumque sibi poscebat honores,  
 Demens! qui nimbos, et non imitabile fulmen  
 Ete, et cornipedum cursu simulabat Equorum.  
 Ac Pater Omnipotens; densa inter nubila telum  
 Contorsit (non ille faces, nec fumea tædis  
 Lumina (præcipitemque inmani turbine adegit.

*Virgilio Eneid. Liv. 6.*

## O D E.

---

*Non gemmis, neque purpurâ venale, nec auro.*

Horar. lib 2. Ode 16.

---

**Q**Uando sinto subir-me á memoria  
 As imagens dos annos sobrósos;  
 Quando a infancia com brincos donosos  
 Me ensinou a alegrar;  
 Bem quizera despir-me das honras,  
 Crês tyrannos dos meigos prazeres,  
 Dar de mão ao renome, aos haveres,  
 E á puericia tornar.  
 Senão dão nome illustre, e riquezas  
 Desatado theor de alegria,  
 Mais valor me merece hum só dia  
 Que essa infancia alegrou,  
 Que trinta annos de insipido fausto  
 De lisonja maldada, malvista,  
 De cançada etiqueta, malquista  
 C'um taful como eu sou,

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysio.

## O D E.

---

*Quantus eram pharetra cum protinus ille soluta ,  
 Legit in exitium spicula facta meum ,  
 Lunavitque genu sinuum fortiter arcum ,  
 Quod canas , Vates accipe , dixit opus .  
 Me miserum , certas habuit puer ille sagittas ?  
 Uror , et in vacuo pectore regnat amor .*

*Ovid. lib. 1. Amor Epist. 1.*

---

**Q**uando á cythara de ouro a mão lançava  
 Para entoar a Lusitania gloria ,  
 Hum Deos de sobre as cordas se levanta  
 Joven , formoso , e meigo ;  
 Que o braço recostando sobre a meza ,  
 Affavel me induzia a que cantasse ,  
 E que elle o canto meu reforçaria ,  
 C' um , que escutára ás Musas .  
 C' os dedos tenteando os sons Thebanos ,  
 Desusada responde a molle Lyra :  
 Brandamente me dá de Anfrisa o nome  
 Entre harmoniosas falsas ( 1 ) .  
 Então conheço o Deos , que ri , e zomba  
 Do azedo enfado , com que o arguo de impio :

---

( 1 ) Quanto molliores sunt , et delicatiores incantu flexiones , et falsæ voculæ quam certæ , et severæ ?

*Cicer. de Orator. Lib. III. Cap. 18.*



- » Não bastão, Deos maligno, inda não bastão  
 » Seis lustros de servir-te ?  
 » Já Lálage cantei, cantei Delmira,  
 » E a minha escravidão, e os teus triunfos :  
 » Já a meus cançados cantos dá de rosto  
 » A livre Mocidade,  
 » E inda zombas das cás.. das cás nascidas  
 » Nos pezados grilhões de teu Imperio ?  
 » Veterano soldado lograr devo  
 » Emerito descanso. »

Nisto me torna o Amor :.. » Canta a teu gosto

- » Fortes Castros, e duros Albuquerque :  
 » Desfere a voz, a cythara tempera,  
 Cinge-te a ganhar louros :

» E este farpão te esperte a voz, e o canto ;  
 Na córnea Lua o embebe, e a mim frêchado  
 No coração me cála... Os ais rebentão,  
 Os suspiros recrescem.

- » Canta os Heroes ( me insulta o Deos protervo )  
 » Canta se podes. » --- Eis que as azas bate,  
 E aos ares se remonta, celebrando  
 A certeza do tiro.

Eu arrancar do peito a setta hervada  
 Em vão forcejo... As farpas prendem na alma,  
 C' o joelho em terra ao perfido, que foge  
 Brado em desfeito pranto :

- » Perdoa, ingente Nume, Amor perdoa.  
 » Não quero Heroes cantar ; louros engeito.  
 » Meu Heroe, minha gloria, minha Musa  
 » Será desde hoje Anfrisa. »

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysio.

## O D E

*A' Immaculada Conceição de Maria Santissima  
Senhora Nossa, que recitou no Monte Me-  
nalo aos 8 de Dezembro de 1757  
Elpino Nonacriense.*

AH! longe, longe deste fertil monte  
A's Musas consagrado indocil vulgo  
Vulgo profano,  
A cujo rude espirito não move  
O sagrado furor, que nos transporta:  
E vós, almas sublimes,  
A que inflamma hum ardente amor das Musas,  
Atenção, que hoje intento em novo estilo  
Tocar a agreste fräuta;  
Sinto, sinto elevar-se pouco a pouco  
O meu humilde engenho. Em outra especie  
Mudar me vejo:  
Ah! já não sou, não sou o rude Elpino  
Pastor da bella Arcadia! Estes campos  
Não são do claro Alfêo:  
Onde está Melibeo? Onde a cabana  
Do guardador Albano? Onde Sicreno!  
Montano, e os mais Pastores!  
Hum occulto poder da humilde terra

Suavemente me eleva a minha frauta  
     Em som mais alto,  
 Qual harmoniosa trompa rompo o vento  
 Até o ar, que respira he mais sereno  
     Ao que entre as densas nuvens  
 Eu vôo, eu vôo, e em circulos velozes  
 A' guia do sol ás luzes me remonto  
     Em desenvolto adejo.  
 Mas que vejo, oh Ceos! que horrída serpente  
 Naquelle inferior globo se sustenta:  
     Ai que de mortes  
 Entre os seus habitantes semeando  
 Está o horrível monstro; huns entre as garras  
     Furioso despedaça,  
 Outros devora, e ainda palpitando  
 No immundo ventre encerra, outros estala  
     No vinculo que tece  
 C' o a volúvel cauda, e os mais distantes  
 Com o ar, que inficiona respirando  
     Miseramente mata  
 Em todo o globo se derrama  
 O seu mortal veneno; em toda a parte  
     Arde o contagio;  
 Que lastima! Não ha quem lhe resista;  
 Tristes mortaes, não ha quem vos soccorra,  
     Quem de vós se enterneça!  
 Mas que brilhante luz, qual a da Aurora,  
 Na fresca madrugada lá do Oriente  
     Pouco a pouco apparece,  
 Oh Ceos! oh nunca vista maravilha!  
 Huma pura mulher toda vestida  
     Do Sol brilhante,

De lucidas Estrellas coroada ,  
 Pizando a branca Lua , he quem espalha  
     A luz formosa , e pura ;  
 Já com seus raios o ar se purifica ,  
 E como com o Sol a densa nevoa  
     Se desfaz o contagio ;  
 Oh que formosos passos que vem dando !  
 Toda de graça cheia ! A' sua vista  
     O Dragão fero  
 Da escamosa cabeça as grossas conchas  
 Horridamente errissa : os olhos tinge  
     De negro immundo sangue ,  
 Das entranhas respira hum vivo fogo ,  
 Que abr zando o contorno o deixa cheio  
     De hálitos venenosos :  
 Ai que contra a bellissima Donzella  
 Tremo de horror ! furioso se arremessa  
     Para tragalla ;  
 Já sobre o meio corpo se levanta ,  
 C'o a cauda o ar açoita , e assobiando  
     Vibra a farpada lingua.  
 Já , já para enredalla em largos giros  
 Humas vezes estende , outras enrosca  
     O corpulento vulto ;  
 Mas em vão , mas em vão serpe enganosa ,  
 A'spiras á victoria , em vão te canças ,  
     Que a Mulher forte ,  
 Qual o guerreiro exercito ordenado ,  
 Terrivel te resiste. Ah ! já lhe cedez ?  
     Já lhe deixas o campo ?  
 Já foges ? Já te segue ? já te alcança ?  
 E na torpe cabeça victoriosa



Te imprime a sacra planta.  
 Valerosa Mulher, tu só pudeste  
 Triunfar do horrendo monstro. Os teus louvores...  
 Mas que sonoras  
 Vozes no ar se dilatão! que vistoso,  
 Admiravel objecto absorto vejo  
 De Espiritos Celestes,  
 De esmeraldas curvadas, e diamantes,  
 Hum brilhante Esquadrão em torno o cerca,  
 Batendo as azas de oiro,  
 Huns sobre ella derramão ás mãos cheias  
 Huma nuvem de flores: outros cantão  
 Acordemente  
 Ao grato som de varios instrumentos  
 O seu triumpho. Oh! Bendita entre as mulheres,  
 Exaltada na terra,  
 Qual no Libano o cedro junto d'agua,  
 Ou Platano frondoso, ou qual nos campos  
 A formosa oliveira  
 Entre as Filhas de Adão, qual entre espinhos  
 O puro, e branco lyrio resplandeces;  
 Toda sem mancha  
 Tu dos Córos Angelicos és honra,  
 Tu do Empyrio alegria, e da triunfante  
 Jerusalem és gloria.  
 Vem, ó Flor de Jessé, nova Rainha,  
 Esposa do Senhor, serás coroada  
 De palma, e de assucenas:  
 Mas que he isto? Eu estou na nova Arcadia!  
 Este he o mundo! E estes os Pastores!  
 Quem de repente  
 Entre vós me pôz! Como neste dia

Inda em silencio estais? Toca Mirtillo,  
 Toca a sonôra Lyra  
 Tu Coridon tambem; que as tuas vozes  
 Farão parar do Alfeo as frescas aguas,  
 E a musica das aves.

*De Antonio Diniz da Cruz.*  
 Elpino Nonacriense.

---

## M O R A L I D A D E.

**H**E nosso coração vorage immensa,  
 Em que honras, cargos, lúbrica ventura  
 São dos desejos vagos a mantença,  
 Que, gozados, os manda á sepultura,  
 Para abrir nova boca á turba densa  
 De prazeres de nova formosura;  
 Quaes das talhas das Bélides impías  
 Se esvaecem as aguas fugidias.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysio.

## O D E. (1)

*Vita . . . Nil sine magno  
Vita labore dedit mortalibus.*

Horat. Satyr. 9. lib. 12.

**D**A' demão á preguiça lisongeira,  
Lança-a ao longe de ti; que não se alcanção  
Os segredos das Musas sem fadigas,  
Sem indefeso estudo.  
Olha-as no cimo d'ingremes montanhas;  
Applicadas ás artes engenhosas;  
E em torno em seus assentos merecidos  
Os cuidadosos Vates.  
Olha a rama viváz, que a frente cinge  
De CAMÕES sublimado, e sonoro:  
Vê como o Adamastor desmesurado  
Para elle se debruça;  
E ao largo da alta espadua lhe dá móstra  
Do honrado Cavalleiro, e gentil Dama,  
Que vio morrer de fome os filhos caros;  
Nas ardentes areias

(1) Ao Sur Ag. Routiez, que traduzia Camões.

Lá junto áquella fonte dos Amores  
Olha as Nynfas do Munda; inda orvalhadas  
As faces tem das lagrimas sentida,  
Que por Ignez vertêrão.

Não o ouvês tu na Lyra resonante  
Cantar do Gama os improbos trabalhos,  
Que as portas da Asia, superando riscos,  
Se abrio ousado, e forte?

Lá vai surcando os mares do Oriente  
No nadante baixel empavezado,  
Tremóla as Quinas Lusavencedoras  
Junto aos berços da Aurora.

Cheio o peito de incognitos segredos,  
Eis solta as vélas, fita em Lysia os olhos,  
Os olhos satisfeitos, com que víra  
As Indicas Neréas.

Esperado da bella protectora,  
E das Nynfas, que Amor feridas tinha,  
Os Amores lhe acenão; e os prazeres  
Lhe estão abrindo os braços.

A virtude ergue o premio refulgente  
Além de longas métras arriscadas;  
Pede affrontados medos, pede p'rigos,  
Aos que a arranca-lo correm;

Mas logo que vencidas as fadigas  
Sobrepuja o valor, lá está assomada  
A fama, que apregôa merecida  
Bem conquistada gloria.

Ouviste o Canto?... Eis c'o a guerreira dextra  
A's escabrosas fragas te convida:  
Eis te aponta a vareda inda trilhada  
De seus pés resolutos.



- » Vem escutar-me, vem (te diz benigno)
- » Se da Poesia os penetraes vedados
- » Queres investigar no almo congresso
  - » Dos immortaes Cantores.
- » Rompe com passo ardido a encostadura,
- » Esmaga espinhos, desmaranha balças:
- » Filinto, a quem fiz certo o meu designio,
  - » Te esforçará os passos.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
Filinto Elycio.

*A Marcia.*

## O D E.

---

*Dans le fond de forest votre image me suit ;  
La lumiere du jour , les ombres de la nuit ,  
Tout retrace a mes yeux les charmes , que j'evite.*

Racine Phed.

---

**O** Ra que a irmã de Phebo pela estrelada esfera  
Rege o carro em serena magestade ;  
Nos limpidos remansos , que trepidos sussurrão  
Seu clarão melancolico rutilla ;  
E o Zefiro adejando a custo abana , e treme  
D' espreguiçadas arvores as folhas.  
Quanto he delicioso vagar nesta campina ,  
Respirando os balsamicos perfumes ,  
Que as flores , que os exhalão traidores nos delatão ,  
Ouvir trinar saudosa Philomela ,  
Que da antiga injuria riscar não pôde a idéa ,  
E solitaria a conta á noite , as trévas !  
Aqui desopprimida minha alma se dilata  
Livre de inquietação , longe ao desgosto.  
Doce tranquillidade no peito se ensinua ,  
E hum momento me esquece que sou homem !

Mas que fatal lembrança de novo a paz desterra  
Marcia !.. oh meu bem !.. teu riso, teus encantos  
Da torre da esperança ao longe me alliciação  
Com o magico fanal doutros prazeres !..  
Oh como atropellado decorre o sangue as veias ! ..  
Que medonho ! que lúgubre este sitio !  
Adeos, oh Philomela, oh bosques, oh regatos !  
Sem Marcia para mim nada ha formoso !

*José Maria da Costa e Silva.*

## E N I G M A.

**O**S homens, e animaes, valles, e montes  
 Envolve no meu manto, e não me sentem:  
 Por seculos perennes me consentem  
 Mui largo imperio nesses horisontes.  
 Eu sou a mái da noite atraçoada;  
 E quer-me a morte companheira sua,  
 Como ella á fornatura sou malvada,  
 E apago quanto aclara o sol e a lua.  
 Se a lua tem do sol a luz devida,  
 Elle guerra comigo traz renhida:  
 E o sol que tudo vê não pôde ver-me,  
 Que ante elle mesmo, eu sei delle esconder-me.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysio.

## E P I G R A M M A.

Venho attonito ( muito serio hum dia,  
 Certo Romano ao grave ancião dizia )  
 Catão, Catão, hum rato todo o couro  
 Me roeo do sapato!... Fora agouro  
 Mui máo ( Catão responde ) se o sapato  
 Roesse o couro ao rato.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysio.



## O D E.

---

*Prole dos Numes, quasi Nume, e Vate,  
Vive no tempo, na Memoria vive,  
E vai do tempo; da Memoria aos Astros  
Converter-se em porção da Eternidade.*

Bocage.

---

**L**ongo tempo carpio o sacro Pindo  
Do Meônio Cantor a morte escura. (1)  
Murcharão da Castalia os verdes louros,  
Turvou-se a clara lympha.

Calliope, que outrora repartia,  
Das fadigas o premio, sempre a raios,  
As vestes, que trajava magestosas  
Troca em funereo lucto.

Deixarão de existir Permesse, e Musas  
Se o Vate, honra de Mantua, não volvesse (2)  
Ao Coro Santo a magestado, os dias  
Do prófugo Saturno

---

(1) Homero.

(2) Virgilio.

Ganhou nome immortal de Luso a Prole  
 Depois que ao som da Lyra ( 1 ) decantados  
 Forão seus feitos, que a memoria zela  
 Por seu, e timbre nosso!

Por vós mais honra accresce as gratas Musas  
 Cantor da Gloria, Píndaro do Tejo ( 2 )  
 Atilado Garção, Filinto, ( 3 ) e outros  
 Da lei da morte isentos!...

Nem tu me esquecerás, Thomino egregio, ( 4 )  
 Cuja mente, nos Delphicos adejos,  
 A terrea estancia desdenhando absorta,  
 Entre os astros fulgura!

Porém novo clarão de luz Phebea  
 Surge no ameno, bipartido monte,  
 Que mil raios á terra despedindo  
 De estranho brilho a cobre!

He teu genio grandiloquo, facundo,  
 Arguto, magestoso, grave Elpino, ( 5 )  
 Das Aonias irmãs mimoso alumno,  
 Oh Vate, oh quasi Nume!

Nos metricos ensaios adestrado  
 Tentas da gloria o nebuloso cume,

- 
- ( 1 ) De Camões.  
 ( 2 ) Antonio Dinis.  
 ( 3 ) Francisco Manoel.  
 ( 4 ) Santos e Silva.  
 ( 5 ) O Senhor José Maria da Costa e Silva.

Que avistas não distante, e aonde em breve  
Te aguarda a sacra Diva.

A passos gigantes avançam muitos,  
O difficil accesso não medindo;  
Porém da recta senda extraviados,  
Desmaião, ou falecem.

Não assim o teu genio, raro Elpino,  
Que teus dias votando ao serio estudo  
De arduas combinações repleta a mente,  
Vês rebentar o fructo.

Bemque pela invenção louros não ganhes,  
(A tuba de Caliope embocando)  
Interprete fiel colheste as palmas  
De Aganipe regadas.

Da Grecia revocando ao Patrio Tejo  
Heroismo, valor, moral, pericia,  
Te eriges hum Padrão vedado ás iras  
Dos Zoilos, e dos tempos.

Alçando o collo de Meonia o Cisne,  
Olhos fitos em ti, applaude, acata  
A penosa tarefa a que te deras  
Ancioso, prolixo!

Contempla de Peleo o filho altivo,  
Raio ardendo em vingar do amigo a morte,  
Derrubar a seus pés Heitor, faltar-se  
No sangue dos Troianos.

Do Xanto avermelhar soberbo as aguas,  
Juncando de cadaveres a terra;  
Demolir de Dardania os fortes muros,  
Terrivel, furibundo!

Entregue ao ferro, ao fogo, em cinza, hum ermo  
A misera Cidade, duvidoso  
Quem melhor temperou as varias cores  
De ti concebe inveja.

Assim qual cedro eterno, que arreigada  
Tem no abysmo a raiz, no Ceo a coma,  
Dos enraivados Euros escarnea,  
A guerra que lhe movem;

Tal do genio escudado o Vate eximio  
Sarcasmos, invectivas rebatendo,  
Tem da gloria em si mesmo o brado, a c' roa,  
Que os seculos respeitão.

*De Pedro Ignacio Ribeiro Soares.*



## A Esperança:

## O D E.

---

*Sperat infestis, metuit secundis  
Alteram sortem bene preparatum  
Pectus . . . .* Horat. lib. 2. Od. 10.

---

I.  
**V**em, vem, doce Esperança, unico allivio  
 Desta alma lastimada;  
 Mostra na c' roa a flor da amendoeira,  
 Que ao Lavrador previsto,  
 Da Primavera proxima dá novas.

II.  
 Vem, vem, doce Esperança, tu que animas  
 Na escravidão pezada  
 O afflicto prizioneiro: por ti canta  
 Condemnado ao trabalho,  
 Ao som da braga, que nos pés lhe soa.

III.  
 Por ti veleja o panno na tormenta  
 O mareante affouto:  
 No mar largo, ao saudoso passageiro,  
 (Da esposa, e dos filhinhos)  
 Tu lhe pintas a terra pelas nuvens.

IV.  
 Tu consolas no leito o laço enfermo,  
 C' os ares da melhora:

Tu dás vivos clarões ao moribundo,  
 Nos já vidrados olhos,  
 Dos horisontes da Celeste Patria.

## V.

Eu já fui de teus dons tambem mimoso;  
 A vida largos annos  
 Rebatida entre acérbos infortunios  
 A sustentei robusto  
 Com os pomos de teus vergéis viçosos.

## VI.

Mas agora que Marcia vive ausente;  
 Que não me atenta esquivá  
 C' o brando mimo d' um de seus agrados,  
 Que farei infelice,  
 Se tu, meiga Esperança, não me acodes?

## VII.

Ai! que hum de seus agrados he mais doce,  
 Que o nectar saboroso;  
 He mais doce que os osculos requintados  
 Da namorada Venus  
 A que o Grego ( 1 ) põe preço tão subido.

## VIII.

Vem, vem, doce Esperança, que eu te prometto  
 Ornar os teus altares  
 C' o a viçosa verbena, que te agrada,  
 C' o alinda flor, que agora  
 Enfeita os troncos, que te são sagrados.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysio.

---

( 1 ) Anacreonte.

## O D E

*Traduzida de Anacreonte Poeta Grego.*

## I.

O H quanto he doce  
Ir passeando  
N'um prado em flores  
Luxuriando.

## II.

Aonde Zefiro  
Brincando exhala  
Suave aroma,  
Que em torno cala!

## III.

Olhar de Bacho  
Arvores bellas,  
Ir acolher-se  
A' sombra dellas.

## IV.

Terna donzella  
Nos braços tendo,  
Que toda Venus  
Está vertendo.

*José Maria da Costa e Silva.*

## O D E

*Traduzida de Anacreonte Poeta Grego.*

**D**Ar- quero aos Atridas,  
E a Cadmo louvor,  
Mas da Lyra as cordas  
Ressoão Amor.

De novo a encordoo,  
Affino-a melhor,  
Cantar tento Alcides  
O grão lidador.

Mas trahindo os dedos  
Ao seu tangedor  
A Lyra entoava  
Só notas de Amor.

Heroes para sempre  
Vos deixa o Cantor,  
Que a Lyra ressoa  
Sómente de Amor.

*José Maria da Costa e Silva.*



---

*A' Crã-Bretanha.*

SONETO.

**N**ão tanto hum dia Roma libertada  
Do jugo de tyrannos oppressores,  
Mais graças dava, dava mais louvores  
Do grande Bruto á vingadora espada;

Quanto, ó nossa benefica Alliada,  
Graças devemos dar-te inda maiores:  
Teu braço nos vingou de vis traidores,  
Nos trouxe a liberdade desejada.

Bemque d'Elisia já no seio ardia  
O fogo de justissima vingança,  
As chammas lhe abafava mão impia:

Em ti os olhos fita, em ti descança;  
Tu arrancaste o sceptro á tyrannia,  
Quebraste os ferros, que nos punha França.

*Por huma Senhora.*

*A Lord Wellington.*

## SONETO.

**O**S grandes Vencedores, que abysmárão  
 O munda com triunfos portentosos,  
 Sempre os ganhados louros gloriosos  
 Mil correntes de sangue lhe regárão.

As leis da humanidade quebrantárão,  
 Trazendo á terra males espantosos;  
 De montões de cadav'res lastimosos  
 Os degrãos de seus thronos levantárão.

Roma, que o diga: Roma, que empunhava  
 Tantas vezes o sceptro da victoria,  
 Quantos milhões de vidas lhe custava!

Poupa-las, e vencer.... Tão alta gloria  
 Sómente para ti o Ceo guardava,  
 Wellington dino d' immortal memoria.

*Por huma Senhora.*

*Ao mesmo.*

S O N E T O.

**M** Usas, que ao sexo meu destes outr'ora  
 O dom Divino, a chamma endeosada,  
 Que deixastes a Grecia arrebatada  
 D' huma Sapho na Lyra encantadora,

Se do grande Colombo a grã Cantora  
 Bocage, aos astros foi por vós levada,  
 Dai-me o fulgor, a luz, que lhe foi dada,  
 Poisque mais digno assumpto eu canto agora:

Desencantar os Indicos thesouros,  
 Haver o novo mundo conquistado,  
 He jus para alcançar da Gloria os louros.

Mas quanto deve mais ser exaltado  
 Esse, que assombro nosso, e dos vindouros,  
 A Patria, a vida, os bens nos tem salvado!

*Por huma Senhora.*

*A dois Irmãos da A., que são Officiaes  
do Exercito.*

SONETO.

**P**atria, Honra, Dever, tudo vós chama  
Ao Campo da Batalha, Irmãos queridos;  
Eia, voai a elle destêmidos;  
Não teme a morte quem a Gloria ama.

Ao assustado pranto, que derrama  
O Maternal Amor, negai ouvidos;  
Ide no Amor da Patria, ide acendidos  
Ganhar Nome immortal na voz da Fama.

Lançai os olhos n' apartada Historia,  
Vêde, imitai o Portuguez brioso,  
Após huma ganhando outra Viétoria.

Renasça hoje d' Esparta o tempo honroso,  
Em que o femenil sexo obtinha a Gloria,  
Chamando a ella o sexo valeroso.



## L Y R A S.

**N** I.  
 Estes sagrados bósques, onde vivo  
 Retirado do mundo  
 Mal-assombrado e esquivo,  
 Dou repouso profundo

II.  
 Aos que deixando as Côrtes ambiciosas  
 Seu fausto e valimento  
 Nestas ribas viçosas  
 Buscão placido assento.

III.  
 Não venha aqui o Amor, que he captiveiro;  
 Que fora injusto aggravo  
 A hum Nume livre e inteiro  
 Pôr-lhe ao lado hum escravo.

IV.  
 A' amizade, que acóde c' o conforto,  
 A virtude offereço;  
 Aos naufragos dou porto,  
 Aos bons corças têço.

V.  
 Quem com a mediania se contenta  
 Coza de prazer puro,  
 Aura de vida o alenta,  
 Dorme são e seguro.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysio.

*Ao senhor Henrique Leitão de Sousa.*

O D E.

*Fugit retro  
Levis juvenas, et decor, arida  
Pellente lascivos amores  
Canitie.* Horat. lib. 2. Od. II.

I.

Que errado pôes, Leitão, a confiança  
Nos annos folgazões da verde idade!  
O sangue petulante,  
Que pelas veias hoje se atropella,  
Cansado da carreira,  
Com frias vozes pedirá socêgo.

II.

Se amiudas sem termo ás romarias  
Aos templos de Amathunta perigosa;  
O Cirio, que devoro  
Arde ante as pulcras aras jactancioso,  
Da rapida velhice  
Derregado o verás ao bafo inerte.

III.

Alterna c'o repouso as lidas duras,

T 2

Se queres estender da vida a têa:

O sabio não fatiga,

Além do justo, as serviçaes potencias

Nem sempre Hercules bravo

A clava meneou c'ò a mão nervosa.

## IV.

Couserva-te hum carão vermelho e nedio

Para o decimo lustro, quando as Nynfas

Começão a avistar-nos

No rosto as rugas, na cabeça as brancas;

Que guadio he então lograilas,

C'ò a còr sadia, e desempenho airoso!

## V.

Como em Teios o verde Anacreonte,

Rosada a face, os olhos scintillando,

Chamava a desafio

As basofias da altiva mocidade;

E da Cyprina arêa

Sahia coroado c'ò a victoria.

## VI.

Aguçosas nos fião as tres velhas

O curto estame da veloz idade:

Só bem lhe atalha os fusos

Quem com sisudo freio leva a passo

O fogoso ginete,

Que relincha batalhas e carreiras.

## VII.

C'ò jogo, c'os passeios revezando,

E c'os sons de Melpomene e Thalia,

As matiras de Venus,

Alongarás o tempo inestimavel;

Verás dançar na bolça

As valem-tudo , fulgidas carinhas.

## VIII.

E com novo vigor esparecido ,  
 Ora na lyra cantarás as noites  
     Dos ledos aciprestes ;  
 Ora o rival d' Ariosto trasladando ,  
     Tomas quinhão na gloria  
 Da Tarasca immortal, sem par donzella.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
 Filinto Elysio.

---

*A' Estatua Equestre.*

Epigramma.

**V**E, Minerva , d' hum jacto só fundida  
 Com tanta perfeição a Estatua rara ,  
 Que pezarosa de faltar-lhe a vida ,  
 Diligente a animalla se prepara :  
 O ethereo fogo já c'o a mão erguida  
 Hia a infundir-lhe ; mas suspensa pára ,  
 Por não querer ficasse desta sorte  
 Humã obra immortal sujeita á morte.

*De Joaquim Ignacio.*



## M E D E A

## TRAGEDIA DE SENECA,

## ACTO I.

## SCENA I.

*Medéa.*

**O**H Deoses conjugais, oh tu, Lucina,  
 Do leito gineal auxílio e guarda;  
 Tu, que a Tiphis o leme meneavas,  
 Pallas, na estranha não domando as ondas;  
 Tu do sanhudo mar largo sob'rano;  
 Sol, tu que o louro dia ao mundo espalhas;  
 Tu, que aos callados sacrificios mandas  
 Confidente clarão, lua triforme;  
 Todos pór quem Jason me jurou, Numes;  
 E, os que mais cumpre que Medéa implore  
 Cãhos de eterna sombra, e vós, oh reinos  
 Da celeste aversão, vós impios Manes;  
 Oh Rei do Solio lugubre, oh Rainha

Roubada com mais fé (1), com mais lisura,  
 Com vós infausta vos invôco, vinde.  
 Sol as as serpes da madeira impura,  
 E as mãos cruentas na affumada rêa,  
 Vinde, oh Deosas, verdugas dos flagícios;  
 Vinde quaes me assististes furibundo,  
 E em pé contra o meu leito: horrenda morte,  
 Trazei a Noiva, ao Sogro, a regia surpe,  
 Da-me hum mór mal, com que pragueje o Esposo,  
 Viva assustado, odioso, foragido;  
 Corra erradio, e pobre estranhos lares;  
 Esposa me appetiteça; e a porta alheia  
 Demande conhecido; os filhos sejam  
 (Porque mór mal não possa desejar-lhe)  
 Retratos de seu Pai, da Mãi retratos.  
 Dei-os á luz, vinguei-me (2). Estou vingada.  
 Em vão semeio vozes, e queixumes...  
 E eu que poupo o inimigo... Os nupciaes fachos  
 Vou-lhe arrancar das mãos... e a luz ao dia.  
 Tanto esperas de mim, meu Regio Tronco,  
 Oh Sol, que o vês, que deixas ver-te, e manso,  
 No carro os campos mêdes retrilhados  
 Do azul convexo! Aos berços não recûas  
 Da luz infante, e o dia não recolhes?

---

(1) Proserpina roubada por Plutão. Toda esta Scena precisa de mais notas do que permite a escassez desta folha, para os que não são versados nos usos dos Gregos e Romanos: os que a não entendem, não a leião, ou perguntem.

(2) Pela tenção que tinha concebido de nelles se vingar do Pai, matando-os como depois fez.

Dá-me as redeas, ó Pai, dá, que em teu coche,  
 Desatando a carreira pelos ares,  
 Dóme os brutos de bocas flamejantes.  
 Abraze-se Corinthe, e a praia dôbre (1),  
 Os dois mares, mesclando as ondas, sorvão.  
 Mas só me falta o prônubo pinheiro;  
 Levar-lho eu mesma ao thalamo; e acabados  
 Os rógos e oblações, ferir-lhe as rezes (2)  
 No altar votado... Rasga, se és Medéa  
 Pelas entranhas porta ao grão castigo.  
 Se inda do antigo ousar traços conservas,  
 Despe o fêmeo pavor, veste os espiritos  
 De empedernido Caucaso inhumano.  
 Sim, que este Isthmo verá quanto attentado  
 Já o Ponto, e o Phasis vio. De tropel na alma  
 Surgem-me horridas, brutas feridades;  
 A terra, aos Ceos estranhas, e tremendas.  
 Feridas, mortes, e a funérea Clotho  
 Vagando pelas veias... Leves feitos,  
 Ensaio juvenis, quando eu Donzella.  
 Mas hoje que sou Mãe, dor mais pezada  
 Fórjo no meu saber, móres cruezas.  
 Apresta-te ira minha, o furor todo  
 Desfere em perdição... Fique em memoria,  
 Que emparelhou c'o a voda o meu repudio;  
 Mas, qual deixas, Medéa, o teu Esposo...  
 ... Como quando o segui... Rompe as tardanças  
 A fé que o crime atou, o crime a rompa.

(1) Corinthe, situada n' um Isthmo, estendia duas praias, huma para o mar Egeo, outra para o Jonio.

(2) Quer entender os filhos que teve de Jason.

## C O R O

*Das Mulheres Corinthias, que canta o  
Epithalamio das vodas de Jason  
e Creúsa.*

**A** Os thalamos dos Reis, prosperos Numes,  
Os Deoses que o Céu pizão, que o mar regem,  
Assistão, e os devidos, faustos votos,  
Póvos exponde.

O dórsi branco touro, o cóllo erguendo,  
Se proste ante os sceptrigeros celestes:  
Novilha de alvo pêlo, ao jugo prompta

Dóbre a Lucina.

Réz mais tenra (1) á quem ata as mãos sanguineas  
Do torvo Marte, e amiga infestas gentes.  
No trsbordado corno a ampla abundancia

Próvida guarda.

Vem c'o as têas leães (2), e a noite espanca

(1) Quer entender Venus que sabe sujeitar a Marte, e era huma das Deosas que principalmente invocavão no Matrimonio; ou talvez a paz, que he a mãe, e a fonte da abundancia nos estados.

(2) O Hymeneo.



C'o a dextra auspiciosa ; aqui (cingida  
C'o roseo laço a frente) os passos ébrios

Marcido guia.

Astro , que o dubio dia abres , e cérras ,  
(Tardo aos amantes) ávidas suspirão  
Máis , e Esposas , que os teus , quanto antes , soltes  
Lúcidos raios

Sobejo a virgem vence em formosura  
Atticas noivas ; nos Taigéteos serros  
Quantas nas artes mancebís exerce  
Sparta sem muros ;

Quantas no sacro Alpheo , na lympha Aónia  
Se banhão. Ceda ao General Esonio  
(Se ao garbo dais a palma) a prele salva  
Do improbo raio ,

Que os tigres junte ao carro ; e da asp'ra virgem  
O louro irmão , que as tripodes revolve.  
Ceda Pollux , e ceda o irmão , que os céstos  
Déstro menêa.

Moradores do Olimpo , assim vos péço.  
Realce a esposa a todas as consortes ;  
E Jason sobreléve em gentileza  
A todo o esposo.

No coro virginal , quando Creúsa  
Se presentou , gentil superou todas ;  
Que assim perdem c'o sol a formosura  
Alvas estrellas ;

Foge das pléias o apinhado bando ,  
Quando acurvando a lua as cheias pontas  
Com luzeiro não seu no trilho usado  
Abrange o mundo

Tal córa alvo marfim , quando banhado

Na Tyria concha; ou tal da nova Aurora  
Orvalhado o Pastor, de Appollo encara  
Lucido brilho.

A' Aónia virge he (grato agora aos sôgros)  
Dá a mão noivo feliz, que arrebatámos  
Do horrído leito de improba Medéa,  
A quem medroso

Com mão forçada contra ti cingias.  
Folgai, moços, c' os licitos dicterios;  
Lançai ás nupcias versos alternados,  
Moços, e moças.

Dão raras largas contra si os amos (1)  
Briosa Próle de Lyeo thersigero,  
Tempo era já de lançar fogo ao pinho  
Basti-rachado.

C' os ébrios dedos a solemne chamma  
Lhe sacudi: palreiro Fesceninno  
Com vícios festivaes derrame; e a turba  
Solte os seus ditos

Em muda escuridade busque o leito,  
Aquella (2), que c' o esposo forasteiro  
Anhelou desposar-se, indo fugida  
De iras paternas.

*Do P. Francisco Mancel do Nascimento.*  
Filinto Elyσιο.

(1) Falla da liberdade, que nos dias da vo-  
da tinham os servos de dizerem a seus senhores  
todas as chufas, que pudessem fazer rir.

(2) Medéa.

*A Amizade.*

## O D E.

Em 23 de Dezembro de 1786 , dia dos meus  
annos.

*Solem enim e mundo tollere videntur qui  
amicitiam e vita tollunt, qua a Diis immorta-  
libus nihil melius habemus, nihil jucundius.  
Cicer. de amicis*

*Amitié doux penchant des humains vertueux,  
Le plus beau des besoins, et le plus saint des nœuds,  
Le Ciel te fit pour l'homme, et sur tout pour le  
Sage. Delille.*

**S**E depois do infortunio de nascermos  
Escravos da doença e dos prazeres  
Alvos de invejas, alvos de calumnias,  
Mostrando-nos a campa  
A cada passo abérta o mar e a terra;  
Hum raio despedido, fuzilando  
Terror e morte no rasgar das nuvens.  
O tenebroso seio,  
A Divina Amizade não viéra  
Com piedosa mão limpar o pranto

O embotar com dulcisono conforto

As lanças da amargura ;

O sabio espedaçara os nós da vida ,

Mal que a razão no espelho da experiencia

Lhe apontasse apinhados inimigos

C' o as cruas mãos armadas.

Térna amizade , em que teu altar tranquillo

Ponho , porque hoje e sempre arda perenne

O vago coração , ludibrio e jogo

Do zombador tyranno.

Amor me deo a vida : a vida engeito ,

Se a Amizade a não doura , e não affaga

Se com mais fortes nós , que a Natureza

Lhe não atã os instantes.

Que só ditosos são na aberta lice

Dous mortaes , que nos braços da Amizade

Estreitos se unem , bebem de teu seio

Nectárea valencia.

Tu cerceias o mal , o bem dilatas ,

E as almas que cultivas cuidadosa.

Com teu suave alento affirmosentão

Medradas e viçosas.

Caia a desgraça , mais que o raio aguda ,

Rebente sobre a fronte ao mal votada

Mais lenta he a queda menos cála o golpe

No manto da Amizade ,

E se déce o prazer , com ledro rosto

A allumiar o peito de Filinto ,

A chamma sóbe , e vai prender seu lume

Na alma do fido amigo.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.

Filinto Elysio.



---

*A Affonso de Albuquerque.*

## O D E.

**O**nde me sobes, Musa?  
 Em que ousado licor me cmbebes a alma?  
 Estes ares são santos!  
 Esta montanha bipartida treme!  
 Os sacros troncos pavorosos vergão!

**II.**  
 Eis ô Deos! eis o Deos!  
 Santo furor me cála pelas vêas!  
 De hum sol estranho sinto  
 Allumiada a mente: lá se m'abrem  
 As portas do futuro a poucos francas!

**III.**  
 Que estranhezas que eu vejo!  
 Corrido o véo aos quadros falladores,  
 Torna a vir apressado,  
 Lá me abre o tempo os cofres de diamante  
 Salvados d'entre as mãos do esquecimento.

**IV.**  
 Daqui, dalli prodigios  
 Se me escapão dos olhos cubiçosos:  
 As nove Irmans innuptas  
 N'hum novo canto estão lidando ardentes!  
 Huns aos outros mysterios se atropellão!

## V.

Hum cisne côr de neve  
 Sôbe ao seio de Apollo auricrinito,  
 E lhe escuta os arcanos  
 Da divina harmonia Move as cordas  
 Da eburnea lyra, embôca épica tuba. (1)

## VI.

Tu cantarás ousado  
 Do rigido Albuquerque acções ingentes,  
 Os conquistados mares,  
 Os combates cruéis, as leis peçadas,  
 Ao duro braço ousados Reis rendidos.

## VII.

Em grandiloquo canto  
 C'o alto Escriptor do mundo transportado,  
 Impávido Týrustio,  
 Tu te aparelha ao grande pezo digno  
 De mais robustos hombros, que os de Homero.

## VIII.

Bem vejo, inquieta Musa;  
 Lá me aponta Ormuz bombardeada;  
 Lá rompem os pelouros  
 Os muros flanqueados: lá se aluem  
 Casas, palácios, baluartes, templos.

## IX.

Com luzido festejo  
 Vem do sagaz Sofi espavorido  
 O Embaixador faustoso;  
 Dormedarios servís quadrupedantes  
 Fazem tremer, e retremem a terra.

---

(1) Francisco de Sá e Menezes, Author da bella Epopeia *Malaca conquistada*.

## X.

Fervem as brancas ondas  
 Ante o tropel das prôas cortadoras :  
 A morte vai sentada  
 Sobre montões de agudas partazanas,  
 De espadas, de canhões, lá salta em terra.

## XI.

Que prantos, que lamentos,  
 Ouço erguer das cidades abrazadas!  
 Aquella mái afflicta  
 Lá véda o sangue ao filho: lá o deixa  
 Por acudir ao esposo meio morto.

## XII.

Qual o espesso negrume  
 Estala entre o horrífico estampido  
 Nos orgulhosos montes;  
 Com colubrinos raios busca os freixos,  
 Fende as róchas, e abala, enreda os valles;

## XIII.

Qual saraiva de seitas  
 Se encrava pelos palpitantes peitos,  
 Os montes estremecem,  
 As cavernas retumbão, rios parão  
 C'o som da assustadora artilharia;

## XIV.

Como a séva Thesifone  
 Baralha anciôsa os campos matadores;  
 Como e' o as serpes crespas  
 Se farta em borbotões de sangue humano,  
 E as mãos ensopa em golpeados membros!

## XV.

Tu desses de altiveza  
 Ardendo em chammas, Calecut potente:  
 Tomão leis de Albuquerque  
 Orfação, e Soár, Gerum, Mascate,  
 Socotará sadia, a enferma Jáva.

## XVI.

Reis de Onor, de Narsinga,  
 Dobrai agora as timidas cervizes;  
 Grão Sultão de Cambáia,  
 Melique astuto, honrai o Lusitano;  
 Mandai beijar a mão que vos assombra.

## XVII.

Tu Goa torreada,  
 Também curvas a não domada frente;  
 Do Halcão, do Sabáio  
 Levantas a obediencia, para seres  
 A cabeça do Luso, Indiano Imperio.

## XVIII.

Eis em Maláca altiva,  
 Arvoradas as Quinas vencedoras,  
 Os idolos por terra;  
 Os sonhos de Mafoma sem valia,  
 E as thuricremas aras a Deos dadas.

## XIX.

Musa, ja vou cançando;  
 Poupa, poupa meu peito fatigado:  
 Dá arrojados vôos  
 Aos mimosos de Apollo, que decantem  
 Soberbos feitos em limados versos.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento*  
 Filintô: Ely



## O D. E.

... Quem tu, Dea, tempore in omni.  
 Omnibus ornatum voluisti excellere rebus.  
 Lucrer. lib. 1. vers. 57.

**N**ão quero cantar Moças, que estou velho,  
 Ensóço, e defengado :  
 Já pendurei de Venus nas paredes  
 Do namóro as insignias (1),  
**E** a lira desmontei das meigas cordas,  
 Que, descantarão Marcias,  
 Delmiras, Elias, mil formosas Nynfas  
 Do saudoso Tejo.  
 Hoje o meu Araujo só pertendo (2)  
 Entoar nos meus versos.  
 Elle os finaes accentos do meu Canto  
 Aceitará benigno.  
 Se as flores me aceitou a formosura,

(1) Horat. lib. 2. Ode 26.

(2) O Illustrissimo Antonio de Araujo e Azevedo, então Embaixador na Haia.

Cólha a Amizade os fructos;  
 Mais sazonalos são, se mais tardios  
 Os tributos do Outono.  
 Dize, oh Musa, quem deo prendas tão amplas;  
 Quem de indolê prestante....  
 Eis rodear me vejo as Musas todas,  
 Clamando de contentes:  
 » Nós fomos quem no berço o embalámos  
 » Com Délias Cantilénas!  
 » Nós o talento, nós a mente vasta  
 » Lhe povoámos lédas  
 » De jucundo saber; de quantas artes  
 » Te enleváo, quando o escuras,  
 » Mas nossa mái Mnemósyne, que olhava  
 » Táo donosa porfia.  
 » A qual primeira, com seus dons o ornasse,  
 » Risonha nos reprende:  
 Que podeis vós sem mim? O saber todo;  
 --- Que lhe verteis no engenho,  
 --- Resvalerá, se o cravo lhe não pondes  
 --- Da ferrêna memoria.  
 --- Essa seja o meu dom, meu dom nativo,  
 --- Com que me prendou Jove.  
 » Logo as graças das Musas companheiras,  
 » E, por todas, Aglauro,  
 » Como quem de maior thesouro he rica,  
 Diz com despojo airoso:  
 --- E quando o vossó alumno tenha todas  
 --- As artes, as sciencias,  
 --- Bem encravadas c'ó a tenaz memoria,  
 Qual he vossa ufania!  
 --- Será sabio, e enfadoso como hum livro

- Se lhe falece o enfeite  
— Do mimoso primor, da gala nobre,  
— Que tudo affermoséa ?  
— Essa lhe damos nós ; essa he o enlévo  
Dos que melhor juizão.

*Do P. Francisco Manoel do Nascimento.*  
Filinto Elysio.

*A' morte d' Hercules.*

## C A N T A T A.

**S**obre o cabeça d'alto monte Oeta,  
 Q'entre as nuvens s'esconde  
 Envenenado Hercules raivoso  
     Suspira pela morte,  
 Da dor atormentado sóbe, e desce  
     Os desertos rochedos:  
 Ora c'ó a forte dextra arranca os troncos,  
     Ora do peito, e braços  
 A pelle esfolia, a tunica esfarrapa,  
     Ensopado em seu sangue.  
 O mesmo Philoctetes foge ao vélo  
     Mais terrível, que a morte!  
 Clama aos Deoses em vão, pois lhe não deixáo  
     A dor, o arroz cilicio  
 Fixar no Olimpo os olhos criminosos.  
     Entáo o Heroe Divino  
 De seu Pai se recorda; junta os lenhos  
     Q'elle mesmo arrancára:  
 Em disposta fogueira estende a pelle  
     Do Leão de Neméa,  
 Quer constante morrer pela virtude,  
     E clama a Phyloctetes,  
 Que lhe venha accender o lento fogo.



Oh lá, Philoctetes,  
 Atraz volta amigo,  
 Que bem não reflectes  
 No justo castigo,  
 Que os Deoses me derão,  
 Pois justos quizerão  
 Meu crime expiar;  
 Na nossa amizade  
 Fiel inda morro,  
 E a tua piedade  
 Teu digno soccorro  
 Ao ver meu tormento  
 Não deve hum momento  
 Meu fim demorar;  
 Dá fogo aos madeiros,  
 Que estão por meus lados,  
 Meus ossos inteiros  
 Do crime expurgados  
 Sepulta de sorte,  
 Que a quem minha morte  
 Não possa encontrar.  
 Se quanto te peço  
 Fazer-me promettes,  
 Em paga te offreço  
 Oh bom Philoctetes,  
 As settas que amigos  
 De tantos perigos  
 Podêrão livrar.

Por João Vieira Caldas.

*A destruição de Cartago.*

S O N E T O.

Que acção foi destruir huma Cidade,  
 Que Africa coroou de eterna gloria?  
 Oh! não blasoné o esforço da Victoria,  
 Que o rigor não se fez para vaidade.

Este successo na futura idade  
 Ignore-o a tradição, negue-se á Historia;  
 Que fora indigno emprego da memoria  
 O conservar exemplos á crueldade.

De caso tão fatal, tão lastimoso,  
 Não fique indício, que recorde o estrago,  
 Entregue-o a fama a hum mortal segredo:

Que será a Roma muito mais glorioso  
 Não saber-se jámais que houve Carthago,  
 Que huma vingança, que parece medo.

*Por Julio de Mello e Castro.*

*Ao Marquez de Fronteira, D. João de Mascarenhas, sendo Provedor da Santa Casa da Misericórdia; foi benigno Protector dos Engeitados; e a esta grande piedade fez Francisco de Mascarenhas o seguinte*

S O N E T O.

**M**Arquez, esses pimpolhos animados,  
Nos actos criminosos concebidos,  
Ganhão comvosco o nome de escolhidos,  
Perdem comvosco o nome de engeitados:

Dos carinhos dos pais repudiados,  
Dos afagos das mãis destituídos,  
Desprezo tudo ao tempo de nascidos,  
Caricias tudo ao tempo de gerados.

Obre a maldade culpas insolentes,  
Que em quanto da piedade sois columna,  
Os engeitados viverão contentes.

Seu pai segundo sois: sorte opportuna!  
Pois tem em vós os tenros inocentes  
Na Roda do Hospital a da Fortuna,

F I M.

## INDICE

Das Poesias, que se contem neste Livro.

*Todas as que levão este sinal \* são de Filinto Elysio. Francisco Manoel do Nascimento.*

### SONETOS.

A O Tejo. . . . .	Pag. 8
Mirradas pernas, e mirrados braços. . . . .	11
Ao noivado de hum Fidalgo da Corte. (Lobo)	13
Calada estava a terra, o Oceano quedo. *	27
Cançado pensamento, em paz me deixa. -	28
Númes agrestes, neste altar sombrio. *	29
Em resposta a huma Ode de Filinto. - -	47
Documentos de hum pai a hum filho. - -	58
Ao Balão que subio do Terreiro do Paço. (Bo- cage) . . . . .	77
A' morte do Excellentissimo Senhor Marquez de Pombal. . . . .	84
C'o a catana debaixo do capote * . . . . .	85
Illustres filhos do feroz Mavórte. . . . .	86
A' Não dos Quintos em 1779. (Lobo) . . . . .	87
Bilhete de boas festas ao Duque de Lafões. . . . .	90
A huma formosura seria . . . . .	91
A huma filha do A. que lhe morreo . . . . .	92
A' morte de Fernando Antonio. . . . .	93
Ferve no peito o roedor ciume. Glosa. . . . .	94
Ao mesmo. . . . .	95
Ao mesmo. . . . .	96
A' paz de 1801. . . . .	97



A Antonio Diniz da Cruz. (Garção)	116
A' morte de N. S. Jesu Christo. *	117
Impavidos Heroes, filhos de Marte.	118
A' ida de Bonaparte ao Egypto.	119
Ao intento que dizem tivera Junor de derrubar a Estatua Equestre.	120
O grande Esurpador, que o mundo atrôa.	121
Ao festejo dos annos do Bonaparte em Lisboa.	122
Morro feliz se morro em teu regaço * Glosa.	221
Assim de flores se corôa a Aurora * Glosa.	223
Na tomada de Badajoz.	235
Aos Portuguezes.	236
Na Restauração de Lisboa.	237
Na mesma occasião.	238
Que torpe monstro, fero, truculento. *	239
A hum Fidalgo de Lisboa. (Lobo)	240
Ao mesmo Fidalgo. pelo ditto.	241
A' Paixão de N. S. Jesu Christo.	243
Mais do que filha esposa de Timante.	244
A' Grã-Bretanha.	278
A Lord Wellington.	279
Ao mesmo, de outro modo.	280
A dois Irmãos da A. que estão no Exercito.	281
A' destruição de Cartago.	303
Ao Marquez de Fronteira.	304
O D. E. S. A.	
Aos annos da Excellentissima Senhora D. Ma- ria-da-Piedade e Noronha.	Pag. 1
Aos dous Novos Gamas. *	13
Apenas alto pégo procelloso. *	14

A' Primavera. (M. P. A. R.)	20
Traducção da Ode 17 do Liv. II. de Horacio.	30
O hippotade se vero.	36
A Alfeno Cynthio. *	46
Na Coroação da Rainha N. S.	52
Na Acclamação da Rainha N. S.	68
Ao Excellentissimo Senhor Antonio de Araujo.	98
Ao mesmo Excellentissimo Senhor á imitação de Pindaro. (M. P. A. R.)	103
A Filinto-de-Alfeno Cynthio.	112
Irritado da dor de ver zombada. *	123
Ao Principe Regente N. S. (M. P. A. R.)	135
Traducção de Horacio.	152
Quaes a chammas do raio despedido. *	231
Ao Senhor João Daniël de Bruyn. *	246
A Camões. (Costa)	249
Quando sinto subir-me á memoria. *	256
Quando á cythara de ouro a mão lançava. *	257
A Conceição de M. S. Senhora Nossa. (Diniz)	259
Dá de mão á perguica lisongeira. *	264
A Marcia. (Costa)	267
Longo tempo carpio o Sacro Pindo.	270
A Esperança. *	274
Traduzida-de-Anacreonte (Costa)	276
Do mesmo.	277
Ao Senhor Henriquẽ Leitão de Sousa. *	283
A Amizade. *	292
A Affonso de Albuquerque. *	294
Não quero cantar Moças que estou velho. *	298

## EPIGRAMMAS.

Quanto es, Dido, desgraçada. - - -	15
Tinhas, Elia, se bem me lembro agora. *	15
A graça demorada he já desgraça. *	26
Eu lia a hum grão Doutor. *	51
Estes que as mezas tem feito. - - -	83
Com pomadas, rebiques. * - - -	234
Hum pobre esfarrapado, quasi nú *	242
Venho attonito. * - - -	269
A' Estatua Equestre. - - -	285

## OITAVAS.

Feitas ao Soneto a pag. - - -	58
Ao Balão, que sobio do Terreiro do Paço. (Bocage) - - -	78
Ao Governador de Minas Geraes D. José de Menezes. (Alvarenga) - - -	128
Descripção da Vida Picaresca - - -	209

## ELEGIAS.

Cruel, que te fiz eu? que horrendo crime. Na morte do Senhor D. José Principe do Bra- zil. - - -	16
--	----

## HYMNOS.

A' Paz. - - -	88
A Baccho. * - - -	144

## D E C I M A S.

A' ida de Bonaparte ao Egypto. - - -	48
Feita ao Soneto a pag. - - - - -	245
Canção á liberdade. - - - - -	32
Traducção do Edipo de Seneca. - - -	40
Dithyrambo a Filinto. - - - - -	64
A' Vestal Tragedia por Bucage. - - -	154
Carta a Alfeno Cylintio. * - - - - -	217
Fabula. - - - - -	220
Queixas a Apollo. * - - - - -	222
Metamorfose de Diniz. - - - - -	224
Enigma. - - - - -	269
Cantata á morte de Hercules. - - - -	303



<i>Erratas.</i>		<i>Emendas.</i>
Pag. I verso	3 cuja dextra	que na dextra.
3 v.	7 de arrojo	do arrojo.
8 v.	8 o viver contente	o eu viver contente.
16 v.	11 escondeste	escondestes.
16 v.	18 esperanças	esperanças.
17 v.	7 coroa	coroa.
20 v.	21 Cahos	caos.
37 v.	20 Impävida	Impavido
38 v.	5 Em vão	em vão roncando.
Idem v.	9 o	o filho.
40 v.	1 Cingi	Cinja.
43 v.	4 Jaceho	Jacho.
44 v.	20 Nexos	Naxos.
51 v.	7 Afuo	Afino.
Id. v.	19 meo	o meu Macedo.
55 v.	18 Alemano	Alcmena.
58 v.	12 Outro	hum.
Id. v.	14 Alhé	alhefo.
66 v.	8 moçantes	Rernoçantes.
67 v.	14 impediste	me impediste.
74 v.	6 Reass	Reaes.
101 v.	17 cobre	cobrem.
Id. v.	19 do Czar	desse Czar.
144 Ep. v.	2 o Lenæ	o Lenæe!
153 v.	7 esperanças	Esp'rança.
154	depois do verso	terceiro falta o seguinte verso

Por teu sopro immortal sempre animado.  
 160 verso. Quando as chamão os pensamentos

*Lea se*

Quando ao mundo as chamava o pensamento.

*Erratas.*

*Emendas.*

Pag. 161 o verso quinto não he fim de falla, mas deve ler-se junto com o seguinte; sem fazer caso do nome *Ericia*, que erradamente se pôz à margem.

62 29 si mesmos a si mesmos.

Id. 30 andá indá.

164 v. 12 anima amima.

165 Escuta o coração da natureza.

*Lea-se*

Escuta o coração; da natureza.

172 v. 23 Resistenda resistência.

174 v. 16 attésaste affestastê.

176 v. 12 Perigo Prigo.

182 v. 15 hes tu mesmo e hes tu mesmo.

189 v. 12 as palavras *Ericia*, *Ericia*, pertencem á falla de Afranio, e não á de *Ericia*, que finda nas palavras, nunca mais te verei!

217 v. 7 e com doutrina e com mais doutrina.

225 v. 5 que a amor que ao amor.

Id. v. 28 mas mal.

227 v. 9 só hia sohia.

228 v. 17 que rodeião que a rodeão

332 v. 11 vindo rindo

236 v. 4 hoje merecer merecer hoje.

240 v. 5 Adivinhações Advinhações.

242 v. 4 escandalizado scandaliza.

246 *Temula* a *famula* em lugar das folhas

*Lea-se*

*Tremúla* a *flamula* em lugar das folhas.

252 Nota Δαρυει Δαρυει

253 v. 8 solto solta.

256 Epig. *Noso* non.

C 812  
J 82 A

05-11

Pag.	Erratas.	Emendas.
Id.	v. 2 sobrosos	sabrosos.
257 v. 2	Lusitania	Lusitana.
259 v. 14	Estes campos	Estes os campos.
Id.	v. 17 Sicreno	Siveno.
266 v 21	o globo	o triste globo.
267 v. 11	Que da antiga	Que inda da antiga.
270 v. 6	a raios	a raros.
275 v. 16	osculos	beijos.

O Leitor erudito desculpará, e supprirá outras, que por muito obvias pareceo escusado notar.

O Author da Ode a Camões, em resposta aos reparos (que lhe consta se tem feito) de não ter notado os versos da Lusitania, de que ella he quasi toda tecida, declara que o não fez por se perusadir que nao existiria hum Portuguez tão completamente ignorante que os não conhecesse.







2200

cc (BORBA I, 429)

SD 1/13/99

10/03







